CAUIRÉ IMANA, O CACIQUE REBELDE

OLIMPIO CRUZ

OLÍMPIO MARTINS DA CRUZ (Olímpio Cruz) nasceu na cidade de Barra do Corda, Maranhão, aos 20 de outubro de 1909. É funcionário público Federal, aposentado.

Como poeta, escritor e sertanista, sempre em luta a favor dos nossos índios, foi agraciado com a Medalha Nacional do Mérito Indigenista, conferida pelo Ministério do Interior, na categoria de Pacificador.

Olímpio Cruz é autodidata. Pertence a União Brasileira de Escritores de São Paulo e a Academia de Letras de Brasília.

É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana, RS, e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. É membro correspondente da Academia Internacional de Letras "3 Fronteiras" (Brasil – Argentina – Uruguai), de Uruguaiana, RS, membro correspondente da Academia Internacional de Ciências Humanísticas, de Uruguaiana, RS, e membro correspondente da Academia Internacional de Heráldica e Genealogia de Uruguaiana, RS, e outras associações literárias.

OBRAS DO AUTOR

PUTURÃ, poema indígena, 1946.
CANÇÃO DO ABANDONO, poesia, 1953.
ROSAS DO TEMPO, poesias, 1972.
VOCABULÁRIO DE QUATRO DIALETOS INDÍGENAS DO MARANHÃO, pesquisa, 1972.
CLAMOR DA SELVA, poesias, 1980.
LENDAS INDÍGENAS, pesquisa, 1981, em parceria com Maria de Lourdes Reis.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:
QI 06 – Conjunto D – Casa 54 – Guará I – Brasília DF – CEP 71000

CAUIRÉ IMANA, O CACIQUE REBELDE

OLIMPIO CRUZ

THESAURUS
BRASÍLIA – 1982

Copyright 1982 – OLÍMPIO MARTINS DA CRUZ

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org

C 957c Cruz, Olímpio Martins da.
Cauiré Imana:
o cacique rebelde.
Brasília, Thesaurus,
1982.
142 p. ilust.

981.21
t

Ao escritor Nagib Jorge Neto
e ao
Antropólogo William H. Crocker.

ERRATA

Na dedicatória à página 7, 3ª linha, onde se lê:
A Nonato, Dalva, Dinalva, Lindalca,
leia-se: A Nonato, Dalva, Dinalva, Lindalva
Na página 44, 11ª linha, onde se lê:
de pele de cotia, leia-se de pele de cutia
Na página 56, 11ª linha, onde se lê:
Pos último, leia-se por último.
Na página 64, na 40ª linha, onde se lê:
tombar de vem em quando, leia-se tombar de vez em quando
Na página 100, linha 11, onde se lê: inhumbu, leia-se inhambu.
Na página 123, linha 3, onde se lê: Olimpico, leia-se Olimpio.

A Zeferino e Vicência, meus pais.

A Maria José, minha esposa.

A Nonato, Dalva, Dinalva, Lindalca e Olímpio Júnior,

meus filhos.

ÍNDICE

O perfil da tragédia de Alto Alegre 13
O livro "CAUIRÉ IMANA. 17
As causas da revolta 19
A tribo Guajajara. 23
Cauiré Imana 25
Move-se a natureza 27
O Governador dá as armas. 31
Retorno de Cauiré e início da mobilização 34
No sonho a visão da tragedia 38
A grande festa. 42
O massacre de Alto Alegre. 47
Rompimento de Cauiré com Jauarauhu 56
Combate contra os indios de Cauiré 59
Outros combates 68
Ataque às aldeias Coco e Canabrava 74
Fuga de Jauarauhu com Perpetinha. 79
Combate da serra do Cumaru. 83
Chegada em Barra do Corda. 89
Jauarauhu e Perpetinha. 96
A visão da tragedia na palavra dos Capuchinhos 105
Relação de pessoal sobreviventes da época do massacre. 123
Documentação 125
Fragmentos de um relatório escrito por Marcelino Cesar de Miranda 133
Fontes Consultadas 141

PREFÁCIO

O PERFIL DA TRAGÉDIA DE ALTO ALEGRE

CAUIRÉ é um livro apaixonante, em cujas linhas o historiador Olímpio Cruz promove lúcida análise sobre a rebelião de Alto Alegre — antiga aldeia indígena situada no Município de Barra do Corda, no Maranhão — na qual se desenvolveu, no ano de 1901, chocante cena de sangue, quando os guajajaras arrastaram ao desespero e à morte padres capuchinhos e irmãs franciscanas, que ali formaram um núcleo missionário para fins de catequese.

O autor, sensível aos fenômenos existenciais, dada a condição de poeta de límpida inspiração — trouxe a lume o patético episódio. E assim se dispôs a recolocar a verdade no parâmetro do tempo. Graças a esse espírito de isenção, desdobra-se um enredo com os traços cromáticos de uma violência autóctone que veio gerar ressonâncias profundas, enquanto sobre o sangue e a lágrima erguem-se as gerações, postas sob a sombra de recordações trágicas.

Preservando os sentimentos da criatura humana, o escritor Olímpio Cruz deseja plasmar a imagem trêmula da catástrofe, movido pelo mais nobre escrúpulo. Neste lineamento de raciocínio, o autor desincumbe-se de tarefa complexa. E a todos é fácil deduzir que este livro faz a avaliação das partes envolvidas no conflito, de modo a poder repartir-se entre os flancos morais em exame o pesado ônus.

Estabelecidos em Alto Alegre desde dias imemoriais, os índios guajajaras sustentavam, como virtude permanente, extrema fidelidade à sua ancestralidade científica, e qualquer afrouxamento de culto aos deveres ritualísticos incidiria em conspurcação de uma vetusta estrutura antropológica.

Chegados a Alto Alegre os sacerdotes da Igreja Católica, esses peregrinos de Roma, programaram a consumação de eloqüente trabalho de catequeses dos silvícolas, sobrevindo o propósito definido

de incorporação de recém-nascidos à doutrina cristã. Esta missão, embora sublime e laboriosa, carecia de razões táticas, e acabaria por configurar uma didática desastrosa, desde que teria de atuar em área selvática, mediante regras sútis e hábeis, e tendia, destarte, a desarticular um elenco de princípios seculares, formadores de uma tradição emoldurada por velhas e austeras belezas.

Na abordagem prudente deste aspecto, constata-se que Anchieta — o sábio de batina que nos chegou de Tenerife — recorreu a uma metodologia diferente, tão engenhosa quanto fascinante. Pois o missionário da Companhia de Jesus, antes de induzir os ameríndios a conhecer a nossa língua, tratou de familiarizar-se com o idioma e os dialetos daqueles nossos irmãos da selva, em sua longa vida aventurosa dentro de hostil geografia meridional. Nenhuma insurreição ocorreu, ou quaisquer motivações teriam justificado a fermentação de atritos ou combates à cruzada evangélica do padre-poeta que, um dia gravara nas praias alvinitentes do sul o fascínio de um poema dedicado à Virgem Maria, embora as ondas pertinazes viessem cobrí-lo, para o recolher como um legado à majestade misteriosa do mar.

Livre das veemências do infortúnio, Anchieta, com a sotaina andrajosa, e tal um andarilho exausto, conquistou a aclamação consensual das tribos, que a ele se uniram, levantando as pilastras de uma civilização, que evoluiu na sua escalada imperecível.

À falta de aprumado enfoque científico, tornara-se embaçado o altruísmo dos sacerdotes, insolitamente jogados no vácuo de clamorosa desgraça, enquanto Cauiré, o chefe de Estado, e todos os seus guerreiros fiéis, que obstinadamente lutaram pela incolumidade de seu fóro de avoenga cultura, foram apressadamente castigados pela História, porque, agora, os bravos lidadores ficariam execrados como turba facinorosa, alvejados pelos apupos de populaçõess brancas, e até mesmo das autoridades que se renderam ao passionalismo.

80 anos escoados, expõe-se diante de nossos olhos um extenso pântano, onde submergiram os erros mais torpes. E forma-se um campo de solidão, em que os abafados sentimentos de angústia, tanto dos padres como dos aborígenes, estão derrotados, sobrevivendo apenas uma sinistra lembrança.

Ocorre que a lúcida inconformação do historiador Olímpio Cruz leva-o a recompor um quadro sociológico estilhaçado pela miséria. E em estilo de expressiva força, o escritor acende a luzerna

de seu talento analítico e desce ao abismo de dramáticos tormentos indormidos, onde vai dialogar com espectros de uma contestada eternidade. E emerge, depois, o inspirado homem de letras, com os restos que ficaram do morticínio.

Depois de viver por vários decênios junto aos silvicolas, como um sertanista carregado de humanismo, Olímpio Cruz é uma das mais autorizadas inteligências brasileiras a perquirir as sombras repousadas nessa curva do tempo.

O CAUIRÉ apresenta-se, por isso, como obra permanente. E em suas páginas vêem-se os intuitos irrefreáveis do autor em restabelecer a dignidade de um fato histórico.

Fervoroso adepto da justiça e desejando sobretudo influir no juízo da Posteridade, o historiador Olímpio Cruz entende que os ódios ou mágoas perderam o calor. Porque os missionários cristãos e os heróis de tanga estão todos envolvidos no manto do martírio.

WOLNEY MILHOMEM

APRESENTAÇÃO

O LIVRO "CAUIRÉ IMANA"

Desde algum tempo perseguíamos a idéia de publicar um livro sobre o tão falado massacre de Alto Alegre, cuja estória tem como principais personagens o tuxaua João Caboré — o Caoré Imana, ou simplesmente Cauiré, como era chamado por sua gente — e Perpétua dos Reis Moreira, que era estudante em regime de internato no Instituto da Missão de São José da Providência, seqüestrada, na época, por um jovem índio.

Acreditamos que, depois de Antônio Conselheiro, em Canudos, na Bahia, a revolta comandada pelo índio Cauiré, no Maranhão, amalgamada de misticismo e idéias de liberdade, resultante de uma inábil e apressada catequese de missionários estrangeiros, bem intencionados, porém, desconhecedores ainda dos usos e costumes dos nossos aborígenes, alcançou lugar de destaque entre os movimentos nativistas brasileiros.

Possuindo, em parte, material e documentos adquiridos no correr dos anos, em exaustivas pesquisas realizadas por algumas cidades do interior maranhense, em diversas aldeias da tribo guajajara, (algumas delas, hoje inexistentes) e também através de conversas com pessoas daquela época e alguns índios sobreviventes dos acontecimentos, apresentamos ao leitor o nosso trabalho que pretendemos se constitua, apenas, em esclarecimentos dos fatos e forneça subsídios aos estudiosos da causa do índio brasileiro.

CAUIRÉ IMANA, uma reportagem-documento sem pretensão alguma de amoldar-se às características de romance, além das crenças, usos e costumes dos guajajaras, relata as causas que, para os índios, justificaram aquele massacre em Alto Alegre, município de Barra do Corda, no Maranhão, conseqüência de um violento choque entre duas civilizações culturalmente distanciadas vários séculos.

AS CAUSAS DA REVOLTA

Os frades lombardos Capuchinhos chegaram a Barra do Corda, no Maranhão, em 1895, ano em que fundaram na cidade uma escola para os curumís, isto é, as crianças índias em idade escolar. Essa escola, logo de início, chegou a ter oitenta alunos, aos quais os missionários davam instrução primária, algum conhecimento de música, carpintaria, sapataria e olaria, mas em contrapartida instigavam reação às aldeias, pois as tribos não só eram céticas em relação a tais valores da catequese, como também não aceitavam a separação dos filhos.

Mesmo em face dos lances de resistência, a Missão Capuchinha adquiriu terras em Alto Alegre, a setenta e dois quilômetros de Barra do Corda, e ali tentou levar adiante a catequese, então próxima das aldeias dos Guajajaras. Os missionários ergueram colégio, igreja, casas, engenhos, e também cuidaram de desenvolver a agricultura, com o plantio de arroz, milho, feijão, mandioca, batata doce, amendoim, cana-de-açúcar e árvores frutíferas.

A catequese parecia andar bem, com avanço tranqüilo, sem perceberem os frades que havia um movimento insurrecional em estágio embrionário, cuja desenvoltura dificilmente seria contida, já que aquele complexo esforço de estruturação evangélica contrapunha-se a um princípio de antropologia cultural irremovível em que se inspirara esse grupo tribal. E então, embaçadas as lentes de observação científica dos missionários peninsulares, emergiu aquela inconformação latente, e quando surge a revolta liderada por Cauiré Imana, ou João Caboré, que ataca a povoação a 13 de março de 1901, este ordena a morte de todos os civilizados. Depois embrenha-se nas matas, onde trava combates com forças policiais, índios aliados e colonos, sustentando por dois meses um dos mais sangrentos episódios de rebeldia no sertão maranhense.

As raízes dessa revolta, que teve centenas de mortos, estão, destarte, ligadas diretamente ao choque de valores entre índios e brancos e ao processo de colonização implantado pelos Capuchinhos que desembarcaram em Pernambuco em 1892 e no mesmo ano vieram para o Maranhão, com a ajuda de D. Antonio Cândido de Alvarenga, superior da Diocese daquele Estado. Oficializada por Decreto Canônico de 12 de maio de 1894, a Missão dos Capuchinhos, chefiada por Frei Carlos de São Martinho de Olearo, estabeleceu-se no ano seguinte em Barra do Corda.

Ressalte-se que os missionários implantaram, a 1º de julho de 1896, a Colônia de São José da Providência, ocupando as terras de Alto Alegre, situadas entre as cidades de Barra do Corda e Grajaú. Assim a Missão ficava no centro de diversas tabas, tais como: Coco, Canabrava, Sapucaia, Altamira, Colônia, São Pedro, Cachoeira, Sardinha, Mundo Novo, Sequiser, Farinha, Uchôa, Naru, Mussum, Jurema, São Carlos e Morcego.

A tela da memória nos leva a interpretar, com meridiana convicção, que essa proximidade viria facilitar o contato, mais direto, com as aldeias, objetivando-se o recrutamento de crianças para o internato do colégio, bem como a participação dos índios em missas, terços, aulas de catecismo, ficando a impressão de que a religião pregada seria absorvida, com seus rituais e conceitos. Os índios, entretanto, ficavam muitas vezes sem nada entender, ouvindo falar do poder e dos grandes milagres do sublime Nazareno — e pareciam achar pitorescas somente as festas religiosas, tão diferentes das suas, sobretudo as relativas ao período da Semana Santa. Tal descompasso era natural entre os índios da região, pois até então apenas houve uma tentativa de catequese, desenvolvida pelo missionário Frei José de Lóro, que faleceu em 1882, após se estabelecer às margem do rio Mearim, nas proximidades da aldeia Colônia.

Nessas condições a Missão dos Capuchinhos — doze sacerdotes, cinco leigos e cinco irmãs — cuidou de apressar o esforço e também disseminar o cristianismo entre a população sertaneja. Alto Alegre tinha então um Centro Educacional que, além da matéria didática, ensinava corte e costura, canto, educação doméstica, religião, atraindo alunos das famílias das redondezas. O internato contava com uma organização modelar para os padrões da época, "várias famílias abastadas, de Barra do Corda e Grajaú, empenharam-se para que recebessem, ali, as suas filhas", segundo registra o livro São José do Grajaú, Primeira Prelazia do Maranhão, de Frei Metódio de Nembro.

Ali é que se encontrava, no dia do massacre, a estudante

Perpétua dos Reis Moreira, hoje figura lendária na região. Contra as ordens de Cauiré, que não queria nem um só branco vivo, ela é poupada por um dos caciques e conduzida para a selva. Ao que se conta, aquele cacique se apaixonou por Perpétua na hora em que a viu e decidiu torná-la sua mulher. Desde então nunca mais foi vista, restando versões de que com ele teria tido filhos.

Perpétua ou Perpetinha era filha de Francisco e Eva dos Reis Moreira, ricos fazendeiros no município de Grajaú. De olhos verdes, cabelos louros, rosto oval, ela estava com 14 ou 16 anos na época do ataque a Alto Alegre, na verdade uma comunidade em crescimento, com colonos de Barra do Corda, Grajaú, Pastos Bons, Riachão e Santo Antonio de Balsas, todos atraídos pela fertilidade das terras e por notícias sobre os planos de trabalhos da Missão.

Francisco dos Reis Moreira, pai de Perpetinha Moreira.

Era o ambiente próprio para a revolta: além da inabilidade dos missionários — proibindo aos índios danças, bebidas, fumo, poligamia — havia a exploração dos colonos, que pagavam com bugigangas o trabalho e os produtos dos índios. Daí surgiram as intrigas contra os Capuchinhos, tecidas pelos colonos, que também se sentiam ameaçados: o índio era mão de obra barata, disputada por agricultores, fazendeiros, comerciantes; e a Missão, mesmo assim, ainda pagava melhor preço aos índios por seu trabalho, quer em dinheiro, quer em mercadorias, de sorte que aproveitava-se deles o produto de uma força de trabalho sombria e aviltada.

Nesse ambiente, temendo a competição, os fazendeiros e comerciantes estimularam a reação aos missionários, que precisavam dos índios, principalmente para o corte de cana, cambitagem e moagem. Os missionários remuneravam melhor o trabalho índio, contudo pecavam por tentar impor imprudentemente as obrigações de uma vida religiosa oposta à sua cultura, bem como romper com seus costumes, tradições, de que eram exemplos os hábitos de fumar e beber, certas danças e o direito de ter mais de uma mulher.

Os amerindios passavam do temor da aflição de um cativeiro aos delírios de uma vingança a qualquer custo. E a rede de espoliação transcendia já ao núcleo clerical. Havia colonos e fazendeiros submetendo os silvícolas aos ditames de uma ordem econômica implacavelmente desumana, abolindo os próprios sentimentos de liberdade que gritavam nas veias dos aldeiamentos nativos.

A TRIBO GUAJAJARA

A tribo dos índios Guajajara, localizada nos municípios de Barra do Corda e Grajaú, bem como às margens dos rios Mearim e Pindaré, era bastante numerosa e dividia-se em muitas tabas, cada qual governada por um chefe ou tuxaua, escolhido entre a sua gente em razão da bravura, caráter e honradez.

Havia nas tabas, além do cacique, o Pajé, os anciãos conselheiros e os índios iniciados nos mistérios da Mãe-d'água, com suas lendas e crendices do Reino do Fundo. Dentro da organização tribal encontravam-se também os moços guerreiros, que cuidavam das caçadas, pescarias, tiragem do mel de abelhas e os que se dedicavam à lavoura ainda rudimentar, como o plantio dos cereais mais necessários à subsistência de cada grupo.

As mulheres encarregavam-se do preparo da alimentação da família, fabricando farinha, beiju e preparando o moqueado. Auxiliavam os maridos no trabalho das roças durante a fase da plantação dos legumes, no serviço da capina ou limpeza dos roçados e no transporte dos cereais colhidos, conduzindo-os para os jiraus de armazenamento feito sob as suas tejupás.

As jovens ajudavam as mães e parentas nos afezeres da casa, na preparação do cauim, da garapa feita com mel de abelha e de outras bebidas feitas do suco de alguns frutos silvestres.

Geralmente, as mulheres eram exímias artesãs na confecção de enfeites de penas coloridas, cocares e outros, bem como tranças preparadas com a fibra do tucunzeiro, colares de semente de pequenos frutos secos, entremeados de unhas de caititu, bicos de tucano, dentes de macaco, jacaré, onças e de outros animais de porte menor.

O universo de domínio ou influência da nação Guajajara compreendia a Serra Negra e parte dos cursos dos rios Mearim, Corda e Grajaú, abarcando extensa região de terra firme onde predomina-

vam florestas virgens em toda a sua pujança, com as riquezas da fauna e da flora, intocadas pelos civilizados, isto até fins do século XIX.

A paisagem constituía-se de seculares e gigantescas árvores: o jatobazeiro, o angico, o cedro, a aroeira, a sumaumeira. E de diversas outras, inclusive de menor porte — guabirabeira, pitombeira e tutiribá — de cujos galhos pendiam saborosos frutos. Aqui e ali, esparsamente, apareciam as palmeiras de babaçu, macaúba e tucum, com pesados cachos que serviam de alimento não só aos índios, como também aos animais.

Nos velhos troncos e ocados galhos, freqüentemente desenvolviam-se enxames de abelhas teúba, jandaíra, uruçu, jati e mombuca. Nas ramalhudas ingaranas e sapucaieiras saltavam irriquietos macacos e guaribas, interrompendo o trinado alegre dos corrupiões, e piado dos anuns e a forte martelada da araponga; antas, veados, caititus, porcos queixada, onças pretas, pintadas e suçuaranas tinham nessa região temerosa e bela o seu habitat.

As margens dos rios, das lagoas ou em terrenos alagadiços, além dos bandos de capivaras, via-se o esvoaçar das jaçanãs. Aves desde o mutum, o jacamim, o jacu, o jaó e outras — enriqueciam a fauna daquelas paragens onde não faltava o terrível gavião. Nos lagos, rios ou ribeirões mais afastados, encontravam-se os peixes: surubim, traíra, jeju, mandubé, mandi e outros, inclusive a piranha. Via-se também entre estes os seus implacáveis devoradores — o jacaré e o sucuriju.

Entre a folhagem caída sob as moitas, como um dos maiores perigos para quem ousasse ali penetrar, estavam traiçoeiramente prontas para o ataque a cascavel, a surucuru, a jararaca e a coral, juntando-se a estas, ainda, o perigosíssimo escorpião e diversos tipos de venenosos aracnídeos.

Próximo às urtigas, ao cansanção e a outras espécies, embora menos perigosas, estavam as formigas tucanguira, tanajura, taióca; na ponta dos galhos mais baixos e no amaranhado dos cipós, variados grupos de marimbondos.

Para completar o cenário daquela selvática região, repleta de beleza e de perigos, não faltava durante o dia uma chusma de mutucas, piuns, moscas e maruís e, à noite, um incômodo lençol de carapanãs.

CAUIRÉ IMANA

Naquela região, vasta e sonolenta, com escassa penetração do civilizado, é que vivia João Caboré ou Cauiré Imana. Era um dos

Zeferino Martins da Cruz, o sertanejo, (pai do autor), descobridor do local da extinta aldeia Jacaré.

mais bravos guerreiros da tribo Guajajara. Ele nasceu na aldeia Jacaré, entre a lagoa e os contrafortes da serra do mesmo nome, redescoberta vinte e cinco anos depois pelos agricultores Zeferino Martins da Cruz, Veríssimo José dos Santos, Raimundo Ferreira da Cruz e outros. No local hoje floresce uma povoação fundada em 1930 pelos nordestinos Raimundo Almeida e Cícero Pacheco, seguidos de um pequeno grupo de comerciantes.

Da aldeia onde nasceu, Cauiré afastava-se com alguns dos seu grupo para caçadas e lavra da terra nas proximidades das lagoas Sabão, Cojuba, Impoeira e Cinturão. Somente algumas vezes em suas andanças, penetrava nas matas da região Madaí, já perto do rio Grajaú, procurando sempre evitar possíveis encontros com seus tradicionais inimigos, os Timbiras, então chefiados pelo bravo índio Toropá.

De outras vezes, entretanto, Cauiré, subindo, desviava-se dos Gaviões e Caracatis, e chegava até o ponto em que as águas começavam a correr em direção ao Tocantins; descendo, depois, atravessava outros rios, entre eles o Santana e Funil, e margeando do alto ao baixo Pindaré até contemplar o Gurupi, de que tanto lhe falara o velho pagé, seu avô, quando era apenas um caçador de inhambu e juriti.

João Caboré, um tuxaua valente, astuto, à época do massacre, apresentava mais ou menos quarenta anos. Como os demais de sua raça, era de estatura mediana, de ombros largos, músculos rígidos e divididos. Possuía o abdome um pouco avolumado, já demonstrando tendência para a obesidade, o que lhe prejudicava o porte atlético.

Só tinha o olho direito. O esquerdo havia sido vasado por um espinho de tucunzeiro, quando um dia cortava o colmo dessa palmeira. Sua boca era pequena, e os lábios, mais grossos do que finos, eram sombreados sobre o lado superior, por uma meia dúzia de curtos cabelos aconchegados e caídos nas extremidades.

Embora de meia idade, conservava-se quase imberbe, não possuindo mais de uns vinte fios de cabelos na ponta inferior do queixo, os quais pareciam até com cerdas de caititu.

Durante as viagens costumava usar sobre a cabeça um gorro feito de couro cabeludo de macaco cuxiú ou de guariba, o que lhe dava uma aparência ainda mais estranha.

MOVE-SE A NATUREZA

Verão do ano de 1900. A cena da criação esconde inquietantes mistérios. Os paus-d'arco tinham as suas frondes cobertas de flores. As jaçanãs em vôo mais alto sumiam pelos baixões, na mataria. E das inhumas o canto mal se ouvia, tão distante, atrás da serra. Tudo parecia fugir em busca de rios e lagoas de águas mais fundas, permanentes, numa costumeira despedida até que regressassem as chuvas do inverno vindouro.

Como era de costume, Cauiré, todos os anos, fazia algumas viagens naquela época, estação propícia para as caçadas e pescarias. Aconteceu mais uma vez pretender partir com guerreiros e caçadores, assim como algumas mulheres práticas no preparo do moqueado e que pudessem auxiliar a preparar a massa da mandioca destinada à fabricação de farinha e de beijus.

Após tudo acertado, um pequeno grupo de homens e mulheres, tendo à frente o tuxaua Cauiré, partiu. Os índios pensavam que seria uma viagem de rotina, exceto Cauiré, que sabia ser bem diferente das outras jornadas.

No grupo, que daquela hora em diante começava a viajar, cada índio pisava, um após outro, sobre o mesmo rastro, deixando transparecer que, por onde iam, ali não passava mais de uma pessoa.

Passadas as primeiras horas da manhã, quando a sombra de cada um caia menos densa a seus pés, explicou o chefe Cauiré que na frente estava a lagoa do Calumbi. Ele não quis se demorar na sua velha aldeia Jacaré, então transformada em tapera, temendo a alma ou azang do velho pajé que talvez o mandasse voltar; além um pouco, iriam pousar e comer carne moqueada. Bastava somente pôr sobre a farinha a água fria e preparar o xibéu.

Depois tomariam o rumo do igarapé Buritirana para dormir nalgum terreno mais alto.

Não se demoraram. Desceram pelo baixão do Côco, atravessaram a lagoa do Peba, aqui e acolá espantando os caititus e outras caças pequenas que facilmente seriam conduzidas ao lugar do pernoite.

O sol ia baixando e aqueles índios já se impacientavam de ainda não terem chegado a Buritirana, pois há mais de uma hora que haviam deixado para trás o baixio da lagoa do Calumbi. O que mais lhes interessava era não se aproximar das regiões dos Timbiras, Geralda, Toco Preto e Primeiros Campos, de onde estariam distantes umas cinco ou seis léguas. Afinal, começaram a ouvir o coaxar dos sapos e os gritos assustadiços das jaçanãs, sinal certo das proximidades daquele igarapé. Animados, foram seguindo mais pelo lado direito em que a mata era um pouco aberta, a fim de que pudessem com pressa escolher o local nas condições desejadas para o descanso daquela noite.

Logo que chegaram ao igarapé, após se fartarem de água fria, subiram a um pequeno morro, limparam alguns metros de terra, improvisaram fogueiras, estenderam esteiras de palha e armaram algumas de suas redes ou maniás. Enquanto isso, as mulhres foram cuidar das caças abatidas, a fim de serem assadas ao calor das brasas. A carne seria dividida com todos, quantidade igual para cada um, com exceção do chefe que receberia um pouco mais, e especialmente recebendo os melhores e saborosos pedaços, na sua bonita e bem ornada coité.

Logo que anoiteceu, os índios adormeceram. Apenas Cauiré não conseguiu dormir logo. E assim fumou cigarros, só dormindo depois da meia noite, quando sonhou que chegava a uma grande cidade de casas altas e bonitas, onde se derramava a luz. E que ao penetrar na sala de uma das maiores e ricas casas, avistava um homem branco que lhe dizia ser o governador, o Papai Grande, o Caraiumui, o chefe que dirigia a todos: ricos, pobres, frades, freiras, brancos, pretos e índios; com ele trocou algumas palavras. O homem branco ofereceu-lhe presentes e ainda um papel todo escrito que lhe dava fortes poderes para melhor dirigir a sua tribo.

No outro dia, pela manhã, Cauiré despertou sorrindo e tão bem humorado que foi logo interrogado pelos seus companheiros:

— Que aconteceu, chefe? Chefe sonhou ou viu a azang do velho pajé que tanto te protege?

Cauiré, continuando a sorrir, respondeu:

— Não, é que Cauiré se torna um sábio, muito mais do que o falecido meu avô. Teve um sonho muito bom.

— E como é? Indagaram os índios.

— Sim, Cauiré não nega nada. Chefe Cauiré, homem guajajara, não costuma mentir.

Contou então Cauiré que essa viagem fazia parte do plano de libertação da sua raça, ameaçada de ser escrava. Ele precisava lutar contra o extermínio. Precisava lutar para afastar de suas terras aquele bando de invasores que lá estava se apoderando de tudo o que era dos índios, somente deles. Daquela vez já iam viajando em direção a São Luís, a tal cidade grande e bonita onde morava um poderoso chefe branco que, segundo diziam, era muito bom, ia conhecê-lo e pedir-lhe proteção; como também oferecer-lhe sua amizade. Com esse Caraimui, pretendia tratar de diversos assuntos de interesse da nação Guajajara, pois tinha certeza que ela corria grande perigo. E se estava alegre, sorrindo, era somente porque vira em sonho muita coisa boa acontecer.

Caso o seu sonho não falhasse, com a ajuda dos seus guerreiros e dos índios de outras tabas, poderia libertar a tribo Guajajara, a fim de que todos pudessem voltar novamente a ser os verdadeiros donos da imensa e verde terra que herdaram de Tupã.

Os índios que se encontravam ali ficaram boquiabertos e afinal, pensando em tudo, disseram que estavam entendendo o sentido da viagem rumo a outras bandas desconhecidas.

Cientes do destino que tinham agora a seguir, e entusiasmados com o plano daquele tuxaua, eles prosseguiram na viagem, mas sempre sob o cuidado de não se aproximarem das aldeias dos adversários Timbiras.

Cedo começaram a atravessar a extensa mataria que desce entre os rios Grajaú e Mearim, porém, margeando o primeiro, a fim de que, quando estivessem lá muito embaixo, pudessem se desviar de possíveis encontro com os índios da tribo Kranzê (hoje extinta), cujos vestígios ainda se encontram no município de Bacabal. Daí, retrocedendo para o lado do Mearim, desceram acompanhando sempre o curso do rio.

Decorridos vários dias de viagem, certa noite, disse Cauiré que estavam se aproximando da cidade de Caraimui, o chefe de todo aquele pedaço de mundo, com quem pretendia ter um demorado entendimento. E mais além comentou que ali não era mais aquele velho Isô, o Mearim sem perigosos encantos. Nem era mais aquele parecido cipó, fino e comprido, de tantas curvas como a moimaracá ou cascavel, a deslizar sobre o chão vermelho. Agora, depois de ter engolido outros rios menores e também engrossados igarapés, era

como a sucuriju que se avoluma após ter o ventre empanzinado pela indigestão da gorda capivara, abocanhada, aos arrochos lentamente. E em seguida anunciou que em breve chegariam à grande cidade.

No dia seguinte, quando estavam descansando à sombra de um frondoso creoliseiro que marcava a curva graciosa do rio, enxergaram alguma coisa diferente vir surgindo, embora longe, à sua frente. Passados alguns minutos, avistaram ao certo que era uma embarcação, parecendo vir por último, já navegando na direção da mesma curva, onde estavam reunidos.

Logo, começaram a gritar e a acenar para que os tripulantes daquela embarcação chegassem até eles.

Depois de algumas palavras entre o barqueiro e Cauiré, este pediu-lhe passagem para si e seus companheiros.

O dono da embarcação ficou bastante satisfeito em transportar aqueles índios, pois assim teria a oportunidade de conhecer e falar também com o Presidente da Província, no dia em que fosse com eles até o Palácio.

Dois ou três dias depois, deixando de viajar por águas menores, conforme eles diziam, pararam num estreito porto, e a convite do atento barqueiro, mudaram-se para outra embarcação de maior calado, suficiente para navegar sem perigo e melhor enfrentar o mar.

Na manhã do dia seguinte, fascinados, contemplando a vastidão das águas, eles penetraram na verde faixa do oceano que vistosamente circunda a velha cidade de São Luís do Maranhão.

O GOVERNADOR DÁ AS ARMAS

Assim que pisou em terras de São Luís, Cauiré olhou aquela alastrada casaria à sua frente e disse aos seus companheiros que era aquela a cidade que viu em sonho.

Ao lado do velho barqueiro, os índios caminharam rumo ao Palácio. Por onde passavam, em redor, agrupavam-se pessoas curiosas, muitas que não tinham conhecimento com índio, perguntando-lhes os nomes, de que tribo e de onde vinham. Respondiam algumas e silenciavam outras. Outras vezes nem olhavam para o chão em que pisavam, pois tinham os olhos levantados para os sobradões e outros prédios, cujas paredes revestidas de azulejos rebrilhavam ao sol.

Quando chegaram ao portão do Palácio junto com João Barros, o guia que os conduzia, houve ordem para entrar. Então Cauiré e seus índios subiram as escadarias até alcançar uma vasta sala, onde um funcionário mandou que todos se sentassem à vontade e aguardassem o chamado para a entrevista com o governador, naquela época o Dr. João Gualberto Torreão da Costa.

Na sala de espera, ansiosos ficaram aguardando a hora do acesso à presença do Papai Grande, como eles gostavam de chamar aquela principal autoridade.

Ainda não passara uma hora e Cauiré tinha gestos de impaciência, porém, o seu guia, homem muito calmo e prático, explicou:

— Na cidade, amigo, as coisas são mesmo assim. Tenha calma. Não vai tardar mais. Você não se decepcionará.

Meia hora depois, ouviu-se o toque de uma campainha. Um funcionário fardado entrou e outros saíram. Logo mais, abriu-se uma porta e um idoso servidor avisou que poderiam entrar, porém, apenas o chefe e o seu guia, o barqueiro João Barros, também conhecido por João Piloto. Diante disso, Cauiré, levantou-se mal satisfeito e argumentou que se os seus companheiros não pudessem en-

trar para ver de perto o governador, ele ia voltar imediatamente para embrenhar-se nas matas, preferindo daquela hora em diante fazer amizade até com o canguçu da serra, a sujeitar-se a entendimento algum com quem quer que fosse de tal raça branca, assim tão orgulhosa, que parecia julgar-se melhor do que eles, os índios, donos também de imensas regiões por quase toda parte do Novo Mundo feito pelo poder e a força de Tupanaçu!

Após as palavras de Cauiré, o popular João Piloto, demonstrando calma e compreensão, explicou:

— O meu amigo índio tem razão. Ele veio de longe, somente pra falar com o Presidente da Província e sente prazer que seus irmãos da selva também conheçam essa autoridade superior.

Instantes depois, o funcionário que, momentos antes, havia chamado o barqueiro e Cauiré para entrarem, apresentou-se novamente, dizendo:

— Alegrem-se! O governador mandou dizer que tem muito prazer em receber o chefe e sua comitiva.

Cauiré, seus índios e João Piloto foram logo encaminhados ao gabinete. Cauiré, ao aproximar-se do Dr. João Gualberto Torreão da Costa, estendeu-lhe a mão calosa, saudando-o apenas com duas palavras no seu próprio dialeto:

— Sanecuêma, Caraimui!

O governador, compreendendo que se tratava de uma saudação, no mesmo instante respondeu-lhe:

— Sê bem vindo, grande chefe amigo. Além de eu ser amigo e protetor de tua raça, muito mais brasileira do que a minha, quero provar-te a minha amizade e consideração, neste nosso feliz encontro. Senta ao meu lado e fala! Estou pronto a atender-te no que reclamares, pretenderes ou solicitares. E isto, o faço da melhor vontade.

Depois de rápidas apresentações, o governador cumprimentou a todos os índios, homens e mulhres, agradecendo ao barqueiro João Barros por ter em boa hora trazido aqueles silvícolas à sua presença.

Cauiré, primeiro que tudo, ofereceu ao governador muitos presentes: arcos, flechas, machados de pedra, lindos cocares de penas coloridas e outros artigos do artesanato de sua tribo. Depois, num português atrapalhado, conversou bastante sobre as suas pretensões, principalmente sobre a necessidade de ser-lhe concedido um título de nomeação para o cargo de chefe supremo da tribo

Guajajara, a fim de que melhor pudesse governar o seu povo. Cauiré recebeu esse título do governador que também lhe deu armas: espingardas, rifles e munições de pólvora, chumbo e espoleta, inclusive uma pequena máquina de fazer balas e cartuchos, além de tesouras, facas, canivetes, facões e serrotes pequenos; ele recebeu também alguma ferramenta de lavoura, roupas feitas e outras cousas do agrado dos índios.

Demoraram-se oito ou dez dias na capital, aguardando o momento em que João Piloto deveria conduzí-los até o local onde os encontrara, tudo isso já obedecendo instruções do governador.

O Dr. Torreão da Costa recomendou-lhes que voltassem ao Palácio e não regressassem sem se despedirem dele pessoalmente.

João Piloto, conforme recomendação do governador, fizera com que aqueles índios conhecessem as principais ruas e logradouros públicos da cidade, tendo até os levado certa noite a uma casa de teatro.

Por duas ou três vezes ainda visitaram o Palácio e antes de partir foram se despedir do governador e agradecer-lhe os favores e a boa hospitalidade.

Nobre o gesto de um homem público que acolheu aqueles indígenas.

RETORNO DE CAUIRÉ, INÍCIO DA MOBILIZAÇÃO

De volta de São Luís do Maranhão, no mesmo barco de João Piloto, Cauiré e seus companheiros, ao pisarem em terra, ganharam as matas, deixando às costas o rio Mearim e rumando para as bandas do baixo Pindaré, região que o chefe Guajajara pretendia percorrer para atrair os caciques à sua aldeia e desencadear a rebelião contra os catequistas e colonos.

No oitavo dia de viagem, Cauiré afastou-se mais para o Noroeste, avistou a aldeia de Jauarauhu, a qual se situava sobre uma pequena serra desnuda de árvores de alto porte, apenas circundada de capim agreste. Nessa hora, as aves voltavam aos ninhos, os grilos anunciavam a aproximação da noite e se começava a vislumbrar fogueiras.

Então outros índios se aproximaram e mais tarde Cauiré e os seus, foram servidos com carne moqueada, beijus de massa de aipim, tirama e tiramaeté, isto é, farinha seca e de água ou puba, mel de teúba e jati. O chefe Cauiré contou aos demais a razão de sua presença sobre a viagem a São Luís, a generosidade do Governador, e marcou encontro com Jauarauhu.

No outro dia, quando o formoso Quarahi (Sol) brilhava sobre a serra, os dois seguiram para uma lagoa, sentaram sobre umas pedras próximas, combinaram tudo sobre a festa, assunto que levou Cauiré a outras aldeias à margem do Rio Pindaré, e outras mais ao centro da mata.

Mais tarde parou na aldeia do Cacique Arapuá, local onde se demorou mais tempo, pois as cunhãs mais jovens estavam cansadas. Ali Cauiré conquistou a amizade de Arapuá, falando sobre a festa que haveria em sua aldeia e sobre as ameaças que colonos e catequistas representavam para a sua nação.

Era o início da mobilização para o ataque a Alto Alegre.

Dispostos, já refeitos do cansaço e fadiga daquela demorada viagem, prosseguiram mataria a dentro, sempre em busca de mais aldeias, inclusive a falada aldeia da Mangueira, então chefiada pelo bravo guerreiro Tataíu, alcançada depois de um dia e meio de viagem exaustiva.

Cauiré, logo que chegou, não se demorou em tratar do assunto de sua visita e a sua verdadeira finalidade, tendo tudo acertado com Tataíu que prometu não faltar de maneira alguma ao chamado de tão valoroso cacique do Alto Mearim.

Muitas outras tabas foram visitadas. Em cada uma delas demoravam-se de um a dois dias, fazendo maior contato com seus chefes e acertando a data em que deveriam se apresentar à grande festa, marcada daí a quatro luas.

As últimas aldeias visitadas durante o seu regresso estavam situadas às margens direita e esquerda do baixo e médio Grajaú.

Entre os chefes mais fortes, com quem o tuxana Cauiré contava em todos os sentidos para travar a sua luta, destacavam-se os seguintes: Jauarauhu, Menerumam, Izanemana, Tataíu, Tuitina, Itaunema, Arapuá, Justino, o Uirahu, também conhecido por Gavião Real, e os índios semicivilizados, Luizão, Antonio Correia Lima, Parica, Antonio Carlos e Pedro Velho, todos também chefes de grandes aldeias. Havia ainda outros caciques de tabas menos populosas, que de qualquer forma estariam de última hora.

Embora exaustos, indicavam descontração de espírito, naquela nublada e quente tarde do mês de dezembro, quando chegaram à velha aldeia, nas proximidades de Alto Alegre, de onde há mêses haviam se retirado.

Voltando, agora eles eram recebidos por toda a sua gente, que demonstrava vibrante entusiasmo. Os índios estavam contentes, porque durante aquela ausência nada de anormal havia acontecido, pois o índio que ficara responsável pela aldeia — o subchefe — tudo resolvera sem alteração.

Poucos dias depois da chegada à aldeia, Cauiré convocou o povo da selva para uma reunião, e escolheu diversos homens de sua confiança. Mandou a todas aquelas tabas restantes, situadas no alto Grajaú e partes do rio Santana, ribeirão Funil e outros, ordem em forma de convite, para os chefes guajajaras de aldeia ou maloca, expondo o caráter grave do chamado, por envolver aspecto extraordinário, pertinente ao próprio destino da raça.

Na mesma ocasião ordenou aos índios caçadores e pescadores que se dedicassem, por dois meses, a caçadas e pescarias; mandou

que as cunhãs ficassem encarregadas do trabalho de moquear as caças e peixes que lhes fossem trazidos, bem assim ainda deveriam cuidar da fabricação de farinha puba e seca — as denominadas tira-nema e tiramaeté. Ordenou às moças que começassem a arrancar inhame, batata doce e colhessem abóboras, jerimum e amendoim. Por último dirigiu-se aos rapazes para que cuidassem em tirar mel de abelhas, recomendando que deveriam ser conservadas em seus depósitos e lugares apropriados, até que chegasse o dia da festa.

Essas ordens foram cumpridas à risca, recomendando-se antes aos índios caçadores que, ao saírem para a sua missão, não se esquecessem de levar alguns pequenos maços de folhas de fumo ou tabaco, e por onde fossem deixassem espalhar algumas folhas, a fim de agradar ao Maranuíu, o Caapora, e este consentisse e favorecesse o trabalho das caçadas, como também evitassem atirar ou flechar a caça maior que viesse bem à frente das outras. (Isto porque poderia ser que aquele defensor das caças viesse ocultamente sobre as costas do animal chefe do bando). E que, antes de entrarem para as matas, os caçadores não se esquecessem de tomar um banho das folhas e raspas de camará, para evitar que certos animais de faro mais agudo sentissem o fartum, isto é o suor do caçador. Os índios, logo no outro dia, deram início ao cumprimento das ordens do resoluto chefe. E dentro de poucas semanas, por todas as casas, viam-se os montes de carne, a começar por veado, anta, caititu, porco queixada, paca, capivara, tamanduá, mambira, quandu, cutia, peba, tatu e jabuti, esses três últimos assados no próprio casco. Entre a quantidade de aves abatidas, encontravam-se mutum, jacu, jaó, jaçanã, socó, siricora, inhambu, inhambutona ou inhambuaçu, juriti e outras. Quanto aos peixes, viam-se de todas as espécies da região.

Ali também havia dezenas de cofos de farinha, beijus feitos no forno e nas panelas de barro; bolos feitos de maça de aipim, assados ao calor do borralho; batatas doces e outras raízes comestíveis, assadas na fogueira, juntando-se mais para um lado, grande quantidade de cabaças e cojubas repletas de mel silvestre.

João Caboré não descansava. Distribuía ordens sempre severas. Assim, uns cuidariam de fazer arcos e flechas. Outros estariam preparando urupemas, quibandos, abanos e cordas de tucum e fibras de embiraçu, a fim de venderem a troco de pólvora, chumbo e espoleta. Caboré alertava a todos no sentido de que a sem-vergonha velha Cuzozo, figura popular do lugar, nada revelasse sobre o assunto, pois já andava falando para Frei Vítor e também para a sua madrinha Carlota, que os índios estariam preparando o esquema de

ataque ao pessoal da Missão. E disse que não lhe daria um castigo em consideração ao filho dela, o índio Cumaná, que era gente de sua amizade. Com efeito, uma das meninas do Convento, a Úrsula, perguntou por essa conversa à sua miricó (esposa), alegando que tinha ouvido dizer que os índios estavam fabricando centenas de arcos e flechas.

João Caboré temia ver o seu plano falhar. Tinha receio de que a família de sua ex-esposa, a índia Gujã, a começar pelo pai dela, o velho Cuxiú, prejudicasse o projeto de guerra, pois também espalhava que de fato os índios iriam atacar Alto Alegre, quando pretendiam matar todos os viventes daquela redondeza. Já havia falado neste assunto com a irmã Heleonora.

Zangado, Caboré revoltava-se contra o seu primeiro sogro, o velho Cuxiú:

— A notícia de ataque, quem mais espalha, é aquele preguiçoso e linguarudo. Esse merece surra de cipó de mofumbo, mas acontece que ele é avô de meu filho mais velho. Ele deveria trabalhar para ter o que comer; não viver roubando mandioca em minha roça, pois então não teria tanto tempo para se importar com o que não é da conta dele.

Nem mesmo o rigor do inverno, naquele começo de ano, os impedia a continuar conspirando contra os considerados invasores.

Dizem que muitos índios foram até as cidades de Barra do Corda e Grajaú, no propósito de comprarem mais munição para as suas espingardas ou mucáus.

NO SONHO, A VISÃO DA TRAGÉDIA

Caboré sonhou certa noite estar empenhado numa terrível luta contra muita gente, parte conhecida e parte desconhecida. Via pilhas de pessoas mortas, frades, freiras, lavradores, famílias inteiras de comerciantes e fazendeiros e, no meio destes, a maior parte de sua tribo coberta de sangue, o que até parecia estarem pintados com a cor vermelha de urucum. No sonho, sentia-se vitorioso, detendo muita riqueza, gado vacum e outros, casas bonitas e mobiliadas, bem assim muitas outras coisas curiosas ao redor de si; mas, de repente, quando o seu povo cantava diversas toadas, sobreveio brusca mudança na lua e nas estrelas, tudo isso acompanhado de uma ruidosa tempestade, que fazia os índios fugirem em desespero, enquanto ele, Cauiré, e muitos dos seus principais companheiros, eram conduzidos misteriosamente sobre uma larga esteira de palha diferente, que voava acima das nuvens para lugar longínquo e desconhecido, só vindo parar após haver silenciado a procela, quando também a esteira baixava sobre as águas de um rio encachoeirado e turvo, de onde escutaria a voz do falecido pajé, seu avô, falando aborrecido e roufenho:

— Homem teimoso! Fugiste de mim quando passava pela minha velha aldeia Jacaré, que hojé é tapera!... Agora, ficas tu sabendo que vais ser castigado e arrastado para o mundo dos mortos, e tua alma atirada para o lado das trevas, segundo ordem de Tupã. E lá, nem a Mãe-d'água, nem espírito algum poderão te arrancar para a outra banda, onde a luz de um novo sol faz eterno dia para as almas boas, junto a ti, apenas sombras de espíritos ruins e atrasados, Arabine, Arakê, inclusive o terrível Zurupari, os quais só te deixarão quando a piedade de Tupã mandar te chamar para subir os primeiros degraus da escada do luminoso Iuác, o Céu. Cauiré, despertando muito triste e contemplativo, logo dirigiu-se à cabana do velho

Coruja, na intenção de contar-lhe aquele sonho e pedir-lhe imediata explicação.

O velho pajé, ouvindo passos junto a sua tejupá e avistando à sua frente o vulto de Cauiré, foi logo perguntando:

— Que pretendes, amigo?

— Sábio de minha tribo, estou aqui por estas horas para contar-te um misterioso sonho que me assaltou na noite que agora passou.

— Conta, meu amigo.

E o cacique contou-lhe o sonho, compassadamente, palavra por palavra. Mal acabara de ouvir tudo, o pajé foi logo dizendo que não podia explicar, nada naquele momento. Somente à noite do outro dia, quando viessem os índios, seus discípulos, cada um deles trazendo pedacinhos de tunaricica,* algumas resinas de almécegas e folhas secas de fumo (tabaco), para ele preparar os cigarros e as misturas que deveriam ser queimadas na hora precisa para ver se conseguia uma aproximação com os espíritos seus guias.

No outro dia, à hora marcada, acompanhado dos índios iniciados nos mistérios do Reino do Fundo, nas crenças da Mãe-d'água e outras correntes, Cauiré dirigiu-se à oca ou tejupá do velho Coruja, que sem demora, dera começo ao trabalho da invocação prometida, e logo chamou os seus auxiliares, ordenou-os acender uma fogueira de lenha verdosa e pusessem sobre ela as resinas e as ervas de uso naquelas ocasiões. A fumaça, vagarosamente, foi subindo e se espalhando pelo ambiente calmo da noite. O pajé e seus ajudantes, imediatamente acenderam seus grossos cigarros de forte pitima ou fumo misturado também com certa erva de efeito alucinógeno, de há muito conhecida pelos índios de diversas tribos, principalmente do Norte do Brasil. Os iniciados ou videntes começaram a soltar espessas baforadas, ao mesmo tempo proferindo uma espécie de canto bárbaro e lúgubre, porém com uma voz lenta e rouca, conforme era costume nos rituais. Os índios empenhados no trabalho invocativo, em forma de círculo, foram pouco a pouco se curvando frente em direção à fogueira, enquanto o velho Coruja mantinha-se de pé, com os olhos semicerrados e o corpo todo trêmulo.

No momento em que a fumaça subia mais alto, espalhando o aroma das resinas que estavam sendo queimadas, os iniciados ou videntes começaram a ver ou sentir a presença de alguns espíritos. Primeiro veio Arabine que, interrogado pelo pajé a respeito do sonho de Cauiré, assim explicou:

— Nada sei, nem posso nada dizer a respeito do tal sonho de Cauiré, como também não tomo nenhum interesse. Meu desejo é

* Uns dizem ser uma resina de certa árvore desconhecida, outros dizem ser baba saliva de sapo.

para ele engolir brasa como um cururu sem loca e sem lagoa, exposto à areia quente das estradas sem sombras. Quem semeia espinhos só colherá mandacaru.

Disse isto e sumiu nas trevas da noite, e outro espírito apareceu. Era o temível Arakê. Também interrogado sobre o mesmo assunto, respondeu:

— Desse sonho de Cauiré nada sei explicar. Ainda vivo morando debaixo das locas das pedras e em escuras e apertadas furnas de penhascos ou rochedos. Vivo confuso e atormentado por toda espécie de formigas e cupins que mordem as minhas orelhas e as minhas pálpebras.

Tendo dito isto, desapareceu.

Outros espíritos surgiram diante do velho Coruja e seus discípulos que passaram a presenciar tudo de forma mais expressa. Eram diversos e até de diferentes aspectos, sendo que uns não queriam se misturar com os outros. O pajé e seus ajudantes ainda não haviam se entendido com dois ou três que se diziam mensageiros da Mãe-d'água, bem como meia dúzia de outros. Embora não se tenham manifestado claramente num só pensamento, estes e aqueles, antes que a fogueira baixasse as suas labaredas, disseram que o sonho era de difícil interpretação, mas pressagiaram que Cauiré ia entrar numa guerra e dela sairia vitorioso apenas nos primeiros dias. Depois, seria vencido com toda a sua gente que em parte ia morrer ou ficar sem rumo; enquanto ele, por ser o chefe com alguns dos seus principais companheiros, responsáveis pelas ocorrências, seriam transportados para o reino da morte, um lugar quase inalcançável, de onde não sairiam por séculos e mais séculos, até que um dia o remorso e o arrependimento os fizessem atravessar águas, rasgar espaços e, assim se elevando pudessem avistar o Sahi-tatá-pepei, o Sete-estrelos, nas proximidades da morada de Tupã que é no verdadeiro luác, onde poderão viver felizes com sua nova gente, isentos de ódios, do mal, da guerra, da ambição, passando ao cultivo do amor, da justiça e do perdão. Dito isto, sumiram na negra imensidade da noite.

A fogueira pouco a pouco se extinguia, e aqueles últimos mensageiros do Além pareciam dominar ainda a mente de Coruja e seus adeptos, os quais, dentro de alguns instantes, foram gradualmente agitando aquele estado de ânimo. De ordem do pajé, os índios videntes, um por um, foram logo atirando os pedaços restantes dos cigarros para o lado das costas.

João Caboré estava ansioso para entender a decifração do sonho. E quando o velho Coruja narrou tudo o que pudera extrair do seu mediúnico trabalho, ordenou aos seus auxiliares que também contassem o que presenciaram e ouviram. Cauiré, após ouvir toda a narração, saiu apressado e de vista baixa, com o perfil moral abatido, em rumo de sua casa. De modo algum se conformava com as explicações do pajé e seus discípulos. Resolveu, assim ir falar com Frei Salvador, perguntando-lhe, se de fato sonhos tinham alguma realidade, ao que o frade respondeu:

— Caboré, sonho nada vale. Não tem nenhuma significação. Na Bíblia, livro sagrado que contém toda a palavra de Deus, se fala de alguns sonhos de inteira veracidade, como os sonhos de Jacó, José do Egito e de São José, esposo de Nossa Senhora, mas esses eram revelações divinas.

Diante das palavras de Frei Salvador, Caboré tirou o pensamento daquele sinistro sonho e continuou a martelar na mesma idéia: matar toda a população civilizada de Alto Alegre e seus arredores ou até mais longe, onde as suas armas pudessem alcançar.

A GRANDE FESTA

Era o dia 12 de março do ano de 1901, marcado pelo tuxaua Cauiré, chefe supremo da tribo Guajajara, para o premeditado ataque. À aldeia de Cauiré e cercanias de Alto Alegre chegavam grupos e mais grupos de índios. Acampavam-se todos os guerreiros. Os caciques ostentavam vistosos cocares. E os demais componentes daqueles grupos traziam, nos seus corpos robustos, estranhos desenhos pintados de urucum e jenipapo, visíveis sinais de guerra.

A lua brilhava, embora algumas nuvens negras e roxas ameaçassem alterar a temperatura, enquanto as estrelas piscavam.

Cauiré, o dono da festa, sentado no meio do espaçoso pátio da sua aldeia, começava a receber os seus convidados.

O primeiro a se apresentar foi Jauarauhu, que vinha de uma taba distante e, ali chegando, foi dizendo:

— Valente chefe Cauiré, pode contar comigo.

Outro cacique assim falou:

— Eu sou Tuitína. Eu e os meus guerreiros ainda não sofremos derrota.

Houve outras apresentações.

Por fim, um índio já idoso, alto e robusto, Izanemana, ao apresntar-se, fez a seguinte declaração:

Estimado chefe Cauiré, também vim. Aqui aguardo a festa e a tua palavra. Quero ouvir de perto e saber se tua canguéra, isto é, tua cabeça, tem no miolo alguma idéia boa!...

Então Cauiré, estendendo o seu olhar tigrino sobre aquelas centenas de índios ali reunidos, satisfeito, dirigiu-se a todos agradecendo a presença de tão nobres princípes de sua heróica e forte raça.

Os tocadores de maracá anunciaram o início da festa. Instantes depois, todos comiam, bebiam e dançavam.

Dezenas de fogueiras iluminavam desde o centro à parte restante do pátio da aldeia. Aproximava-se a meia noite e as labaredas já começavam a diminuir. Um ligeiro sinal de Cauiré, após um curto silêncio, chamou a atenção dos presentes. Batendo com os punhos cerrados sobre o peito, bem alto, falou que seus irmãos da poderosa tribo Guajajara, em sua maioria, já conheciam o seu plano de libertação. Disse que ninguém devia demonstrar prediposição à covardia ou fraqueza, depois de tanto tempo de domínio sobre aquela região herdada dos pais, antigos heróis respeitados até pelos brancos de outras terras distantes. Ninguém podia negar ter chegado aos seus ouvidos o queixume das mães e filhas que reclamavam e choravam devido as últimas ocorrências verificadas na tribo!... Não era mais possível, disse Cauiré, aturar tanto abuso praticado pelo pessoal da Missão estrangeira que queria escravizar a todos, pois responsáveis pela catequese — frades, freiras e professores — enfim, todos os residentes ali, que não os da sua raça, queiram encaixar nas cabeças dos índios que deviam levar a vida de outra maneira e não como eram ou deveríam ser. Eles queriam tudo ao contrário do que a tribo queria. Não podiam mais possuir três ou quatro mulheres, queriam mudar a língua, mediante a obrigação da leitura dos livros deles que só tinham de bonito algumas figuras. Além disso, ainda pretendiam mudar os costumes. Diziam que os índios não eram mais os legítimos donos das terras em que moravam. Certas pessoas contavam que as indiazinhas que adoeceram no Internato, teriam morrido envenenadas. As mesmas foram sepultadas sem a presença dos pais, privadas do ritual das tradições e crenças. Cauiré adiantou que daquela maneira, ninguém mais teria forças para lutar. O perigo de que falava não se estendia somente à sua taba e outras vizinhas; também ameaçava todas as que ficavam ao longo do Mearim, Grajaú e Pindaré, ou até mesmo para as mais distantes que existissem para os lados dos grandes lagos que vão formar o mar quase sem fim, que protege e rodeia a cidade grande onde morava o seu amigo e protetor, o chefe branco Torreão da Costa, único que estendeu-lhe a mão, (embora ele não confiasse demasiadamente nele), pois, infelizmente, não pertence a sua raça. Assim conclamou a marchar contra a povoação de Alto Alegre e suas redondezas e matar toda a gente que não pertencia à raça Guajajara.

Fez-se uma ligeira pausa e do meio daquela multidão de índios, ouviram-se muitas vozes de apoio e adesão. No meio do pátio, porém, Cauiré escutou palavras contrárias ao seu plano:

— Não, valente chefe! Assim é muita maldade! Você bem

sabe que não se pode matar todo mundo ali. Há muita gente boa também. Existe a Dona Carlota que é sua madrinha, as meninas Perpetinha, Úrsula e Isabel. Existem ainda, as irmãs Eufêmia e Heleonora, bem como o vaqueiro Pedro Freitas com a família!...

Outras vozes quiseram protestar, mas foram imediatamente sustadas em vista dos gestos severos de Cauiré que, muito irado, ordenou aos hesitantes que se calassem.

Após alguns instantes de silêncio, o tuxaua enraivecido fez um sinal com a mão direita, como quem quisesse dizer: esperem um pouco. E nisto, metendo a mão no seu bornal ou mocó, feito de pele de cotia, deste puxou um papel escrito e levantando as mãos, mostrou a todos o documento que meses antes havia recebido do governador da Província, título que lhe dava poderes para dirigir toda a tribo Guajajara no Maranhão.

Breve silêncio caiu novamente. Em seguida Caboré falou, dando ênfase à altivez, tanto nos seus gestos como nas suas palavras, exibindo a carta do Governador, nomeando-o chefe geral dos índios da sua tribo, e que essa delegação conferia poderes bastantes para dirigir e governar; portanto, só uma coisa restava — obedecer a ele em tudo o que ordenasse, tanto na paz como na guerra!

Os caciques presentes, gritaram de uma só vez:

— Estamos de acordo, grande chefe Cauiré!

Do outro lado das fogueiras, o pequeno grupo de Cuxiú e Urutáu, com alguns membros de suas famílias, que haviam pretendido protestar contra as idéias revolucionárias de Cauiré, segredaram-se em cochichos, acabando por aderir ao movimento, temendo o ódio implacável daquele cacique sobre eles, e assim, em nome deles, resolveu se expressar o índio José Viana, conhecido nas tabas pelo nome de Urutáu, o que era genro do velho Cuxiú:

— Sim, grande chefe e amigo Cauiré, antes eu não havia entendido o seu plano, mas agora eu, meu sogro, os filhos e genros deste, chegamos a entender direito as suas idéias de libertação! Mas aquelas palavras eram somente para abrandar a sua ira, dando tempo a que fugissem e fossem avisar a algumas pessoas de quem gostavam.

Nesse ínterim, Cuxiú, Urutáu e sua gente, aproveitando-se das sombras das árvores, onde se tornava tudo mais escuro, desapareceram daquela reunião e partiram em disparada para avisar a Pedro Freitas, onde Cuxiú, logo chegando à casa do vaqueiro, foi dizendo:

— Foge, Pedro, muito depressa, com família. Os índios todos vão chegar logo, matar cristão e tudo!

E aqueles dois índios, pensando nos outros de suas famílias que já iriam correndo à frente, foram bater à porta de outras para avisar algumas pessoas. Mas somente Frei Vítor acordou diante das pancadas na janela do seu quarto, dadas por Pedro Freitas, cujas palavras não tiveram crédito para aquele frade.

Teresa Freitas, escrevente juramentada do Cartório do Registro Civil de Barra do Corda, a menina filha do vaqueiro Pedro Freitas. Há anos falecida.

— Vai dormir Pedro. Os índios devem estar de barriga cheia ou encharcados de cauim ou mesmo de cachaça, chegando ao desplante de andar dizendo tolices. Não há nada de anormal, Pedro. É preciso que você vá dormir para acordar cedo amanhã, quando você deverá ir pegar um boi de corte para o consumo do Internato, visto

que as moças internas estão reclamando que já estão enjoadas de feijão, aves e verduras. Você não vê, Pedro, que se houvesse algum perigo ou gravidade, o próprio Cauiré me avisaria?!...

— Pois bem, Frei Vítor, então o senhor não acredita?! Adeus, para sempre! Se o senhor prefere morrer com os seus demais amigos, que fiquem e morram. Que jeito se pode dar?

Urutáu, Cuxiú e seus índios adentraram-se na mata. Pedro Freitas, chagando à casa, a esposa e a filhinha já despertadas, sem mais demora partiram angustiados, quase correndo por um atalho da velha estrada. Cada qual, marido e mulher, em bom cavalo de sela, um atrás do outro, seguiram de marcha solta estrada à fora, rumo à Barra do Corda.

Pedro Freitas com sua esposa, por onde iam, embora sem querer, de qualquer forma pensavam no paiol de arroz, farinha e milho; seu gado, suas outras criações e a propriedade que deixavam para trás, sem nenhuma esperança de revê-las. E, ao mesmo tempo, dizia para sua mulher:

— Nada disso tudo tem mais valor! Importante são as vidas das pessoas.

A mulher chorando dizia:

— Vamos rezar, Pedro, para que nada aconteça e a gente um dia possa voltar em paz.

Naquela madrugada sinistra, marido e esposa seguiam ora rezando pela vida deles, ora pelas almas das pessoas que àquelas horas, certamente estariam sendo sacrificadas.

A estrela Dalva despontava entre duas ou três plúmbeas nuvens. Era a aurora do dia 13 de março. Pouco a pouco, o que resultava do mormaço da manhã ia baixando sobre as casas e a mataria, que circundava a povoação. O sino da capelinha soltava dolentes badaladas, convidando os fiéis para o Santo Sacrifício da Missa. E logo o sino repicou a segunda e a terceira vez.

Naquela hora, depois de haver dado diversas ordens e instruções, João Caboré, assumindo o comando geral dos caciques e guerreiros ali presentes, em tom forte, ordenou a todos para marchar rumo ao povoado, dispostos a matar os que não pertenciam à sua raça.

Horas depois, uns estavam cercando o povoado, outros tomando as portas e janelas da capela, enquanto ele, com, Jauarauhu, Manoel Justino, Pedro Velho, Justino e outros caciques, atacavam as casas das ruas e o Convento.

O MASSACRE DE ALTO ALEGRE

Naquele momento, as saídas das estradas que iam de Grajaú a Barra do Corda e vice-versa, bem como a outros lugares, fazendas e pequenas povoações, já estavam também obstruídas pelos índios, de modo que ninguém pudesse escapar àquele cerco.

Por toda a parte repercutia a voz de João Caboré, que em tom irado e forte, incitava seus companheiros, pedindo:

— Morte aos cristãos! Morte, mais morte!

Num relance, sob um forte alarido, tiros e flechadas, centenas de índios saltaram sobre os civilizados ou cristãos, como ali eram chamados.

Alguns homens brancos quiseram reagir, porém, foram logo dominados e mortos com mais fereza ou crueldade.

A capela logo ficou cheia de mortos, inclusive Frei Vítor e o sacristão que jaziam, ao pé do altar, pois foram os primeiros a tombar, crivados de balas, chumbo e batim de flechas. Dentro e fora das casas, pelo meio das ruas, pelos caminhos do açude e das roças, viam-se corpos espalhados, uns mortos, outros ainda agonizantes. À frente das portas e janelas da capela e do convento e em cima, no sobrado, era onde mais estavam os mortos, de cujos ferimentos ainda escorria o sangue. Os frades e freiras tombados no meio de outros cristãos, foram os mais visíveis devido a cor negra das batinas.

Caboré comandava e fiscalizava tudo. De repente, notou que faltava entre os mortos, alguém de muita importância, razão por que gritou como um louco dizendo:

— Está faltando gente. Gente escapou! Noto bem a falta de um frade, uma freira e a madrinha Carlota.

— Não! Carlota já está morta, embora tenha se ajoelhado a meus pés pedindo que eu não a matasse, dissera o índio Uiráhu.

— Embora fosse minha madrinha, tinha de morrer também,

disse João Caboré.

Frei Vítor foi a primeira vítima a cair sem vida. Ali, parecendo olhar para este que fora morto na hora da missa, via-se a imagem de São José, também atingido por balas e flechas.

Centenas de índios desesperados corriam pelas salas, corredores e sobrados em busca dos dois que restavam. Mas, de repente, uns indiozinhos ao abrirem um armário grande que havia lá no sótão, gritaram:

— Cheguem depressa! O frade e a freira estão aqui!

Diante do achado, bradou Caboré:

— Revirem tudo, tudo! Não é para escapar ninguém. Nem semente de cristão.

Naquele mesmo instante, muitos índios, em rítmo desenfreado e em estreptosa algazarra, subiram ao sobrado; mas antes que alcançassem o último degrau de escada, duas janelas abriram-se e por elas dois vultos saltaram ao mesmo tempo para o lado de fora. E antes, mesmo, de caírem no chão, já vinham crivados de tiros e flechas, recebendo, afinal, golpes de facão.

Ninguém mais podia avaliar o número de mortos. No meio daqueles, entretanto, existiam alguns feridos e outros até mesmo não atingidos que resolveram fingir-se de mortos, pois estavam cobertos de sangue, vindo dos trucidados ou feridos, e, destarte, aguardando as horas mudas da noite, manifestavam a intenção de tentar uma fuga.

Passava do meio dia. As poças de sangue coagulavam-se cobertas de moscas varejeiras, marimbondos e formigas.

Nem mesmo as crianças foram poupadas. Ninguém da raça branca. E ai dequele que tentasse salvar a vida de alguma pessoa!

Mais vermelho, pendia o sol. Entardecia e todos os guerreiros guajajaras, lambuzados dessa mistura de sangue humano e tinta de urucum, invadiam as moradas vizinhas, deixando o lençol da morte envolver dezenas de outros lares.

João Caboré, já tendo cumprido a maior parte do seu plano, que era a eliminação dos brancos, ordenou em seguida aos vencedores a apropriação do gado nos currais e pastagens e de diversos animais menores, como carneiros, bodes, porcos, aves várias, como gordos perus, patos e galinhas, e também de arroz e farinha existente nos depósitos.

Afinal, disse Cauiré:

— Tudo que os finados deixaram agora é nosso! Tomem conta de tudo.

Quando a noite desceu, Caboré, sempre precavido, deu ordem para por lenha de angico nas fogueiras e colocar os ferros de assinalar gado entre as brasas, e quando estes estivessem mais vermelhos do que o sangue dos cristãos, os encostassem nos corpos deles já considerados mortos. E que fizessem isso principalmente nos que estavam por baixo dos outros, pois podiam existir alguns vivos entre eles; ou alguém que nem estivesse ferido.

Foto da antiga capela do Convento de Alto Alegre, vendo-se ao fundo a imagem de São José, que fora toda crivada de balas e flechas.

No mesmo instante a ordem foi cumprida, e os ferros ardendo foram deixando as suas marcas. Tocavam nos corpos dos que estavam mortos e chiava por alguns segundos, sem que as vítimas dessem algum sinal de vida. Quando, porém, tocava em qualquer parte do corpo de algum que ainda estivesse vivo, ferido ou não, logo ouvia-se o grito e o disparo da carreira, na última esperança de uma fuga. Quatro desses infelizes foram logo alcançados e mortos a pancadas facadas e cuteladas. Outros dois homens, no entanto, ao sentirem o calor terrível dos ferros em brasa, deram desaprumados saltos no meio daquele pega-pega, e escapulindo das mãos de um e outro índio, em poucos instantes embrenharam-se na mataria escura, àquelas horas da noite, ali deixando Caboré desesperado aos altos brados:

— Corram depressa! Não os deixem fugir!

Alguns índios mais afoitos ou obedientes às ordens do tuxaua, com fachos acesos para alumiar os rastros dos fugitivos, correram imediatamente em perseguição aos dois cristãos.

Os índios perseguidores, logo que haviam percorrido dois ou três quilômetros, divisaram os rastros dos fugitivos e, assim, animados, tentavam alcançá-los para matar. Quando mais se apressavam, de repente como se fosse um castigo, um deles, o índio Pedro Coité, dera um salto para trás, e soltando um grito de medo e dor, caiu de bruços com uma cobra surucucu enrodilhada na perna esquerda. Diante do inesperado, seus companheiros mataram-na, mas vendo que Pedro Coité estava agonizante, resolveram abandonar a pista e regressar, conduzindo o moribundo que faleceu antes de alcançarem Alto Alegre. O acontecimento, conforme superstição deles, não pressagiava nada de bom, senão a grande desgraça para todos.

Aqueles índios, chegando ao povoado, com Pedro Coité já inanimado, explicaram a ocorrência e, receosos de serem repreendidos ou até mesmo castigados pelo tuxaua, resolveram mentir, contar outra estória:

— Apesar de tudo, chefe, em vista da morte de um dos nossos companheiros, a gente pegou os dois fujões, matou e atirou num socavão de serra, onde nem o bico dos urubus, apitaus famintos, pode alcançar.

— Assim se faz. Matar e até sepultar, disse João Caboré, baixando a cabeça. Mas os dois civilizados, cada qual por veredas diferentes, dirigiam-se feridos, à cidade de Barra do Corda, no recurso da fuga e buscando o alivio e a cura para as suas dores.

Porque, até ali, valiam-se apenas de folhas de jucá e de angico mastigadas, inclusive com raspa de mofumbo.

Ao amanhecer do dia 14, Caboré, pretendendo livrar-se do mau cheiro provocado pela decomposição de tanta gente morta, ordenou que fizessem a remoção dos corpos. Naquela ocasião, quando ninguém mais dera sinal de vida, principalmente depois do serviço da aplicação dos ferros quentes sobre as vítimas, um homem levantou-se e saiu correndo em velocidade indescritível, procurando seguir por onde houvesse menos índios à sua frente. Esses, espantados e medrosos, pensando que até fosse alguma alma do outro mundo, voltando do além para causar-lhes alguma maldade ou vingar-se de tudo aquilo que haviam praticado, em obediências às gritantes ordens de Caboré, decidiram-se a perseguir ao homem que tomara a direção do velho açude.

Escada do sobradão do Convento, onde ainda hoje vê-se sinais de manchas negras provenientes do sangue das vítimas, no dia do massacre.

— Não é nenhuma azang ou alma destes mortos! É gente viva mesmo que pode ainda fazer grande mal!

Correndo perigo de estar mais perto da morte do que horas antes, no momento do ataque, Cassiano fugia desesperado, fazendo mais curvas do que uma ema perseguida por muitos cães famintos, e assim foi direto às águas do açude, onde mergulhou sob as folhas do golfo e do mururu, aquietando-se com a boca e o nariz fora da água, protegido por umas touceiras de tabua e canabrava. Dentro da água fria, sentia até um pouco de alívio em seus sofrimentos. Enquanto se mantinha com o coração quase a saltar-lhe pela boca, os índios que desceram em sua perseguição, acabavam de entrar no açude, a fim de procurá-lo. E por mais que o procurassem, felizmente não entraram para o lado das touceiras de taboa ou tabua e canabrava. E quando já se aproximavam daquele local, aconteceu que começou a cair pesada chuva, obrigando aqueles índios a volta às cabanas. E aguardarem a suspensão do temporal, esperando reiniciar a perseguição contra Cassiano.

E como a chuva durou mais de uma hora, Cassiano não vendo mais sinal dos seus perseguidores, arrastou-se devagar e saiu do açude, caminhando através do leito das enxurradas, na intenção de não deixar rastros. E tomou o seu rumo, procurando afastar-se de quanto mais pudesse, para livrar-se dos seus inimigos.

Os índios que, durante a chuva, estiveram se aquecendo ao fogo, foram advertidos pelo tuxaua.

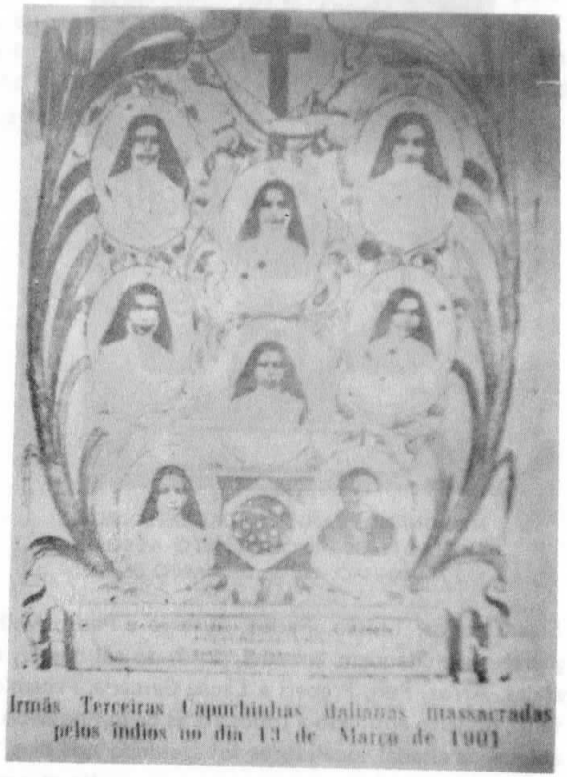
— A chuva parou! Cacem os cristãos, esses bichos danados!

Alcançando a distância, ora pelos caminhos cobertos de águas da chuva, ora pisando sobre a relva caída, ora pisando o solo pedrogoso, evitando deixar pegadas, Cassiano viajou o dia inteiro, e à noite chegou a uma tapera, onde descansou um pouco e pôde encontrar alguns pés de mastruço ou erva de Santa Maria. Servindo-se das folhas, após mastigá-las, fez aplicar o sumo sobre os seus ferimentos. Daí, antes que o dia manhecesse, prosseguiu na sua fuga, temoroso dos seus perseguidores, os quais, por mais que o procurassem naquele açude, desenganaram-se e voltaram contando alguma mentira para Caboré, que terminou pensando tratar-se de algum espírito mau.

Os fatos se desenvolviam. Seguiam-se os acontecimentos. Enquanto isso, Cauiré sentia-se o comandante e chefe daquele movimento, supondo-se senhor da situação. Vestido de calça preta e camisa branca, tendo uma reluzente espada à cinta, distribuía ordens e mais ordens, prestando toda atenção aos mortos, que deveriam ser sepultados no fundo de um barreiro antigo que havia por trás do Convento. Nesse momento, Cauiré sentiu uma espécie de pavor e já desejava que se consumasse o terrível oficio, a fim de não ver mais

as faces inertes daqueles que haviam tombado sob as suas ordens. E fazendo exaustivo esforço para dominar-se, não demonstrar fraqueza perante os seus comandados, Cauiré ia contando um por um: Frei Salvador, Frei Vítor, Frei Zacarias, Frei Rinaldo, senhor Pedro Novaresi, Irmãs Ignês, Eufêmia, Heleonora (ou Leonor, como também era conhecida), Maria Ana, Natalina, Maria e Bernardete, inclusive Dona Carlota e muitos outros seus tão conhecidos.

Sendo o índio um supersticioso, Caboré depois de assistir ao enterro, teve receios de qualquer vingança da parte das almas das pessoas ali sacrificadas.



Irmãs Terceiras Capuchinhas italianas massacradas pelos índios no dia 13 de Março de 1901

Minutos antes, esforçando-se para esquecer temores, e deixando o local do sepultamento de tantos, disse:

— O que fiz e mandei fazer já está feito! Não se pode voltar atrás!... Sou caridoso por não deixar que os urubus lhes arranquem os intestinos!

Daí em diante Caboré não cansava de expedir ordens no sentido de que fossem evitadas notícias do acontecimento ou mesmo chegassem aos ouvidos das autoridades de Barra do Corda, Grajaú ou ainda à capital de São Luís do Maranhão, onde naturalmente o governador, de modo algum, aprovaria ocorrências daquela natureza. E assim pensando, o tuxaua resolveu expandir o seu plano terrível.

MISSIONÁRIOS CAPUCHINHOS E CATEQUISTA MORTOS PELOS ÍNDIOS EM ALTO-ALEGRE, NO MARANHÃO, EM 13 DE MARÇO DE 1901.

— Sigam todos, Luisão, Parica, Justino e Pedro Velho com os seus guerreiros e ataquem amanhã, antes do sol nascer, os lugares e fazendas, Arroz, Pari, Preperi e Lagoa Cercada. Façam o trabalho bem feito, do jeito ensinado a todos vocês de minha tribo.

O ataque às citadas localidades foi efetuado nos dias 15 e 16 de março. Dizem que na luta morreram quase todas as pessoas ali residentes, escapando apenas, embora feridos, André Carlos e seu filho José Carlos, os quais, mais tarde, disseram em seus depoimentos no inquérito instaurado em Barra do Corda: "No trágico acontecimento haviam perecido alguns viajantes que vinham para Barra do Corda".

No dia 17, já alta noite, chegava a Alto Alegre um índio mensageiro de Justino e seus companheiros, dando conta do ataque efetuado àqueles lugares, onde foram mortos todos os seus habitantes e proprietários, exceto o fazendeiro Raimundo Ferreira de Melo, conhecido por Raimundo Cearense. Isso, porém, devido encontrar-se na cidade de Barra do Corda, tratando de negócios particulares.

Caboré, depois de ouvir tudo o que foi contado pelo mensageiro, muito satisfeito, disse:

— Muito bem! É assim que se cumpre ordens.

E prosseguindo recomendou:

É para espiar tudo! Quem descer de Grajaú para Barra do Corda, ou subir de uma para outra, não pode ficar com vida. Dia e noite façam piquetes nas estradas, de subida ou de descida.

As notícias não podiam ir além dos lugares já em poder dos seus guerreiros.

ROMPIMENTO DE CAUIRÉ COM JAUARAUHU

O inverno do mês de março do ano de 1901 foi severo e dramático.

Os sapos cururus anunciavam, na sua obstinação discreta, a cheia do açude e das lagoas. Ao longe, nos cerrados baixos, revoavam os urubus, desde os camirangas até mesmo o urubu-rei, que, segundo dizem, só se alimenta dos olhos e do coração das vítimas. Os demais crocitavam, fartando-se da carne aprodecida dos cadáveres daqueles que, feridos, só foram morrer mais distantes do povoado.

Pos último, João Caboré pensava apenas na sua façanha e na sua vitória, ambas absolutamente inéditas naquela região, e também sobre como devia entrar em Barra do Corda e Grajaú, ainda espalhando a morte por onde pudesse chegar, a fim de alargar cada vez mais os seus domínios e ampliar o poder de sua glória úmida de sangue. E quando assim pensava, toda vez que se mirava com aquela polida espada de marca italiana, sentia-se mais orgulhoso de si mesmo, chegando até a demonstrar ingenuidade:

— Sou o grande chefe de todo este meio mundo! Sou igual ao Papai Grande Torreão da Costa. Ele manda tudo por lá e eu vou mandar tudo por ca!

Mas, como tudo na vida submete-se às mutações, naquele dado momento acabava de chegar correndo uma índia, que proclamava:

— Chefe Cauiré, eu vi lá agora mesmo, numa das casas da beira da estrada, juntas ao tuxaua Jauarauhu, três cristãs: a Perpetinha, a Úrsula e a Isabel.

Essa revelação irritou Caboré, que se julgou vítima de uma desconsideração à sua pessoa e à sua autoridade!

Imediatamente, chamou dois índios e os mandou urgentemente chamar Jauarauhu a vir até a sua presença, trazendo aquelas três moças brancas que estavam com ele. E disse mais o tuxaua que podia existir por ali em poder de algum insubordinado ou traidor, outras moças internas e que sua raça não podia pensar que os cristãos prestassem para alguma coisa! Mas eles vão pagar bem caro!

Minutos depois, Jauarauhu chegou acompanhado pelos dois índios, os emissários de Caboré, e diante deste, falou assim:

— O que quer de mim, chefe Cauiré? Fala depressa que eu respondo mais rápido do que o chumbo da minha espingarda ou o vôo de minha flecha! Estou aqui e ainda me restam flechas, e tintas de sangue!

Caboré procurando fitar-lhe bem nos olhos, repondeu com voz pausada:

— Valente chefe Jauarauhu, sabe o que eu quero? Quero mandar matar as três moças!

— Cauiré Imana, fica sabendo, sou um chefe igual a ti. Também sou forte e tenho muitos guerreiros valentes, tantos de minha taba, como de outras que tu não conheces. Os tembés são meus amigos! Aujudei-te e quero levar comigo, e meus companheiros, as três moças brancas. Por tua vontade, ontem fui onça suçuarana, mas posso virar canguçu desvairado para não acontecer mais do que já aconteceu!

— Chega, Jauarauhu! Parte para bem longe de mim. E somente muito distante, vai semeiar a tua mistura de gente branca com a nossa; porém, não te esqueças de que os teus descendentes deverão sempre usar a mesma língua, e guardar os nossos usos, costumes e crenças. Do contrário, virão dias em que haverá muito de sofrer na ponta das flechas dos guerreiros descendentes deste Cauiré Imana que está te dizendo a verdade de frente à frente.

Em impressionante confronto, os dois tuxauas se olharam... Nisto, Jauarauhu foi querendo se retirar para nada mais escutar, quando Caboré ainda falou:

— Jauarauhu, amanhã não te quero mais aqui! Vai, não irei atrás!

Com os punhos cerrados, quase não podendo mais se conter devido a cólera que o agitava, Jauarauhu retirou-se da presença de Cauiré, que ponderou em voz baixa:

— Como é fraco o coração de um homem quando se apaixona por uma mulher!

No dia seguinte, antes de o sol despertar, um grupo de mais ou menos cem índios, conduzindo as três jovens ex-internas, cami-

nharam por estreitas veredas, buscando a serrra Jacaré, do outro lado da lagoa do mesmo nome. Após a chegada, compelido pelo rigor do inverno, e pelo cansaço das moças, Jauarauhu ordenou que os índios improvisassem diversas cabanas, onde pudessem se abrigar até que as chuvas cessassem, quando então poderiam desdobrar a viagem para a sua aldeia ou lugar mais distante ainda.

As moças seqüestradas, perpléxas diante de tudo o que estava acontecendo e do que tinham visto choravam constantemente. Traziam ainda no nariz o cheiro insuportável de sangue e de cadáveres decompostos; na mente as cenas dantescas, passadas em Alto Alegre. Estavam aturdidas, desesperadas, sem noção do que mais poderia acontecer.

Sob uma choupana coberta e tapada dos lados por palhas de palmeiras de babaçu, Perpetinha, Úrsula e Isabel, ora sentadas, ora deitadas em pequenas redes ou maniás, ficaram cercadas pela vigilância de três guerreiros da inteira confiança de Jauarauhu.

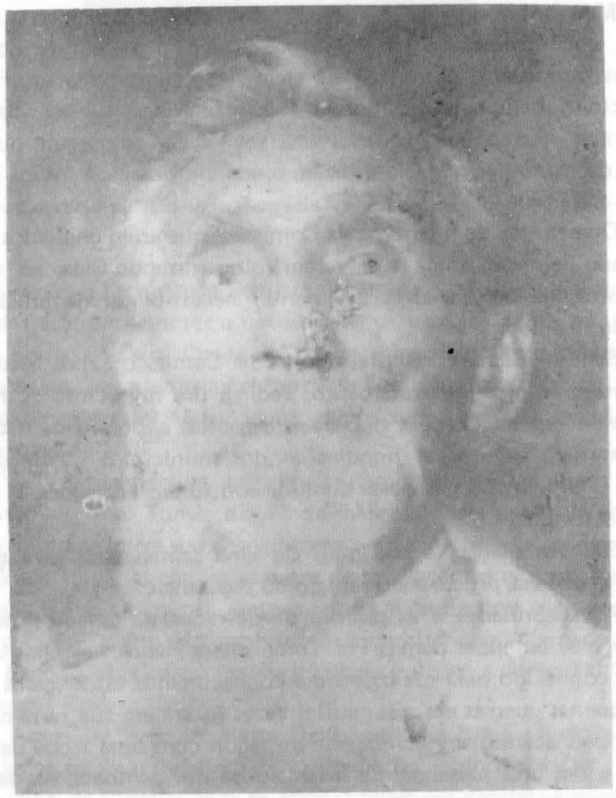
Fugir não podiam. Seria impossível escapar ao cativeiro, ou volver ao chão da aldeia tragediada arrostando riscos mortais.

As chuvas caíam pesadas. As virgens solitárias vertiam um pranto inconsolável. Formara-se um quadro espectral. Mas aqueles guerreiros sentiam-se firmes e contentes diante dessas prisioneiras chorosas, ou formosas iaras, que emergiam do reino do Fundo para o diferente reino da selva... Eram admiradas por todos, mas ninguém se atrevia sequer fita-las. Segundo palavras de Jauarauhu, ai daquele que tivesse a ousadia de desrespeitar uma daquelas divindades...

Quando as prisioneiras recusavam algum alimento, Jauarauhu mandava que os índios encarregados de preparo de alimentação lhes oferecessem coisas de melhor sabor ou de primeira qualidade. Se rejeitavam carne de veado ou de porco queixada, lhes ofereciam carne de mutum, inhambu ou jaó. Se recussassem mel de teúba, davam-lhes mel de jati ou jandaíra com farinha ou com beiju feito de massa de aipim. Alimentavam-se mal, e apenas o que desse para ir agüentando a vida.

COMBATE CONTRA OS ÍNDIOS DE CAUIRÉ

A primeira notícia sobre o massacre de Alto Alegre foi levada à cidade de Barra do Corda pelos índios Manezu e José Viana.



Antiga foto do Tenente Tomé Vieira Passos, o oficial que comandou a 1ª tropa que lutou contra os índios guajajaras de Alto Alegre.

que ali chagaram no dia 15 de março. Só que ninguém acreditou, alegando que aquilo não passava de uma grande mentira. Todavia, dois dias após à chegada dos índios, coincidentemente entraram na cidade os dois homens que haviam escapado dos guerreiros de Caboré, naquela noite em que um dos perseguidores foi picado por uma cobra, tendo morte imediata. Os fugitivos foram chegando e se dirigindo ao delegado de polícia, ao intendente, ao vigário Frei Estêvão e outros, que logo cuidaram de tomar as devidas providências.

Uma comissão de homens de inteira confiança, composta por Sabino Câmara, Temístocles Bogea, Miguel Beles e outros, ficou com a tarefa de ir a Alto Alegre ou às suas proximidades, no sentido de verificar a procedência e a gravidade do acontecimento. A Comissão viajou no mesmo dia, isto é, a 17 de março.

Mas, antes que a Comissão tivesse percorrido cinco ou seis léguas, encontrou-se com o fugitivo Cassiano, que além de mostrar os seus ferimentos, narrou detalhadamente a verdadeira estória do morticínio, bem assim o perigo a que estariam sujeitos, Sabino Câmara e seus companheiros, caso teimassem em seguir no seu plano de caminhar naquela direção, ainda em posse de índios rebelados.

Ocorre que os membros da Comissão, que eram chefiados pelo Delegado Sabino Câmara, resolveram voltar trazendo Cassiano, cujos ferimentos se agravavam visivelmente, necessitando de imediatos cuidados médicos.

Sabino Câmara, o presidente da Comissão, após entregar Cassiano a equipe de tratamento, redigiu um minucioso relatório com base nas declarações desse sobrevivente, expondo os riscos a que estariam sujeitos as populações dos municípios de Barra do Corda e Grajaú. Cópias deste comunicado foram entregues às principais autoridades.

Daí em diante, e por mais de uma semana, chegava gente daquelas bandas, procurando refúgio ou segurança.

As autoridades e as pessoas de destaque da cidade procuravam logo se entender com o Tte. Tomé Vieira Passos, cearense largamente conhecido pela sua bravura e conhecimento estratégicos dessas pequenas guerras em que muitas vezes lutara em sua terra natal. Tomé logo aceitou a incumbência de seguir com uma tropa de soldados e recrutas paisanos, na intenção de dar combate ao reduto de índios guajajaras rebelados em Alto Alegre.

Na ausência do Delegado Sabino Câmara, que viajou para Alto Alegre, ficou respondendo pela Delegacia o cidadão José

Narciso Carneiro Leão, o qual, apoiado pelas principais autoridades locais, numa reunião em casa do Cel. Manoel Ferreira de Melo Falcão, (Deco), presentes o Cel. Epifânio Moreira de Sousa, o Major Gerôncio Raimundo Nava, o Cel. José Leonído da Cunha Nava, o médico Otavio Lobão, o Major Luís Rodrigues de Miranda Leda e outros, organizou uma Junta Deliberativa, a fim de tomar as devidas providências, no sentido de congregar homens para seguir com o Tte. Tomé, como também cuidar da defesa da cidade.

Foto onde vê-se Raimundo Geroncio Nava, assinalado com uma cruz.

Então o intendente Temístocles Bogéa e o jornalista Frederico Figueira fizeram lembrar a necessidade de homens, lá na frente, sobre a ponte dos rios Corda e Mearim, sugerindo ainda que deveria ser colocado no mesmo local, um velho canhão, resultante de antigo material trazido por Melo Uchôa, quando da fundação da cidade, a 03 de maio de 1835.

À hora da partida da primeira tropa, com 80 homens sob o comando do Tte. Tomé, dia 18 de março, às sete horas da manhã, isto é, minutos antes das despedidas em meio ao pranto das mulheres pouco acostumadas com esses casos de revolução, chegava de repente o vaqueiro Pedro Freitas, a esposa, uma filha de dois anos e um recém-nascido, cujo parto ocorreu em circunstâncias emergenciais no lugar Lagoa Danta, propriedade do chefe político e comerciante Cel. Fortunato Ribeiro Fialho.

Antes de tudo, a Junta Deliberativa já havia telegrafado ao Presidente da Província, ao Cel. Fortunato Fialho e ao Dr. Aarão Brito, juiz de Direito, que se encontravam na capital, e através da cidade de Picos, seguiu o mensageiro, a que se dava o nome de "positivo."

O vaqueiro Pedro Freitas, também como os outros fugitivos que haviam chegado antes, confirmou a realidade da situação, lamentando não ter avisado ao outro vaqueiro, José Marcolino que, certamente, não pôde escapar.

Cada vez mais alertado e esclarecido sobre o caso de Alto Alegre, seguiu o tenente Tomé Vieira Passos, decidido a lutar contra os índios de Caboré, cujo nome era um verdadeiro sinônimo de terror, diante de tudo o que diziam ter acontecido e ainda estar acontecendo em alto Alto Alegre e outros lugares naquela região.

A cidade de Barra do Corda recebia gente de muitos lugares, principalmente dos mais próximos do Mearim, como também dos que habitavam às margens da velha estrada que descia de Grajaú.

Vinha gente de Arranca, Marechico, Cateté, Seridó, Santa Maria, Serrinha e outros lugares, todos procurando segurança para suas famílias.

Pedro Freitas, já hospedado em casa dos seus parentes, junto à esposa e os dois filhos, assim dizia:

— A gente precisa acreditar nas outras pessoas e até mesmo sem ver as cousas primeiro... Graças a Deus não sou como São Tomé que só acreditava no que via. Fui desconfiando daqueles índios e com o aviso de Urutáu e dos outros seus companheiros, safei-me enquanto era tempo. Lamento não ter chegado antes, devido a situação de minha mulher, mas o que importa é que agora estamos salvos e sãos.

Ciente do perigo que haveria de enfrentar, o tenente Tomé Vieira Passos, durante a viagem, nos momentos de repouso ou paradas, não se descuidava de dar instruções para a tropa, explicando os principais assuntos de tática de guerra aos seus comandados, os quais, infelizmente, por falta de tempo ou de atenção, quase nada aprenderam, embora tenham se esforçado bastante o corneteiro e o tocador de caixa ou tarol.

O tenente Tomé sabia que a situação era perigosa, porém nem sonhava com o que teria de enfrentar no seu primeiro combate contra os índios de João Caboré.

No entanto, o tenente não pensava em derrota. Só pensava na vitória, no seu regresso triunfal, trazendo João Caboré e seus guerreiros presos para entregá-los às autoridades, quando seria entrevistado por Frederico Figueira, redator-chefe do conceituado jornal O NORTE, antigo semanário fundado por Isaac Martins, em 12 de novembro de 1888.

E assim, com o pensamento de herói, seguia em marcha lenta o bravo cearense e seus comandados.

O jornal O NORTE estampava, em suas primeiras colunas, diversos e estarrecedores fatos verificados na dolorosa hecatombe de Alto Alegre.

Tomé Vieira Passos deixava Barra do Corda em angústia e desespero. Sua esposa, Dona Onofra e seus filhos, estavam inconsoláveis. As famílias dos soldados e voluntários não compreendiam aquela terrível obrigação de se arriscarem numa luta perigosa, embora em defesa da própria família. E por isso, sentiam-se arrependidas de haver permitido que seus esposos e filhos tivessem acompanhado o tenente Tomé, pois, somente agora, diante das novas notícias, sentiam-se nervosas, receiando que algo de terrível pudesse acontecer a qualquer um deles.

José Leonilio da Cunha Nava, Coronel da Guarda Nacional, um dos membros da Comissão encarregada de organizar a primeira tropa de combate contra os índios chefiados por João Caboré.

A senhora Dona Joaquina reclamava para o seu marido Vicente Maranhão:

— Não sei para que você consentiu o Mundinho ter seguido com o tenente Tomé. Este homem é capaz de avançar demais contra o diabo desse tal de João Caboré e seus índios malucos, em Alto Alegre, sem medir as conseqüências do seu arrojo, pondo em perigo a vida do nosso querido Raimundo. Bem faz o meu outro filho, o José Américo,* (Zeca), que está bem longe dessa encrenca de índios, cuidando dos seus versos e os seus empregos nos jornais da capital, embora esteja fazendo muita falta, principalmente nos negócios da sapataria do pai. Nem gosto de lembrar quando a tropa desaparecia na curva da estrada, depois da ponte, quando todo mundo agitava os seus lenços e a bandeira tremulava, ao som retinido daquela corneta! Não quero nem pensar, meu Deus!

Somente dias depois, o Tte. Tomé, junto à sua tropa, devagar e cautelosamente, pôde alcançar a fazenda Descanso, de propriedade, naquela época, do agricultor e fazendeiro Francisco Martins, quando avistou sobre o leito da estrada, logo à sua frente, grossos troncos de árvores caídas, e como sertanejo experiente, logo desconfiou. Mas antes que pudesse tomar uma resolução e transmití-la aos seus homens, viu-se coberto por uma chuva de balas e caroços de chumbo misturados com flechas, tudo caindo traiçoeiramente contra eles, espetáculo esse acompanhado de uma gritaria ensurdecedora ao som de muitos apitos ou borés. Embora o tenente não estivesse esperando ser atacado de supresa, no mesmo instante gritou:

— Estamos sendo atacados! Fogo! Fogo, mais fogo! Avante! Atirem! Coragem! Não recuem! Avancem sem medo!

A batalha continuou cerrada. Houve momentos em que parecia não se ouvir a voz do comandante nem o som da corneta ou o ruflar dos tambores. Os soldados de Tomé revidavam aquele ataque violento. Já havia decorrido espaço de mais de meia hora e os índios não recuavam, senhores de um terreno acidentado e revestido de frondosas árvores.

De qualquer forma sentiam-se bem entrincheirados, fazendo com que Tomé e sua tropa fosse pouco a pouco gastando a munição, visto que atiravam para todos os flancos, sem parar. Em dado momento o soldado corneteiro caiu em silêncio, foi traspassado por flechas e balas. Em seguida, o soldado Antônio da Luz e o batedor de caixa, de nome Braz, tombaram varados por tiros e flechadas. Contudo, Tomé avançava até perto das trincheiras inimigas, e por várias vezes, avistando índios, disparava a sua pistola de dois canos, fazendo tombar de vem em quando, sempre um, dos inimigos, os quais vendo qualquer dos seus, mortos ou feridos, procuravam

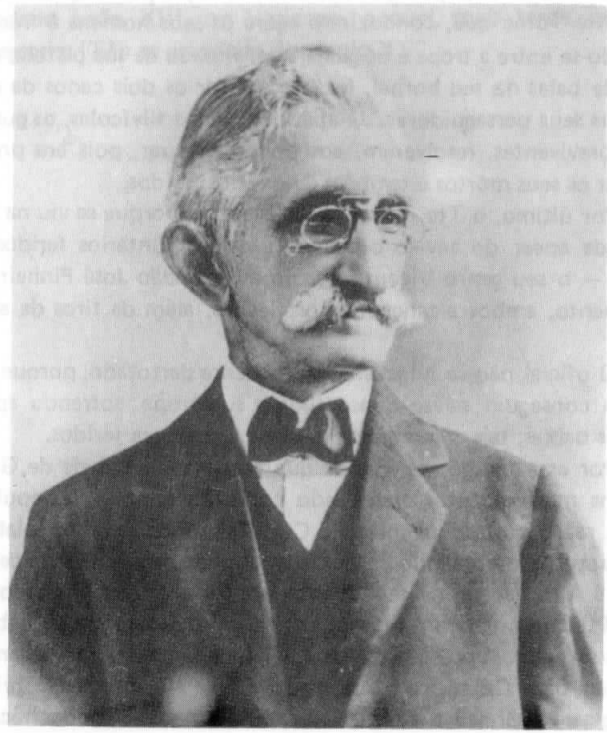
* José Américo Augusto Cavalcante dos Albuquerques Maranhão Sobrinho, ilustre poeta maranhense.

retirá-los conduzindo para as suas cabanas ou um seguro abrigo. Mais um soldado caiu ferido ao lado de Tomé.

Da parte dos índios ouviam-se expressões insultuosas como estas e outras:

— Vem mais para perto, bando de macacos secos, que nós queremos comer o fígado de vocês!

A luta já passava dos quarenta minutos, quando de repente Tomé fo avisado:



Frederico Figueira, diretor e redator de "O NORTE".

— Comandante, já temos mortos e feridos, e o enfermeiro manda-lhe dizer que Raimundo Maranhão, o Mundinho, que tinha sido ferido logo no começo do tiroteio, não está mais na retaguarda; desapareceu!...

Naquele momento, alguns índios começavam a recuar, quando aconteceu o inesperado: um soldado que era o bagageiro e municiador da tropa, gritou bem alto, dizendo que tinha acabado a munição

Cauiré e seus índios, ao ouvirem aquela notícia, criaram novo ânimo e gritaram numa única voz:

— Mata tudo quanto for cristão! Pega Tomé! Pega Tomé com a mão! Vamos matar esses macacos batizados, todos, um por um!

A munição, (balas, pólvora, chumbo, espoletas) havia se esgotado mesmo. Toda a tropa estava correndo risco de vida. O tenente, pensando na perda de seus homens, resolveu dar ordens de retirada.

Os índios desesperados tentavam avançar para capturar o comandante Tomé que, conduzindo agora os seus homens à frente, e expondo-se entre a tropa e os guajajaras, armado de sua pistola, e um resto de balas no seu bornal, fez descarregar os dois canos da arma sobre os seus perseguidores. Já abatidos alguns silvícolas, os guerreiros sobreviventes, resolveram, aos poucos, recuar, pois era preciso sepultar os seus mortos e também cuidar dos feridos.

Por último, o Tte. Tomé já viajava a pé, porque se viu na obrigação de apear do cavalo e cedê-lo a dois voluntários feridos nas pernas — o seu genro Vicente Araújo e o cidadão José Pinheiro do Nascimento, ambos alcançados por flechas, além de tiros de espingardas.

O oficial não se julgava absolutamente derrotado, porque com esforço conseguiu salvar quase toda a sua tropa, sofrendo apenas algumas baixas, tais como quatro mortos e quatorze feridos.

Por esse tempo, os boatos que chegavam à cidade de Grajaú eram os mais espantosos, gerando confusão e pavor à população inteira, razão porque dali partia o Cap. Raimundo Ângelo Goiabeira, tendo sob o seu comando 25 homens, os quais, antes mesmo de chegarem a Alto Alegre, tiveram de lutar contra os grupos chefiados por Manoel Justino, Parica e Luisão. Os índios massacraram os habitantes das fazendas Pari, Preperi, Arroz e Lagoa Cercada, impuseram um recúo ao Cap. Goiabeira e sua tropa. Ele se viu, destarte, obrigado a regressar a Grajaú para municiar-se novamente e poder recrutar mais homens, a fim de dominar e vencer aqueles índios, em cuja batalha ainda perdeu um soldado e teve alguns feridos.

Após ser derrotado no seu primeiro combate com os índios de Cauiré, em Alto Alegre, Tomé chegou a Barra do Corda, apresentou um relatório sobre a sua missão, as ocorrências, a sua retirada, a ferocidade e a coragem dos homens da selva, bem como a estratégia dos silvícolas e os meios de que dispôs para salvar-se, e à sua tropa. Apresentou então um novo plano, com as providências para urgente execução, de modo a que a situação não produzisse piores conseqüências, até ao ponto de abalar todo o Estado do Maranhão. Por

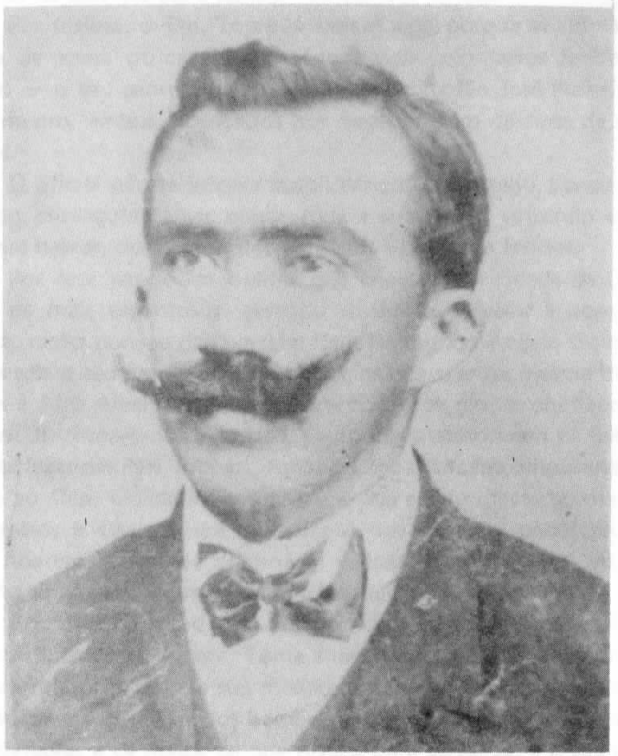
tais razões, deflagrar novo e renhido ataque contra Caboré e seus índios, gesto bem acolhido pelas autoridades.

Em São Luís, capital da Província, e até em grandes cidades do Brasil, a notícia chegava causando grande consternação, principalmente entre o Clero e a Colônia Italiana radicada no país, todos enlutados pela perda dos seus irmãos catequistas, vítimas daquela revolta.

Notícias do acontecimento fizeram-se chegar ao Papa, Sua Santidade Leão XIII, no Vaticano, o qual, mais tarde, assim se expressaria: "São as primícias do século XX".

OUTROS COMBATES

O rebelde João Caboré já estava de posse de tudo, (barris de pólvora, sacos de chumbo e caixotes de espoletas, duas dúzias de



Raimundo Leonílio Maranhão, primeiro combatente ferido. Irmão do Poeta Maranhão Sobrinho.

espingardas lazarinas e alguns rifles calibre 44, armas encontradas no depósito do convento) e assim se sentia, principalmente porque tinha certeza de que seus guerreiros enviados à fazenda Pari e outras localidades, (Preperi, Arroz, Lagoa Cercada, etc.) já haviam dado cumprimento às suas ordens e se consideravam senhores da situação. E nessa condição se investiram até a chegada do oficial da Polícia, o Cap. Raimundo Ângelo Goiabeira, que voltou a dar combate aos índios apossados das referidas localidades, depois de, no primeiro ataque, ter sido obrigado a recuar, regressando a Grajaú, a fim de conseguir mais reforços e poder continuar a luta contra os índios rebeldes.

Dias depois da chegada de Tomé a Barra do Corda, um dos combatentes, considerado morto ou desaparecido, chegou àquela cidade. Era Raimundo Maranhão, mais conhecido por Mundinho. Vinha ferido e só a muito custo pôde chegar até ali, onde teve que se submeter aos cuidados do médico inglês, Dr. James Graham, o qual teve que operá-lo, extraindo do ferido diversos caroços de chumbo.

No dia 09 de abril de 1901, chegava de São Luís do Maranhão o alferes Manoel Gonçalves com um reforço de soldados, a fim de se apresentar ao Tte-Cel. Pedro José Pinto, o qual, no dia 12 do mesmo mês, também chegava procedente da cidade de Picos, hoje Colinas, tendo logo formado uma tropa com 62 praças de infantaria, 2 oficiais, 5 paisanos e 42 índios da tribo Canela, inimigos tradicionais dos guajajaras, cujo chefe era o bravo pahi, (chefe), "Cel." Delfino Oropo-ká, que trazia como auxiliares imediatos os índios Doroteu Roctokóre, José Cadete Potxete e José Moreira Tunikô. Assim, a tropa bem organizada, composta de 111 combatentes, sob o comando daquele coronel, partiu de Barra do Corda, na direção de Alto Alegre, no dia 14 de abril.

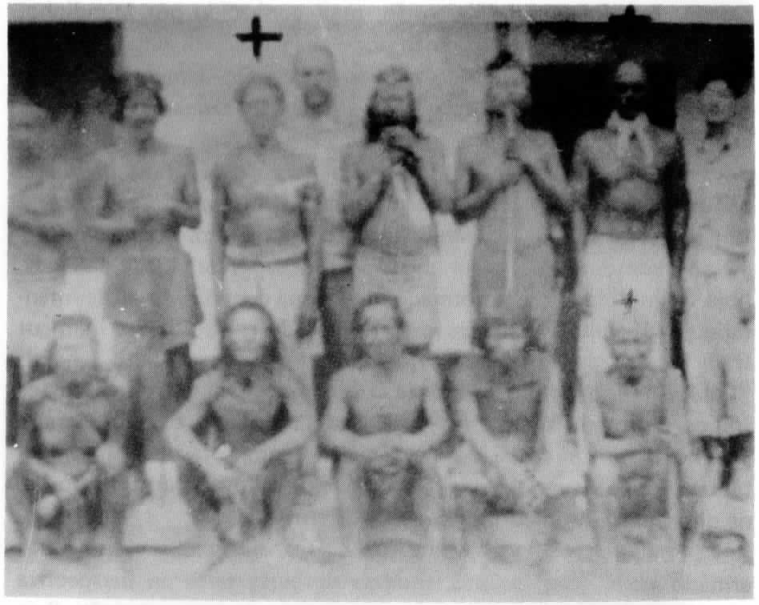
Pondere-se que a mobilização dos canelas para um confronto armado com os guajajaras, indicou absoluta falta de perspectiva científica de setores oficiais que supervisionavam a situação. Pois subsistiam resíduos de discordias etnológicas imemoriais. E agora, esse imprudente combate, primariamente provocado, veio sacrificar qualquer viabilidade de paz para uma ancestralidade por força de desavenças estreptosas.

Enfim, reunidas as tropas do Cel. Pinto, Tte. Tomé e o alferes Manoel Gonçalves, todas sob o comando geral do primeiro, marcharam um pouco devagar, chegando ao lugar Descanso pela noite do dia 18, onde dormiram. Durante o dia 19, as tropas preparam-se

para um decisivo ataque no dia 20, antes que o dia clareasse.

Dessa vez não faltaria munição, pois antes chegara um carregamento de São Luís, visto que as existentes na cidade haviam se esgotado, inclusive o estoque da firma comercial de Dona Teresa Ferreira de Souza, viúva do comerciante Francisco Milhomem Carvalho.

O Governador Torreão da Costa já então tomara conhecimento de que o chefe daquela rebelião não era outro índio, e sim o seu hóspede e protegido João Caboré, que há poucos meses havia estado em conferência com ele no Palácio dos Leões.



Antiga foto, onde vemos três índios canelas que combateram em Alto Alegre, contra os guajajaras: Dotuteu Roctokóre, José Cadete Potchete e José Moreira Tunikô. Entre eles os inspetores do SPI, José Maria da Gama Malcher e Sebastião Moacir Xerez.

Enquanto o Tte. Cel. Pinto, o Tte. Tomé e outros oficiais seguiam em direção a Alto Alegre, transformada agora em perigosa praça de guerra, descia de Grajaú o Cap. Raimundo Ângelo Goiabeira, trazendo um reforço de 40 homens, na intenção de sufocar, com um cerco de ferro e fogo aquele grupo de índios situados nas fazendas arrasadas, e daí marchar para Alto Alegre, na intenção de auxiliar o Cel. Pinto e seus camaradas a derrotar e a capturar os aguerridos guajajaras.

Raimundo Ângelo Goiabeira foi acompanhado pelo grajuaense Manoel Joaquim Fontenele e Silva, Capitão da Guarda Nacional, o qual, dias depois retirou-se da tropa, desgostoso devido as violencias de que foi testemunha.

Enquanto isso Caboré, que por muitos já era chamado de "general da selva", se sentia fortalecido em seu reduto, não se descuidando de nada. Numa constante preocupação de vigilância, ele se organizou, prevendo que a qualquer hora poderia ser atacado por todos os lados.

Para evitar o extermínio daquela tribo, que por princípio de aculturação, ignorava e rejeitava os ensinamentos da religião cristã pregada pelos missionários, o comandante Pinto partiu da fazenda Descanso e, perto da entrada de Alto Alegre, mandou que os índios canelas, seus aliados, tocassem as suas honhis ou buzinas, cujo som atroante cobrisse de terror os guerreiros de Caboré, fazendo com que esses fugissem e nem todos morressem.

Muitos dos guajajaras, ao ouvirem o som estridente das buzinas dos canelas, o que de certa maneira era uma grave ameaça para eles, ficaram assombrados e disseram:

Agora, tudo piorou. Temos os cristãos de Barra do Corda, os de Grajaú e ainda esses compridos nhambiquarasa (orelhas furadas, os canelas) contra nós!

João Caboré, sempre inspirado pela sua conhecida coragem, a todo instante distribuia ordens e instruções para os seus homens, ao mesmo tempo ensinando-os a resistir.

— Coragem, meu povo! Temos muitos homens, póvora, chumbo, espoleta, espingardas e até alguns rifles carregados de balas. Os orelhas furadas, os tais canelas, aquelas guaribas de beira de brejo, nada valem! Coragem, muita coragem e pontaria certa!

Para Caboré, estava na hora de cada qual tomar sua posição e não desprezar as suas ordens, contando com a vitória.

O som da corneta, o ruflar dos tambores, misturados às notas bárbaras e fanhosas das buzinas, cada vez mais se fundiam. Os gua-

jajaras, que dias antes haviam lutado lá no caminho, próximo à fazenda Descanso, entrincheiraram-se no próprio convento que agora servia de sede do alto comando daqueles índios, pois era uma ordem de Cauiré, que acrescentava:

— Assim será melhor! Vamos esperar esses brancos, pobres macacos ruivos, daqui mesmo de dentro das casas, à sombra, livres do sol e da chuva! Eles, os cristãos e os índios canelas não têm poder de retirar a gente daqui. Somente Tupã tem forças para isto. E se Tupã não quiser mais nos ajudar nesta luta, eu, Cauiré Imana, peço proteção ao terrível Zurupari, que não deixará de me socorrer com uma tropa de Arabines, cujo fogo da boca e dos olhos incendiará todos os brancos e os magros canelas vergonhosamente vendidos a troco de algumas tangas de algodão e poucas cuias de sal...

A tropa do Cel. Pinto, depois de cercar a pequena povoação de Alto Alegre e desfechar um cerrado tiroteiro contra Cauiré e seus guerreiros, obrigou muitos índios a romperem um lado do cerco. Dessa vez estariam sendo repelidos em virtude da superioridade das forças do governo. O certo é que, depois do cessar fogo, bem assim, da fuga de muitos índios, a praça de Alto Alegre mostrava um saldo de muitos mortos e feridos, não tendo mais baixas do lado dos índios, em face — ao que parece — de ter sido facilitada a fuga dos Guajajaras pelo Cel. Pinto. No entanto, muitos dos fugitivos foram inesperadamente se deparar com a tropa do Cap. Goiabeira, que não quis ser complacente, para desforrar-se de sua derrota, verificada há poucos dias, no seu primeiro combate.

Goiabeira, no encontro com os índios que fugiam de Alto Alegre, acossados pelas tropas do Cel. Pinto em seu segundo combate, diz que vingou-se bastante de sua primeira derrota, quando descia pela primeira vez de Grajaú.

Cauiré, com seus principais caciques, aliados e auxiliares, provando pela primeira vez o amargor de uma derrota dramática, juntou seus últimos guerreiros e foi entrincheirar-se noutras aldeias, depois da lagoa do Jacaré.

Naqueles dias ninguém se atreveria a descer de Grajaú a Barra do Corda ou subir desta àquela cidade, temendo a indiarada esparramada por toda aquela região.

Enquanto o Cel. Pinto e seus companheiros iam cuidando do atendimento aos feridos, que eram na sua maioria índios, bem como da vigilância aos prisioneiros, também faziam um ligeiro estudo e levantamento da região, poque podia haver índios dispostos a desdobrar a luta.

Numa tarde do dia 03 de maio, depois do combate travado contra Justino, Luisão, Parica e outros que estiveram apossados de algumas fazendas, chega a Alto Alegre o Cap. Raimundo Ângelo Goiabeira, apresentando-se ao comandante Pinto. Relatou os combates, inclusive com aqueles índios que vinham fugindo do cerco imposto pelo Cel. Pinto e seus homens, na tomada da então praça de guerra de Alto Alegre.

Muitos índios salvaram-se das armas dos homens do Cel. Pinto, Tomé, Manoel Gonçalves e por último da força de Goiabeira. Entre eles, Caboré, Justino, Luisão, Antonio Corrêa Lima e outros com seus grupos, que recuaram mata a dentro e foram ficar situados nos núcleos de Côco e Canabrava, onde se entrincheiraram em ponto de guerra, ficando a primeira aldeia sob o comando de Justino, auxiliado por Antonio Corrêa Lima, e a segunda aldeia pelo próprio João Caboré.

Depois de todas as tropas agrupadas, resolveu o Cel. Pinto reiniciar a luta contra os obstinados índios que pareciam se julgar indomáveis, principalmente Caboré.

ATAQUE ÀS ALDEIAS COCO E CANABRAVA

Terminado o levantamento do terreno e os preparativos para a nova luta contra os guajajaras, o Cel. Pinto tomou a resolução de mandar o capitão Goiabeira seguir com parte da tropa aquartelada em Alto Alegre à aldeia Canabrava. Ali, o tuxaua Cauiré estava ainda em pé de guerra, na esperança de, pelo menos, salvar a sua vida, a de sua gente e ao mesmo tempo disposto a perdê-la em troca da liberdade da própria tribo.

O Cel. Pinto deu ainda ordens ao alferes Manoel Gonçalves de forma a que não houvesse demora na missão à aldeia Coco, onde se encontrava o terrível Manoel Justino, o Uirahu, também conhecido por Gavião Real.

Enquanto isto, o comandante Pinto ficava em Alto Alegre com uma pequena força de 30 homens, entre os quais, Joaquim Hipólito de Sousa e o pernambucano Miguel Tributino de Barros, que ficaram auxiliando, junto às responsabilidades da tropa, vigilância e guarda, como também de tudo ali.

A primeira tropa seguiu de Alto Alegre em direção da aldeia Canabrava no dia seis de maio, cercando-a no dia sete do mesmo mês, entre cinco e seis horas da manhã.

Antes, porém, o comandante Pinto recomendou aos oficiais, principalmente ao capitão Goaibeira:

— Vá, capitão Goiabeira, ataque a aldeia Canabrava, onde, segundo informação fidedigna, encontra-se o cabeça desta revolução na selva, o tal cacique João Caboré, a quem tanto desejo conhecer.

— De acordo com as informações recebidas do escalão superior, como também por princípio de minha formação espiritual, peço a todos ouvirem com atenção às seguintes instruções: poupem vidas humanas. E não se esqueçam de que a vida de um índio é igual a nossa. Uma vida é coisa demasiadamente preciosa!

Só matem em casos de legítima defesa. Pela vida de qualquer índio teremos de prestar contas a Deus. Já morreu gente demais, principalmente entre os indígenas. Agora, que já passou o maior perigo, o que se torna mais precioso é capturar-se o adversário, ou pelo menos, dispersá-lo, empurrando-o para muito longe! . . .

Goiabeira, após ouvir aquelas recomendações, assim falou:

— Mas, Cel. Pinto! Depois de tudo quanto eles fizeram, a gente ainda terá que arriscar a própria vida, e poupá-los assim! . . .

Em todo caso, entendi as suas intenções!

Ao que respondeu o Cel. Pinto:

— Compreendo bem o que o senhor deve sentir, no entanto, o espírito de humanidade em casos dessa natureza, deve ser sempre nos termos recomendados por mim. Estamos numa luta de irmãos contra irmãos; numa luta de brasileiros civilizados contra brasileiros ainda em atrasado grau de evolução! . . .

O capitão, tomando a posição de sentido, respondeu desapontado:

— Sim, senhor comandante. Estou de acordo. Sempre soube respeitar e acatar as ordens dos meus superiores.

Apesar dessas recomendações do Cel. Pinto, nem Goiabeira, nem Gonçalves, evitaram que, ao se aproximar das aldeias, apertassem o cerco e indicassem cerrado tiroteio.

E o surto de balas desfechado por Goiabeira, naquela batalha, de vez em quando parecia arrefecer e até mesmo parar um pouco, dando tempo para que aquele oficial pudesse falar com João Caboré, aconselhando-o a entregar-se com sua gente. Continuavam contudo os avanços e recuos, e quando os canelas estavam recebendo ordens para tocarem suas buzinas, aconteceu que se ampliou ainda mais o alarido sempre notado em todos as lutas de índios, que assim procedem para amedrontar os seus inimigos.

Esse ataque foi um dos mais demorados, visto que Goiabeira não pretendia vencer a luta de uma só vez; queria desse modo facilitar uma tática de prender e conduzir vivo, à presença do Cel. Pinto, o famoso cacique.

Caboré, tarde demais, compreendeu que a vitória já pendia para o lado da tropa do Governo, pois se via sozinho e desarmado. A maior parte dos seus guerreiros, inclusive alguns dos caciques aliados, havia fugido, evitando a morte, ao considerar que não poderiam mais continuar aquela luta, destituidos de recursos, principalmente de munição. Todas as espingardas já estavam sem pólvora, chumbo e espoleta. Nada valeriam os arcos sem flechas. Assim, aproveitando a

fumaça provocada pelo tiroteio e procurando o lado do cerrado, o último grupo a fugir foi o de Pedro Velho.

Do lado dos índios não se ouviu mais um tiro, nem o sibilar de uma flecha. Também do lado dos soldados o fogo cessou. E quando o vento levava a fumaça restante, causada ainda pelas chamas das cabanas, o capitão Goiabeira assim falou:

— Soldados, entremos na aldeia! Vamos! Entremos rapidamente!

Aquele oficial e seus comandados mal puseram os pés nos terreiros dos casebres, ouviram a voz de Cauiré:

— Malvado capitão Goiabeira, não preciso mais de viver! Vou sair na tua frente . . . Mata-me, se é este o desejo de todos os brancos malvados! Mas, fica sabendo que eu não tenho medo de ti, nem o Cel. Pinto, nem de Tomé, nem de Gonçalves.

E ainda falou:

— Capitão Goiabeira, faz como eu, aprende a ter coragem! Aqui estou desarmado . . . Aproveita e dispara as tuas armas! Quero que veja pela última e única vez a cara do canguçu preso à aratraca da morte!

Saindo de uma cabana que começava a incendiar-se e imitando a suçuarana ferida, de repente como louco, avançou em rumo aos soldados e falou que sabia morrer como um verdadeiro homem da tribo Guajajara! Pediu para ser morto, Cauiré Imana não fugia à figura horrível de Monon. Esta figura, irmã do fim de todas as coisas, não lhe amedrontava.

Nesse mesmo instante, do lado das tropas, ouviu-se uma voz forte e pausada que assim dizia:

— Valente chefe Caboré, não queremos tirar-te a vida. Desejamos apenas levar-te a Barra do Corda e a São Luís do Maranhão, onde o Governador tem poder para perdoar tudo e logo te mandar de volta a esta mesma região, onde nasceste e tens vivido até agora. Ele poderá te dar uma grande faixa de terra demarcada, onde quiseres escolher e ainda viver feliz com a tua gente!

— Não! Não me interessa conhecer Torreão da Costa mais de uma vez! . . . Nem também me interessa ganhar de homem algum aquilo que já é nosso, e que Tupã deixou para os seus filhos. Não quero nada; apenas quero morrer! . . .

Caboré, mal acabando de falar foi rapidamente dominado pelos soldados.

Afinal, estava preso e algemado Cauiré, o "general da selva", ou o diabo das aldeias.

Instantes depois, foram presos quase sem resistência, os índios Arapuá, Antônio Carlos e outros.

Assim, na madrugada do dia 10 de maio, o alferes Manoel Gonçalves, após cercar a aldeia do Coco, onde se achava entrincheirado Manoel Justino e seu grupo rebelde, desfechou forte tiroteio, que declinava em vista de não estar ocorrendo reação, tanto que uma parte dos índios havia fugido, e era elevado o número de mortos e feridos.

Nesse ínterim, enquanto a fumaça ia aos poucos se dispersando pela mata, o vulto de um índio, trazendo apenas uma borduna à mão direita, surgiu a poucos metros do próprio Manoel Gonçalves, ao que este gritou:

— Deve ser Justino, o Gavião Real! Não o matem! Tenho ordens de levá-lo vivo, custe o que custar! . . .

Era mesmo Justino. Ali, já em campo aberto, talvez desafiando a própria morte, deu um grande salto em direção aos soldados, como quem quisesse atingir alguém que fosse o alferes Gonçalves ou outro dos seus homens. E antes que fizesse descer a sua pesada borduna, foi logo contido feito prisioneiro e algemado.

Agora, Manoel Justino caminhava entre os soldados, e rangindo os dentes como um caitetu acuado fora da toca.

Manoel Justino caminhava entre os soldados, triste, pensando como iria chegar a Alto Alegre ou mesmo a Barra do Corda. Pensando numa e noutra coisa, e faltando apenas alguns quilômetros para chegar àquele povoado, de repente tomou decisiva resolução e falou bem alto:

— Gonçalves, fica sabendo que não seguirei daqui para frente nem mais palmo! Um soldado o empurrou. Outro tentou arrastá-lo e logo recebeu em troca um forte pontapé.

Embora houvesse recomendação para ser conduzido vivo, aquele soldado se sentiu desfeiteado, desfechou-lhe a queima roupa dois tiros de pistola sobre o peito, fazendo tombar, sem vida, aquele rebelde da selva, cuja inúbia nunca mais ressoaria naquelas paragens.

Após a prisão de Manoel Justino, na aldeia Coco aconteceu que um grupo de índios, comandados por Antônio Corrêa Lima, Luisão e Parica, tentou libertar Justino e avançou contra a tropa de Manoel Gonçalves. Mas, pouco durou aquela investida. Todos foram logo presos e algemados. Nesta luta morreram muitos índios e houve muitos feridos que não puderam fugir.

Não se sabe se pelo motivo de Justino não ter chegado vivo à

presença do Cel. Pinto, ou outra razão, o certo é que após a chegada de Gonçalves a Alto Alegre, este Alferes deixou aquele povoado. Chegando a Barra do Corda, embarcou para capital do Estado, na lancha Fragoso, de propriedade do Sr. Antônio Prado, no dia 13 de maio de 1901.

FUGA DE JAUARAUHU COM PERPETINHA

O forte inverno de maio já diminuia sensivelmente. O verão se aproximava e o vento espancava a copa das árvores, de cujas folhas caia um branco orvalho. Nesse ambiente, Jauarauhu e seu grupo, que havia se retirado da companhia de Cauiré, estava junto das brancas Perpetinha, Úrsula e Isabel, numa improvisada maloca, além da serra do Jacaré. O grupo se preparava para enfrentar uma longa viagem rumo às bandas de Monção, sem suspeitar que logo mais estaria sendo atacado pela tropa do capitão Goiabeira, cuja fama de matador de índios corria de aldeia em aldeia.

Tanto que após receber do capitão Goiabeira, vindo da aldeia Canabrava, o importante prisioneiro da selva, tuxaua Cauiré, logo o comandante Pinto, cujo nome naqueles dias era manchete dos jornais, mandou reunir os seus subordinados e falou energicamente:

— Acabo de saber por informações de um dos nossos prisioneiros que um cacique de nome Jauarauhu se encontra numa pequena maloca, lá para os lados da serra do Jacaré e tem em seu poder algumas mocinhas que eram internas no convento da Missão.

— Mais uma empreitada difícil, capitão Goiabeira! Leve consigo o tenente Tomé. Escolha o pessoal, armas e o que for necessário e vá logo atacar mais um dos últimos chefes aliados de Caboré, já agora, nosso prisioneiro. Leve também o negro Capucho, conhecedor da região, batedor afamado e bom de rastro que só cachorro de caça! Ataque esse Jauarauhu com seu grupo. Use boa tática nesse cerco, sempre evitando maior número de mortes e faça todo possível de trazer vivas as moças, ex-internas, ilesas e guardadas de suas virtudes.

Depois do preparativo para aquela luta, o capitão Goiabeira com um dispositivo de 40 homens, inclusive o batedor Capucho, seguiu em direção à serra do Jacaré do Sabão, onde pretendia localizar a improvisada taba do cacique Jauarauhu.

O capitão Goiabeira e seus homens, viajando sem parar, foram dormir pertinho à maloca recém-construída por Jauarauhu. De manhã cedinho, no dia 18 de maio, aquele oficial gritou bem alto:

— Quem for cristão deite-se! Fogo por todos os lados!

No mesmo instante, ouviu-se um ruidoso alvoroço, gritos de índios, diversos palavrões, insultos contra os soldados e ao mesmo tempo, em resposta ao ataque, muitos tiros e flechas. Contudo, meia hora depois, notava-se a frieza da luta pelo lado dos índios.

Os guajajaras, aproveitando-se de um mormaço que não deixava o dia melhor, fugiam desesperados, pisando soldados e os seus próprios companheiros mortos e, agachando-se aqui e ali e levantando acolá, adentravam-se para longe. Poucos tiros e flechas já eram notados pelos atacantes. Minutos mais tarde, nenhum tiro, nenhuma flecha partia mais do lado dos atacados. Afinal o dia amanheceu mostrando sobre a relva dois soldados mortos e seis outros feridos, inclusive o negro Capucho, o batedor designado pelo Comandante Pinto. Quanto ao número de índios mortos não se sabe ao certo. Muitos feridos fugiram quando Jauarauhu agarrado a Perpetinha, corria desesperado com esta, a fim de livrá-la daquele tiroteio infernal.

Já o dia claro, o capitão Goiabeira disse aos seus homens:

— Agora vamos percorrer os arredores desta maloca, a fim de vermos se existe alguém escondido por aí, morto, vivo ou ferido.

Apenas deram alguns passos, uma moça surgiu correndo em direção deles. Vinha completamente despida. Goiabeira correu ao seu encontro e com a sua túnica envolveu-lhe o corpo franzino e maltratado de espinhas e urtigas. Era Úrsula Ribeiro que, espavorida, emocionada, nervosa, entrava em agudas crises de pranto; tremendo da cabeça aos pés, só se firmando de pé, por apoiar-se naquele oficial que, não obstante os seus gestos rústicos, dada a sua vida de velho combatente, não pôde se conter, e puxando um lenço branco de seu bolso, enxugou algumas lágrimas, assim se desculpando em seguida:

— Não reparem, por favor. Parece até um sinal de fraqueza. É a primeira vez que choro num campo de luta! . . .

Mal terminava aquela cena, cinco soldados apressados chegavam trazendo à frente outra moça em condições idênticas à primeira. Era Isabel Galvão.

Horas depois, o cap. Goiabeira regressava ao povoado de Alto Alegre, onde o esperava ansioso o Cel. Pinto.

Indescritível foi a satisfação do velho comandante ao receber no outro dia pela tarde o seu auxiliar, trazendo as duas moças, ambas

montadas a cavalo, puxados por cabrestos nas mãos de dois soldados de confiança, que viajavam, ora à frente, ora ao lado do capitão que conduzia com muita vigilância e carinho aquele seu maior troféu. . .

Aquelas meninas, embora lamentassem por tudo que havia acontecido, de qualquer forma, sentiam-se satisfeitas por já estarem salvas e protegidas, na esperança de breve chegar até os seus familiares.

Dizem que outras moças foram seqüestradas pelos índios, porém, ao que se sabe, somente Perpetinha é a de que a história tomou conhecimento. Consta que outra moça de nome Petronília,também desapareceu, perdida na mata ou seqüestrada por algum índio de taba longínqua.

Úrsula e Isabel tiveram muito o que contar aos oficiais, a respeito dos seus sofrimentos, bem como tudo o que assitiram no dia do massacre em Alto Alegre.

Ainda aquartelados naquele local onde se verificaram os graves acontecimentos da revolução dos guajajaras, oficiais e soldados, inclusive os prisioneiros, aos poucos refaziam-se das fadigas. Os feridos obtinham alta, ainda em convalescença.

Entre os prisioneiros de Alto Alegre, Caboré, era um dos que não traziam nenhum sinal ou cicatriz, porém era inocultável sua condição de guerreiro vencido. No rosto pálido, sulcavam-lhe mais as rugas e surgiam com mais nitidez fundas olheiras; andava triste e sentia enfraquecer-se.

O comandante Pinto, observando que o velho tuxaua Caboré apresentava prováveis sinais de doença, resolveu aplicar-lhe algumas doses homeopáticas. Mas, Caboré, que julgava fosse algum veneno, e como seu maior desejo de prisioneiro era morrer, de bom grado aceitou. Passaram algumas horas, nada sentindo de agravamento à sua saúde. E disse, de si para si:

— Já viu que coisa! A morte que eu esperava não veio! Nem a morte, nem os meus parentes falecidos querem saber de mim!. . .

Dormiu um pouco e quando acordou foi se sentindo mais calmo e disposto, livre de certos sintomas de antes; ficou supondo que aquilo fora manha de Zurupari. Pois se era veneno não deu para matar e até sentiu mais forças e desejo de comer algumas coisa.

No mesmo dia, quando o cozinheiro levou-lhe o almoço, um prato cheio de carne cozida, arroz e pirão de farinha de mandioca, alimentou-se regularmente, esvaziando todo o prato.

Para o comandante Pinto a melhora foi motivo de satisfação, visto que o seu maior prazer seria chegar a Barra do Corda com aque-

le guerreiro, apresentando-o às autoridades e, se possível, levando-o a São Luís do Maranhão.

Embora calado e melancólico, Caboré demonstrava ser o mesmo homem, disposto a enfrentar as conseqüências, resignado até o fim de tudo!. . .

Caboré era tratado com certa deferência pelo Cel. Pinto, que o conservou algemado somente durante o trajeto da viagem da aldeia Canabrava à povoação de Alto Alegre. Na prisão, num quarto do Convento, foi mantido bem vigiado, eliminando-se o risco de alguma fuga.

COMBATE DA SERRA DO CUMARU

Ao fim da primeira quinzena de maio de 1901, o Tte. Cel. Pinto, passou a receber todos os dias, visitas de índios que tinham fugido dos tiroteios, ou mesmo daqueles que não quiseram tomar parte naquela revolta, uns para pedir-lhe proteção, outros para-se entregar, rendidos pela fome e a carência dos artigos a que já estavam acostumados. Eles tiveram notícia de que o comandante Pinto não estava mandando fuzilar ninguém, daí acorrerem ao coronel, José Policarpo, Cuxiu, José Naru e outros. Muitos eram daqueles que no começo da luta estiveram com Caboré, mas dele se afastaram depois, temendo perseguições, enquanto outros faziam parte dos fugitivos que rompiam os cercos nas horas de cerrados tiroteios.

Muitas prisões foram efetuadas nesse transe. No entanto faltava ainda o famoso Pedro Velho, sobre quem pesava a crença de que, por ser um discípulo de pajé, nenhuma bala ou flecha o atingiria. Segundo diziam, tinha **o corpo fechado**.

Pedro Velho, também conhecido por Pedro Araújo, era aquele que escapara com diversos companheiros, quando do ataque desfechado por Goiabeira à aldeia Canabrava.

Logo que se deu a prisão de Caboré, chegou a Alto Alegre o sertanejo Ludgero Gomes, que procurou entrevistar-se com o coronel Pinto, informando àquele oficial que sabia onde se encontrava o índio Pedro Velho com o seu grupo, propondo-se ir até o local, a fim de facilitar a prisão deles. A delação foi evidentemente, aceita e julgada de conveniência: vencida essa última etapa de luta, aquele comandante e seus oficiais dariam por finda, com certeza, aquela missão, que teria por epílogo a entrada ruidosa em Barra do Corda, levando Caboré e seus guerreiros presos e escoltados. Afinal, apresentados todos às autoridades civís e eclesiásticas, às famílias e ao povo, a missão estaria cumprida.

O Cel. Pinto, após ter ouvido a informação de Ludgero Gomes, imediatamente mandou o Tte. Tomé com 30 homens ao local indicado por Ludgero, o qual seguiria como guia junto ao tenente e seus comandados. Primeiro, combinaram que o sertanejo quando já estivesse perto do esconderijo dos índios, seguisse adiantado da tropa para dialogar com Pedro Velho e seu grupo, a fim de que os acompanhasse. Ao chegar, Ludgero falou assim:

Foto de João Cassiano Filho, filho de João Cassiano Ribeiro, o primeiro ferido que chegou a Barra do Corda, levando a certeza do massacre. Ao seu lado vê-se sua esposa Maria Gomes Ribeiro, neta do sertanejo Ludgero Gomes, o que armou a cilada contra Pedro Velho e seu grupo, no despenhadeiro da Serra do Cumaru.

— Amigo Pedro Velho não se espante, como sabe, sou seu amigo. Sou de boa paz e conforme, era meu plano, sou de acordo que você com sua gente me acompanhem até Alto Alegre, onde já falei com o Cel. Pinto, que está disposto a recebe-lo com sua gente, por meu intermédio, dando a você e a todos os seus, garantia de vida e bom tratamento. Como prova disso, lá estão Caboré, diversos outros

caciques e seus índios, bem tratados, medicados e alimentados. O que não lhe fica bem é você com sua gente ficar aqui, assim, morrendo de fome e de mau trato. Portanto, se aceita a minha proposta, resolva logo, pois não posso demorar mais tempo. Já disse: garanto que não serão maltratados nem mortos.

— Dou-lhe minha palavra! Pense bem, e se quiser, ordene aos seus homens que me acompanhem. O Coronel tem poderes até de atender às necessidades de todos vocês e mandá-los de volta, pois, segundo o comandante falou-me, julga até que você não tem tanta culpa, visto que o centro de tudo mesmo é João Caboré! . . .

Quase meia hora depois que Ludgero parlamentava com Pedro Araujo, convencendo-o de que deveria seguir a Alto Alegre, este, sem nada dizer, com a cabeça baixa e riscando o chão com uma tala de taboca, talvez querendo ganhar tempo sobre como decidiria àquela hora, resolveu olhar para o seu pessoal, e disse:

— Vamos pessoal, todos para morrer ou viver! Ludgero parece que está querendo nos ajudar! E se tiver nos enganando um dia me pagará caro com a vida e a todos seus parentes que possam ainda existir por aí!

Ludgero também estava achando boa aquela demora, pois dava tempo ao Tenente Tomé surgir com sua tropa por outro caminho que era o da aldeia, desviando-se do local das aldeias Jurema e São Pedro, próximas ao local onde, tempos atrás Frei José de Loro pretendeu fundar uma missão, tendo iniciado a construção de uma capela. Aquele oficial, atravessando mais por baixo o Mearim para a outra margem, onde um despenhadeiro da serra do Cumaru favorece uma perigosa posição de ataque estratégico, distribuiu seu dispositivo de combate, numa traiçoeira emboscada. Assim, ficou em guarda, esperando que Ludgero passasse primeiro para poder atirar contra Pedro Velho e seus companheiros, já derrotados, há poucos dias, na aldeia Canabrava.

O sertanejo Ludgero Gomes, satisfeito, seguiu à frente de Pedro Velho e sua gente.

O delator, chegando defronte ao local onde deveria estar entrincheirado o oficial e seus homens, tossiu a plenos pulmões, e passou apressado com seu cavalo árdego, assobiando uma toada combinada. Era o sinal esperado pelo Tte. Tomé. Os índios ao se espalharem diante a tropa escondida na serra, foram surpreendidos por um forte tiroteio, restando, naquela perigosa circunstânciaa uma única saida honrosa para eles: atirarem-se despenhadeiro abaixo, até o rio, naquele salto periogosíssimo, e se precipitando sobre as águas

barrentas do Mearim, onde os mortos ou vivos que rolassem pelo abismo servissem de repasto às piranhas vorazes.

Deste grupo, apenas Pedro Velho, não se sabe como, alcançou a margem do rio, e manteve-se de pé, oculto por trás de uma laje de de pedra, fora da vista dos soldados. E esperou que a tropa se retirasse. Dizem que outro índio, genro de Pedro Velho, bem poderia ter escapado dos tiros desfechados pelos homens do tenente Tomé, se não fosse a imprudência de, já depois de ter atravessado para a outra margem do rio, julgando-se bem escondido sob umas moitas de mofumbo, proferir palavras insultuosas contra os soldados. Mas, localizaram-no e o alvejaram com vários e certeiros disparos. A tudo isso Pedro Velho assistia de lá de onde estava, por trás da pedra, a qual ainda hoje existe, e é chamada pelos índios de **madrinha do Pedro Velho.**

Meia hora mais ou menos depois que a tropa dera sinal de retirada, subindo por um lugar raso, devido ao estirão da itaipava, Pedro Velho, tremendo de frio, atravessou para a outra margem. Cobriu de ramos verdes o corpo do seu genro há pouco atingido pelos disparos dos soldados e, seguiu muito cansado, deitou-se no chão frio e dormiu. Quando despertou, sabia bem onde estava, porém não sabia para onde deveria seguir. Sentindo fome, comeu algumas guabirabas e uns dois ou três frutos de tutiribá. E quando se sentiu mais disposto, tomou a resolução de ir até Alto Alegre, de qualquer jeito, desse no que desse, vivesse ou morresse, para se entregar ao Cel. Pinto, pois sabia por informação que aquele homem era complacente com os prisioneiros. Se fosse fuzilado, para ele não seria o pior. Pelo menos sentir-se-ia logo livre de outras cenas chocantes como aquelas que há pouco havia visto.

Cansado, faminto e deprimido, após aquele tiroteio da Serra do Cumaru, um dia pela tarde Pedro Velho, surpreendentemente, sem ser observado por nenhum guarda, surgiu no portão do convento, e diante das pessoas que estavam ali por perto, falou alto:

Eu sou Pedro Velho! Se quiserem me matar, só matem depois que eu falar primeiro com o coronel Pinto!

Nesse instante, o coronel apareceu no portão, admirado como aquele índio havia chegado até ali sem ser observado por ninguém. Caminhou em direção ao cacique, dizendo:

— É você, Pedro Velho? Entre comigo! Nada tema! Aqui você está garantido. Nada de mal acontecerá! Muitos seus irmãos estão aqui. E estão passando bem, inclusive Caboré. . . Os que morreram,

morreram! Mas os que chegarem até aqui e se comportarem bem, nada sofrerão!

— O comandante Pinto, que por mais de uma vez demonstrara possuir espírito de justiça e humanidade, e vendo o estado de miséria e abatimento em que se achava Pedro Velho, mandou dar-lhe alimento, roupa nova e um par de botinas. As botinas eram para que ele não pudesse correr ou fugir, porque embaraçavam-lhe as pernas.

No outro dia, o coronel Pinto interrogou o índio Pedro Araújo ou Pedro Velho, como era mais conhecido, indagando de seu grupo sobre onde ele estivera. Respondeu com voz trêmula:

Joaquim Hipólito de Sousa, soldado que acompanhou o Comandante Pedro José Pinto, na sua retirada de Alto Alegre para Barra do Corda.

— Na barriga das piranhas e no papo dos urubus, coronel!

— Como assim, Pedro?

— Pergunte, coronel, ao tenente Tomé e aos seus soldados! Mas, o culpado de tudo foi o fuxiqueiro Ludgero! . . .

Dizem que Ludgero assim se portou para vingar-se, pois no ataque de Alto Alegre morreram diversos parentes seus.

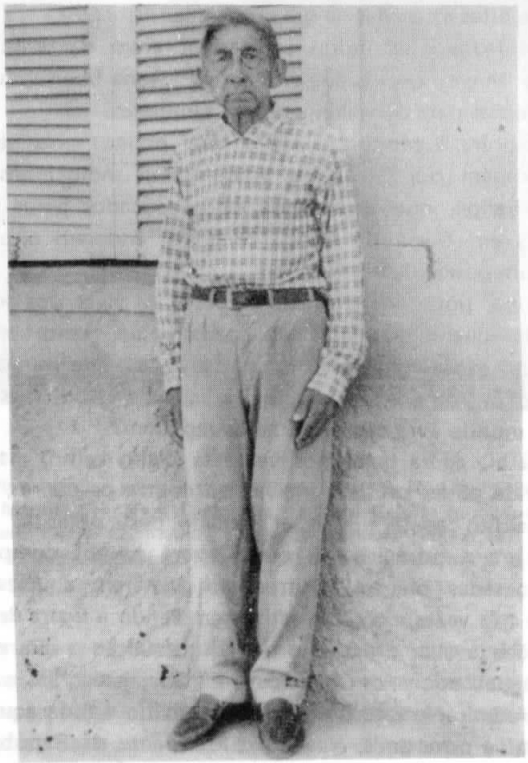
O oficial teria sido censurado pelo coronel Pinto.

Naqueles dias as águas do açude, lagoas e grotões, começavam a baixar. O impaludismo grassava na tropa. O próprio coronel Pinto, homem já de avançada idade, apresentava os principais sintomas da terrível doença: fortes dores de cabeça, calafrios e febre alta, razão porque resolveu passar o comando geral das tropas aquarteladas em Alto Alegre para o capitão Goiabeira. Depois, seguiu para Barra do Corda, afim de ser submetido a sério tratamento, sendo acompanhado na viagem pelos soldados Joaquim Hipólito de Sousa e o pernambucano Miguel Tributino de Barros.

Poucos dias depois que o Cel. Pinto havia deixado Alto Alegre, também sentindo-se doente, vítima de maleita que atacou diversos soldados, o capitão Goiabeira ordenou ao Tte. Tomé que avisasse ao pessoal e prisioneiros que iam também deixar Alto Alegre e seguir para Barra do Corda.

CHEGADA EM BARRA DO CORDA

Findava o mês de maio. Pela manhã de um dia ensolarado e belo, a corneta e os tambores deram o primeiro sinal de partida, acompanhado pelo som das buzinas dos índios canelas.



Caitano da Providência Araújo, um dos indiosinhos trazidos de Alto Alegre.

A tropa, sob o comando do capitão Goiabeira, conduzia à sua frente, montado num cavalo baio, o cacique João Caboré. Parecia receber tratamento honroso como prisioneiro de alto valor naquela montaria, mas tinha as pernas amarradas nos loros da sela, a fim de que não pudesse desmontar do animal e tentar alguma fuga.

À frente do prisioneiro seguia um soldado segurando a ponta do cabresto do animal.

Do meio da tropa, observava-se a constante vigilância dos oficiais e seus soldados. Via-se, bem à frente, um soldado levando a bandeira nacional e cada oficial, ou simples soldado, sentia-se muito responsável pelos seus prisioneiros.

Naquela situação, Caboré, muito sombrio, indicava ignorar a viagem, embora estivesse sabendo ser levado para um destino que jamais seria o da liberdade tão sonhada. E por onde seguia, revendo aquelas paragens por ele tão conhecidas, recordava as suas andanças e proezas de lutas e caçadas na sua mocidade.

Os soldados e os índios canelas vibravam de tanta alegria. Ainda mais alegres que todos vinham as jovens libertadas, Úrsula e Isabel, ansiosas para abraçarem os seus familiares.

Na inocência tão própria aos seus poucos anos de idade, trazidos também por Goiabeira, vinham dois indiozinhos órfãos, Caetano e Felipe, que foram criados e educados pelos próprios franciscanos em Barra do Corda, onde aprenderam o ofício de alafaiate e um pouco de música.

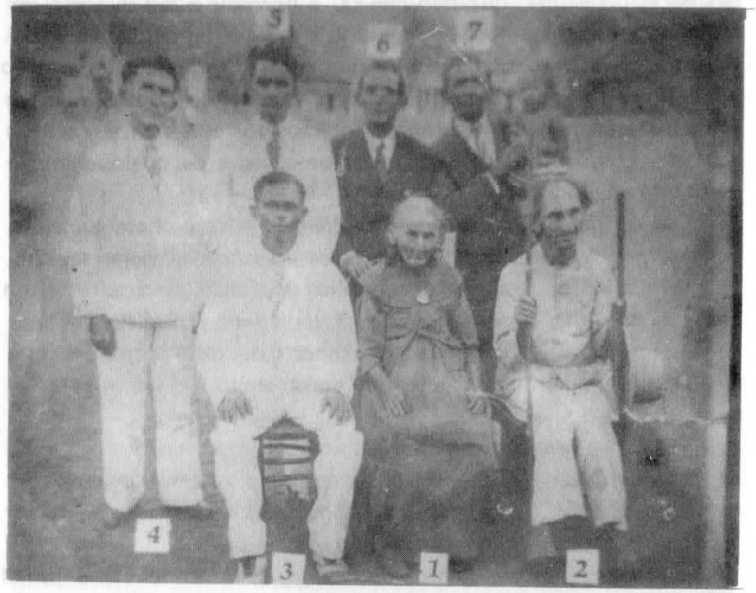
A tropa, por onde passava, escutava os vivas dos sertanejos em gratidão àqueles homens agora considerados como verdadeiros heróis. Muita gente comentava cenas dantescas, que nunca tinham acontecido; outros insultavam os índios, desejando-lhes a pior sorte neste mundo e no outro... E ainda repetiam:

— Tá aí, agora queremos ver este diabo velho, este tal de Caboré, ainda poder praticar malvadeza contra os padres, freiras e cristãos! Maldito capeta, tu vais ser fuzilado, peste nojenta!

Não era a primeira vez que Caboré e seus companheiros recebiam pesadas ofensas. Outros, ao avistarem aqueles índios, benziam-se três vezes, como se estivessem vendo a figura de satanás. Nem se pode avaliar a difícil e perigosa situação a que estiveram sujeitos, naquela época, os índios da tribo Guajajara.

É de admirar o fato de terem sobrevivido a tudo aquilo, pois, somente daí a nove anos, quando o Presidente da República Nilo Peçanha, criava o Serviço de Proteção aos Índios pelo Decreto nº 8.072, de 20/07/1910, tão longe ainda de se compreender e obedecer aos ensinamentos pregados pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon que no dizer de Osvaldo Aranha, foi "o mais brasileiro de quantos grandes homens o Brasil há produzido".

Era o terceiro dia de viagem. Os oficiais e soldados se aproximavam da cidade de Barra do Corda. Todos vitoriosos, estavam apressados e ansiosos por chegar. Somente Caboré e seus companheiros viam-se amargurados e sentiam desejo de não chegar nunca, se isso fosse coisa que pudesse acontecer.



Fotografia histórica, em que vemos Dona Belisária Rodrigues de Melo Uchôa, neta de Manoel Francisco Rodrigues de Melo Uchôa, fundador de Barra do Corda, seus filhos, (2) Manoel e José de Miranda Uchôa, (3); e os cidadãos Olímpio Fialho, (4); Clóvis Habibe, (5); Marcelino Miranda, (6); e Joaquim Maninho, (7).

Em Barra do Corda já se havia espalhado a notícia de que a tropa passara pela povoação de Igarapé e caminhava para os lugares denominados Duas Ilhas e Araticum, distante apenas uns dois quilômetros para o término da viagem. Na ponte, ao entrarem na cidade, ouviu-se a banda de música executar o Hino Nacional e diversos dobrados cívicos. O velho canhão deu diversos disparos.

Os foguetes pipocavam por toda parte, enquanto o povo abria alas para que os oficiais, soldados, as moças libertadas dos índios e estes, após atravessarem a ponte, pudessem alcançar a cadeia pública, defronte da qual o povo se aglomerava.

Caboré e seus índios foram encarcerados. Em volta da prisão fervilhavam os curiosos, porém os presos estavam incomunicáveis, pelo menos alguns dias. Os oradores se fizeram ouvir sobre o acontecimento e principalmente sobre o feito dos oficiais e sua tropa. Inicialmente falou Frei Estêvão Maria, superior dos capuchinhos em Barra do Corda, que não chegou a concluir o seu discurso dominado por forte emoção. Seguiu-se depois Sabino Câmara e outros, inclusive Frederico Figueira, que encerrou aquela manifestação

Logo foi instaurado inquérito severo, sendo Cauiré Imana o primeiro a ser ouvido nos longos interrogatórios e também o mais acusado, como acontece com todos os cabeças de qualquer movimento de rebeldia.

Já condenado, depois de mais de dois anos o chefe guajajara, com o corpo todo inchado e as faces arrocheadas, pelas sevicias, não resistiu, e morreu na cadeia pública da cidade, no suspiro de um deus vencido. A respeito, antigo periódico de Fortaleza. **A Voz de São Francisco,** acentua que Frei Roberto de Castelanza ministrara os santos sacramentos ao guerreiro encarcerado, 48 horas antes de seu desenlace.

Dizem que seu corpo foi sepultado com certas honrarias, no antigo cemitério de Barra do Corda, que hoje serve de lugar à Praça Gomes de Castro, na saída da estrada que vai ao Instituto Maranata e daí para o sertão de Balsas, Riachão e Carolina.

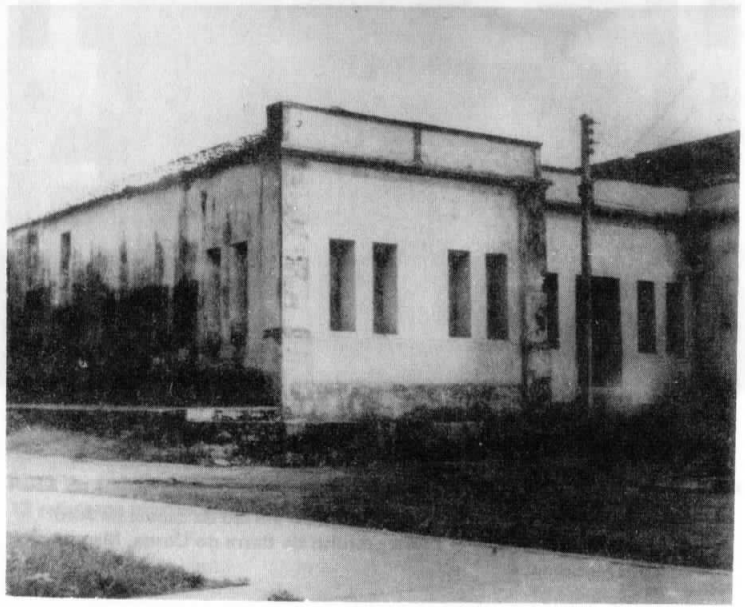
Sobre os índios capturados e depois prisioneiros, o jornal O NORTE, de Barra do Corda, na sua edição de 25 de novembro de 1905, publicou a seguinte notícia:"... os desenove índios que restavam foram absolvidos pelo Jury desta comarca, terminando assim os últimos episódios desse drama sanguinolento".

Quanto ao número de pessoas mortas pelos índios, uns falam em 400, mas segundo um boletim do IBGE, as pesquisas oficiais afirmam ter sido 200, inclusive padres, freiras, professores e as internas do Colégio da Missão.

Já o número de índios mortos em face da superioridade de armas, considerando as várias batalhas travadas entre civilizados e índios, e mesmo com os oficiais Goiabeira, Manoel Gonçalves, e tenente Tomé, que já no fim, embora contra as recomendações do Cel. Pinto, matavam índios, querendo adquirir fama de valentes.

"Passaram quase dois meses antes que Padre João de Milão e Frei Carlos pudessem pisar em Alto Alegre e transferir para Barra do Corda os ossos dos frades e freiras martirizados".

Os ossos dos frades e freiras, inclusive Dona Carlota e mais alguns, entre os principais, massacrados em Alto Alegre, estiveram guardados numa cripta, em Catedral de belo porte em Barra do Corda, cujos elementos nobres de construção, notadamente o mármore, foram adquiridos na Itália pelo Reverendíssimo Frei Adriano de Zâniga. Essa igreja foi construída por Frei Francisco de Milão, que era engenheiro, substituindo a igreja velha da Matriz, na praça Melo Uchôa, que teria sido construída em 1893 e demolida



Cadeia pública da cidade de Barra do Corda, na qual morreu o rebelde índio João Caboré.

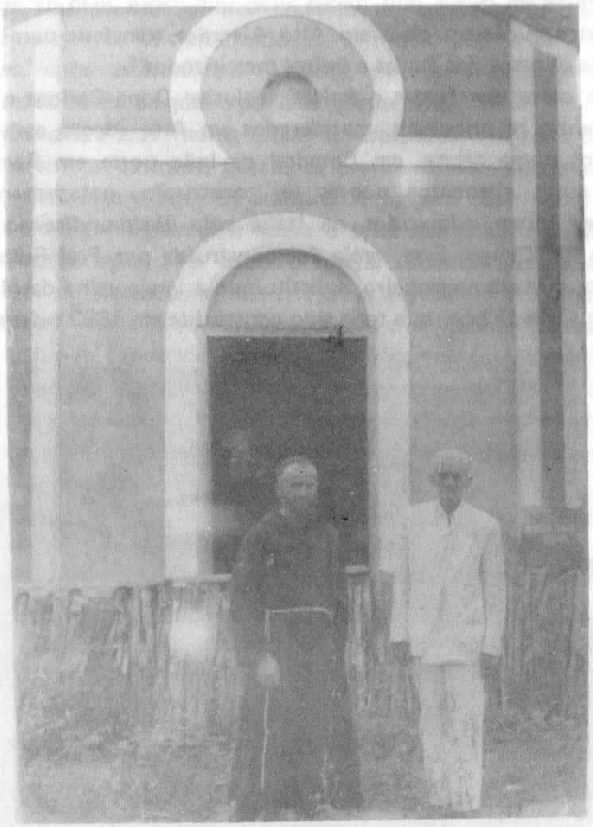
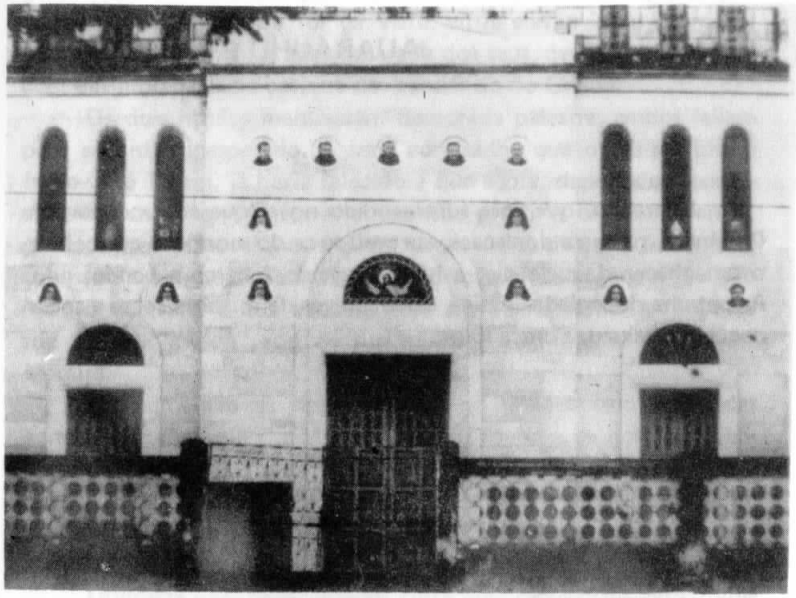


Foto do ano de 1953, vendo-se à frente do portão da capela de Alto Alegre, Frei Aristides e o então prefeito de Barra do Corda, Manoel de Melo Milhomem.

em 1950. Ultimamente os ossos dos massacrados foram levados novamente para Alto Alegre.

Na parte frontal da nova igreja, estão incrustrados no mármore os retratos dourados dos chamados **Mártires de Alto Alegre,** homenagem que lhes prestaram em 1951.



Igreja de Barra do Corda, Praça M. Uchôa.

Parte da frente de mármore trazido da Itália, onde avistam-se os retratos dos 13 religiosos mortos pelos índios.

JAUARAUHU E PERPETINHA

Jauarauhu, que fora surpreendido no ataque comandado por Goiabeira, na serra do Jacaré, aproveitou-se do mormaço que cobria o amanhecer daquele dia, e fugiu rasgando o cerco e conduzindo Perpetinha desmaiada. Assim, caíam trevas de mistério sobre a sorte daquela caraiuzu, a moça loura.

Urumana, irmã de Jauarauhu, guardiã de Perpetinha e algumas bisnetas

Ele tomou parte ativa na revolta de Caboré, do qual se afastou por divergência, e depois se deparou com um grupo de índios de sua aldeia, companheiros que haviam fugido do tiroteio de Goiabeira. Esses índios, aliados de Caboré, agora só desejavam fugir para bem longe de Cauiré, dos civilizados e suas armas, além de terríveis perseguições, de modo a que pudessem viver em paz. Mas o que surpreendeu naquele encontro foi ter visto, entre eles, a índia Urumana, sua irmã mais velha, há anos separada dos seus, devido ter se casado com um filho de certo cacique das bandas do rio Grajaú.

Os dois irmãos mantiveram demorada palestra, ambos felizes pelo encontro inesperado. A irmã contou-lhe que o seu marido, o índio José Tururi, já havia falecido e que agora, depois dos acontecimentos de Alto Alegre, havia resolvido procurar os seus parentes, principalmente Jauarauhu, a quem tivera a dita de ver à sua frente, companhia que o irmão aceitou de coração, a ela rogando que não mais o deixasse, e que daquela hora em diante tomasse conta de sua futura "miricó", ou de sua mulher, a ex-interna Perpetinha Moreira.

Urumana não se negou, porque já tinha costume de lidar com moças civilizadas: no tempo de seu marido, se hospedava em casas de fazendeiros que possuíam muitas filhas, e conhecia bem a região. Por isso, daquele dia em diante, passou a servir de guia, até alcançarem as terras de Monção, onde ele conhecia bem melhor a mataria.

Urumana logo se afeiçoou à Perpetinha, a quem achava muito bonita, apesar do desgosto e da tristeza que de modo algum não deixaram as suas faces.

Perpetinha, desde o primeiro dia da viagem, mostrava sintomas que só poderiam ser motivados pelo seu estado orgânico e psíquico. Durante o dia, era carregada às costas de Jauarauhu. Quanto à sua alimentação, estava a cargo de Urumana, que constantemente lhe falava assim:

— Menina, é melhor você comer do que morrer de fome. Assim, nada se resolve. Meu irmão é índio, mas ele é um homem de coração igual a qualquer homem branco de sua raça. Ele não é nenhuma onça pintada que só tem dentes e garras para atacar. Ele tem bons sentimentos também!

Os índios todos, reunidos num só grupo, viajaram até quando alcançaram a serra do Espinhaço, onde se demoraram algumas horas, a fim de que Perpetinha se refizesse das fadigas da viagem

visto que, ultimamente, já viajava alguns quilômetros a pé, pois a viagem às costas, em lugares de mato cerrado, tornava-se muito difícil devido às ramagens que lhe embaraçavam o corpo. Embora Jauarauhu, conhecedor dos segredos da selva, quisesse se demorar por mais tempo naquele lugar, viu desenhado no caule de uma árvore a figura de um jabuti, o que, segundo a sabedoria indígena, significava lugar seco, sem indício algum de água por perto. Neste caso, resolveu retirar-se com sua gente, seguindo viagem. Não chegaram, contudo, a sofrer sêde porque os índios, seus companheiros, sabiam tirar água, não só de raízes de certas árvores, inclusive a cajazeira, de certos cipós como a mucunã.

Perpetinha, quando caminhava, era sempre junto à bondosa índia Urumana, agora transformada em sua fiel guardiã. A jovem aos poucos ia se adaptando a certos alimentos indígenas, como também já respondia a algumas perguntas daquela índia, ao mesmo tempo lhe fazendo indagações.

Depois de algumas semanas, Urumana e Perpetinha já se entendiam regularmente bem. E Jauarauhu, informado por Urumana que a moça admirava imensamente as flores, regressava de suas caçadas trazendo-lhe ramalhetes, desde a rasteira jitirana até as altaneiras rosas cor de ouro dos paus-d'arco.

Certa tarde, Jauarauhu avistou a figura de um jacaré desenhado na casca de um frondoso mamuizeiro, cujo desenho tinha uma das patas para o norte, significando assim a existência de um rio ou lagoa naquela direção. De fato, naquele mesmo dia, antes de anoitecer, surgiu do espesso matagal uma formosa lagoa quase toda coberta de mururu e tabua ou taboa misturados com canabrava e outras espécies de gramíneas aquáticas.

Urumana, ao avistar aquelas água tão agradáveis para um bom mergulho, não se conteve e disse em tom muito alegre:

— Olha Jauarauhu, é a lagoa da Cabaça! Bebam depressa e se afastem logo que eu e Perpetinha vamos tomar um banho!

Urumana, segurando a mão da moça, quando ia pondo os pés dentro da água, rápida como um relâmpago, eis que uma enorme sucuriú inesperadamente atirou o bote na direção de Perpetinha que, devido a uma rápida providência de Urumana, foi desviada e salva. Mas, o sucuruiú agrediu e imobilizou a pobre e fiel Urumana, quase matando-a, razão por que Perpetinha gritava:

— Jauarauhu! Jauarauhu! Jauarauhu! Socorro! Depressa! Vem correndo... que uma enorme serpente está matando Urumana!

Era a primeira vez que Perpetinha chamava pelo nome daquele índio.

Aquela serpente se encolhia e se estirava, esforçando-se para arrastar o corpo da própria índia e com ele sumir nas águas profundas, sob a folhagem enlodaçada do mururu.

Após ter ouvido os gritos da moça pedindo socorro, Jauarauhu chegou com vários companheiros e, segurando o corpo comprido da cobra, aplicaram-lhe muitos golpes certeiros de facões, com muito cuidado, a fim de não atingirem o corpo da índia. E assim, o sucuruiú, de forças reduzidas, desenrodilhava-se das pernas de Urumana que, embora um pouco ferida pelo réptil, já se julgava salva. O monstro, agora, era crivado de batins de flechas desde a cauda até a cabeça, ficando por algumas horas a contorcer-se para morrer.

A índia, embora ainda assustada por causa de tudo o que aconteceu, de qualquer forma sentia-se feliz por ter salvo a vida de Perpetinha e assim revivia o decorrer da perigosa cena, demonstrando satisfação ainda mais por estar vendo e sentindo a gratidão, refletida nas lágrimas dos olhos da encantadora deusa loura.

O mais curioso, contudo, era aquele índio apaixonado, com quem Perpétua, de qualquer maneira falou, no decorrer dos acontecimentos e, afinal esboçou um leve sorriso, que só tinha uma significação, o reconhecimento.

Da lagoa da Cabaça para frente alguns quilômetros, Jauarauhu passou a ter conhecimento da região, como também sabia que não estaria mais tão distante do lugar para onde se destinava, pois não observava no caule das árvores aquelas figuras de aves de asas abertas, significando distâncias. Observou que, ultimamente esses desenhos eram apenas de aves com asas fechadas que diziam ser distância menor, talvez já perto de aldeias, moradias isoladas.

Já numa região pantanosa, Jauarauhu chamou a atenção de todos para que caminhassem com muito cuidado e se apressassem, a fim de saírem logo daquela mata. Nela, observando aqui e acolá, viam-se desenhadas nas ávores figuras de cobras, o que demonstrava ser um lugar perigoso para quem por ali passasse. E não só deveria ser infestada de cobras, como também de outros animais perigosos. Receoso de mais outro perigo contra a vida de sua amada, tomou-a sobre as costas e saiu quase correndo, acompanhado de Urumana e dos demais índios.

Perpetinha refazia-se gradualmente das crises nervosas. E de dia ou de noite não se afastava de Urumana. Naquela jornada, onde

o grupo parava, conforme fossem o aspecto e o clima do terreno, ou a ausência de certos sinais perigosos, marcados nas árvores e até mesmo no chão, viam-se rastros de onças ou outros que, segundo a crença deles, eram os passos misteriosos do Caapora, advertindo não poder caçar-se nada naquele local.

Em lugares onde a fauna se mostrava pródiga, demoravam-se por dois ou mais dias, empregando-se todos em caçadas. Também nos rios, lagoas e igarapés, faziam pescarias. Nesses lugares, Jauarauhu designava alguns dos seus homens para a tiragem do mel de abelha. E colhiam frutos e ovos de certas aves, como do jacu, da aracuã, jaó, nambu ou inhumbu, como é conhecida na região, e a que o guajajara também chama tururi. Eram tipos de alimentos a que Perpetinha já começava a habituar-se.

Desde o começo da aventura Perpetinha escrevia com a ponta de um batim de flecha alguma coisa sobre a casca de árvores de caule não muito endurecido. Eram profundas angústias que emergiam.

— O que será que esta caraiuzu está deixando escrito nestas árvores? Não será algum recado para homem branco que um dia possa vir passar por aqui?

E recomendou Jauarauhu a Urumana que desse ordem para que Perpetinha não escrevesse mais nas cascas das árvores.

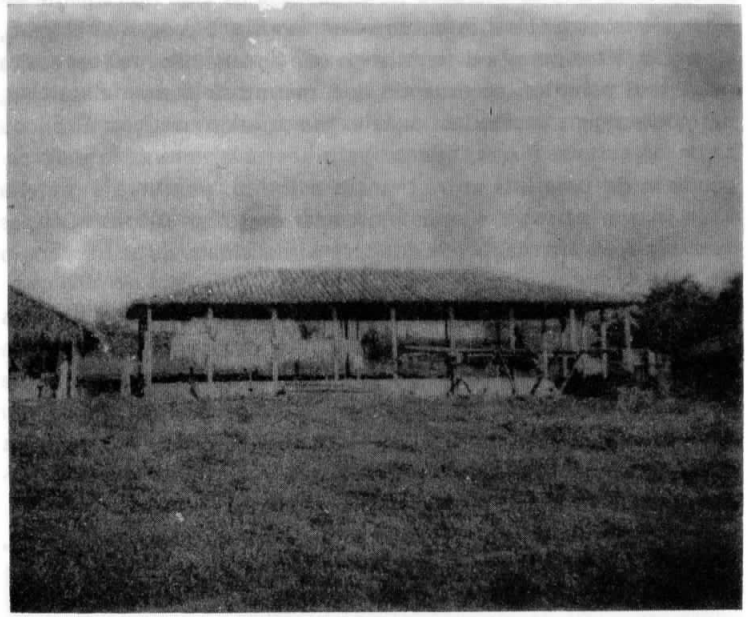
Dois meses já haviam passado e a viagem continuava, embora dia após dia ocorressem algumas paradas. A selva, todavia, parecia não ter fim. Cruzaram pequenos rios, lagoas e igarapés. Entre as lagoas estavam a da Tracoa, Gameleira, Raposa e outras menores, sendo as últimas já na região de Monção. Quanto aos igarapés que passaram, eram os mais conhecidos e piscosos, denominados Espírito Santo e Santa Rita. Atravessaram diversas estradas que seguiam diferentes rumos, talvez para alguns povoados da raça branca ou mesmo povoações negras remanescentes dalguns antigos quilombos, cujas moradias, fossem quem fossem, muito gostaria Perpetinha de vê-los. Porque ela quando passava por aqueles caminhos, tinha um desejo imensurável de fugir. Era a profunda recordação da estrutura sócio-cultural, da qual se desligou compelida pelo delírio da violência.

Depois de atravessar todos aqueles caminhos, o grupo seguiu, evitando a serra da Desordem e ladeando esta elevação pela parte mais baixa em rumo ao rio Turiaçu. Atravessaram o igarapé do Pombo, pequeno afluente deste rio.

Mais tarde atingiriam a serra do Tiracambu, seguindo para o igarapé denominado Jararaca onde, à margem direita, sobre um

terreno firme e plano, resolveram parar em definitivo, erguendo em poucas semanas uma formosa taba, em localização melhor do que aquela sua, de onde haviam partido.

Depois da construção da nova aldeia, Jauarauhu mandou parte dos seus homens até a sua velha aldeia, para trazer tudo que havia deixado, bem como o restante do povo que tinha ficado.



Casa feita pelo extinto Serviço de Proteção aos índios, no Posto Indígena "Cap. Pedro Dantas", no Gurupi, Estado do Pará, em cujas proximidades, por mais de uma vez, Raimundo Miranda, viu os netos de Perpetinha Moreira, os índios Piahu e Maracambá.

Na taba nova, numa casa maior do que as outras, coberta de palha, paredes de taipa, foi viver Perpetinha com o jovem cacique Jauarauhu, ao lado de sua cunhada Urumana. Após dois anos, viu nascer-lhe o primeiro filho, que recebera o nome de Jauara, nome que não foi aceito pela mãe visto significar cachorro, no idioma dos brancos. Não discutiu, no entanto, o ato do marido.

Embora fosse unilateral a decisão, não desejou Jauarauhu formular interpretação qualquer que justificasse alguma virtude — com certeza existente — para o nome de um ser vivo mal visto da nossa fauna doméstica.

Naquela bonita aldeia situada à beira do pequeno rio Jararaca, viveu Perpetinha por vários anos. Muito depois tiveram que se mudar para outros lugares, cada vez mais se embrenhando nas matas, ficando mais distante da civilização.

Dizem que certa vez, não se sabe como, Perpetinha tivera um encontro com um velho sertanista ou seringueiro em exploração pelas matas, que se ofereceu para libertá-la da vida tipicamente escrava na selva tropical, e entregá-la à família. Ela recusou o gesto, alegando já ter filhos e desconfiar de que poderia não mais ser aceita pelos seus parentes, acentuando que, mesmo se viessem a aceitá-la, de modo algum acolheriam aqueles indiozinhos mestiços. Explicou ainda ao sertanista que, mesmo para libertá-la, arrancá-la dali, dependeria de uma luta entre brancos e índios, e assim ela preferia ficar, morrer na selva, a ainda presenciar ou sofrer as conseqüências funestas de outro massacre a que teve a infelicidade de assistir, como em Alto Alegre.

Jauarauhu talvez tenha vivido com Perpetinha mais ou menos dez anos, tendo falecido num combate travado contra índios de outra tribo diferente, passando daquela época em diante a inditosa ex-interna do Colégio da Missão de São José da Providência, em Alto Alegre, a errar por muitos outros lugares, desde as margens do Maracassumé até as margens do rio Gurupi, muito mais martirizada do que no tempo em que vivia Jauarauhu.

Depois da morte de Jauarauhu, mais ou menos três anos,

Foto de 1942, onde vemos entre um grupo de índios, o Inspetor do SPI, Raimundo Nonato Miranda e o então chefe da Inspetoria Regional, José Teodoro Mendes.

Perpetinha faleceu, encerrando os seus dias e repousando em cova rasa à margem do Gurupi.

Mais ou menos em 1949, muitos anos depois, foram vistos pelo Inspetor Raimundo Nonato de Miranda, antigo funcionário do extinto Serviço de Proteção aos Índios, nas proximidades do Posto Indígena **Capitão Pedro Dantas,** no Estado do Pará, um casal de índios — Piahu e Maracambá — de pele mais clara do que os demais da região, que lhe disseram ser netos de Perpetinha Moreira. interrogados a respeito da "peregrina da selva", responderam que ela há tempo havia falecido.

Segundo o velho Inspetor Miranda, durante o contato que manteve com aquele casal de índios, pôde verificar que sabiam ler, escrever e contar um pouco.

Há indício de que Perpetinha vivera alguns anos nas matas do Pará, mas que sempre regressava às aldeias guajajaras situadas pelo lado do Maranhão.

Poucos anos depois da revolta de Alto Alegre contaram que seringueiros, caçadores ou vaqueiros, leram em diversos lugares, ao meio da mata, os seguintes dizeres gravados na casca de certas árvores: "Por aqui passou a infeliz Perpetinha Moreira", e noutras: "Ainda existe a infeliz Perpetinha dos Reis Moreira".

Hoje parece até que a história de Perpetinha passou para o domínio da lenda. A respeito de sua peregrinação pela selva, contam tantos casos que a maioria não merece crédito.

Entre os velhos narradores dos acontecimentos sobre Alto Alegre, há aqueles que estimulam o surgimento das lendas, dando esta conclusão a esta estória de Perpetinha Moreira: "Todos os anos, ainda hoje, lá muito distante, às margens do lendário Gurupi, sempre pelo mês de março, à beira dos lagos, às margens das lagoas e ao centro da mata, aparece uma grande garça diferente das outras da região, voando sobre as árvores mais altas e floridas, como se estivesse procurando algo que jamais pôde alcançar, por fim desaparecendo para o lado dos íngremes barrancos do rio, sobre um lugar sombrio onde as flores das sapucaieiras derramam constantemente o perfume suave da solidão que amortalha a alma das coisas esquecidas, para sempre mergulhadas no imenso vácuo do abandono eterno".

E assim se esvae a tormentosa existência de uma divindade extraviada na selva e vigiada pelo silêncio da amargura e da morte.

A VISÃO DA TRAGÉDIA NA PALAVRA DOS CAPUCHINHOS

Mensagem fúnebre dos P.P. Capuchinhos
logo após o massacre
São Luís do Maranhão, 22 de Março de 1901

Tremenda e fulminante nos chegou, a nós pobres Capuchinhos, a notícia da tragédia cruel e nefanda de que foram vítimas os nossos caros confrades, no Alto Alegre, comarca de Grajaú, onde há seis anos se dedicavam à regeneração civil e religiosa das crianças indígenas! Bárbaras mãos, correspondendo ao benefício, com a crueldade de quem não sabe aquilatar a elevação, nobreza e valor do sacrifício, cedendo à brutalidade, ao vil instinto e deixando-se vencer pelo gênio malfeitor, na noite de 13 para 14 do corrente, traiçoeiramente assaltaram e desapiedadamente assassinaram a dupla "Família Religiosa", constante de 4 Capuchinhos – Padres Reinaldo, Zacarias, Victor e Fr. Salvador e de 7 Irmãs também Capuchinhas!

A cruel notícia nos causou profundíssima mágoa que tornou-se ainda mais sensível pela circunstância de achar-se hospedado em nosso Convento do Carmo o Revmo. Padre Visitador, enviado especialmente pelo Chefe Supremo de toda a Ordem.

O velho, sábio e Venerando Superior ardentemente desejava visitar o quanto antes aqueles caríssimos missionários, que por sua vez esperavam-no ansioso por aurir, em seus sábios conselhos, um novo vigor a fim de prosseguirem corajosamente a senda escarpada do heroísmo. O Venerando ancião sentiu lanceado o seu coração paternal, mas na profundeza da sua e nossa dor experimentamos um lenitivo, ao saber que a cruciante notícia ecoou no coração magnanimo da culta e generosa cidade de São Luiz, despertando-lhe sentimentos de profundo pesar e sinceras condolências para conosco. Inteligente e grandiosa em nobres sentimentos, a cidade de São Luiz mediu fôrça do sacrifício dos 4 jovens missionários que fortes denodados, levaram as abnegações até sacrificar a própria vida em prol da causa sacro-santa da catequese dos índios!

Compreendeu a cidade de São Luiz o heroísmo das 7 Religiosas que, na candura virginal de suas virtudes e na florescência de verdes anos, afrontavam a inclemência do clima, o pânico das florestas, o terror de fisionomias selváticas e as insistentes ameaças, tudo suportando alegre e corajosamente para salvarem as almas de tantas e e míseras criancinhas! Penhorados pelo confôrto que nos proporcionou o modo significativo com que a população desta cidade partilhou a nossa mágoa, cumprimos um dever convidando a V.Sª e a Exmª família para assistirem às "exéquias Solenes", que se celebrarão sábado próximo, 23 do corrente, na Igreja do Carmo, pelas 8 horas da manhã, em sufrágio das vítimas da hecatombe de Alto-Alegre. Oh! Bendigam os seus a flor que vos aprouver depor sobre o túmulo das vítimas do sacrifício! Chegou até o trono de Deus a férvida e piedosa prece que juntamente com o velho e venerando Visitador vos dignaivos de balbuciar em favor de tão nobres e santas vítimas.

Os Padres Capuchinhos.

Transcrição de "A Voz de São Francisco", Edição de março de 1951
Fortaleza – Ceará.

Recordações de um companheiro de Apostolado
Frei David de Desenzano.

No 24 de março de 1901 encontrava-me na Igreja de São Francisco em Canindé (Ceará) confessando os paroquianos e numerosos romeiros que de longe vinham visitar o Santuário... Tudo estava pronto para a Missa solene das 10 horas. Os meninos do Colégio, acompanhados pela música, vinham para a Igreja arrastando uma onda de devotos para a Missa. Tudo era sorriso, alegria; mas já houve alegria sem dor?... Estava me paramentando quando foi-me entregue um telegrama que dizia: "Os Índios destruiram a Colonia de Alto Alegre matando 4 Missionárias, 7 Freiras e mais de 200 cristãos!!! O meu coração vacilou por alguns instantes e desatei em soluços. Todos os presentes aproximaram-se de mim ansiosos por saber o que havia acontecido. Sempre chorando sem poder articular palavra passei o telegrama ao Padre Agostinho de Milão que por sua vez o passou aos demais. Dentro de alguns instantes o povo em peso cientificou-se do acontecido... foi um pranto geral a causa da grande afeição que nos tinham como pelo desaparecimento de Padre Rinaldo que todos conheciam... Renunciei ao canto da Missa e ao sermão, limitando-nos a recomendar orações.

Naqueles dias saturados de tristeza viviamos de cogitações: quais serão os Missionários tombados? Sabia que naquela residência estava P. Rinaldo como Superior; P. Vitor e Frei Salvador; terão morrido os três? quem será o quarto? Alguns dias depois chegou-me uma carta de Padre Timóteo de Brescia confirmando o telegrama e notificando a morte de Frei Zacaria de Malegno. Dia e noite pensava nos caros companheiros desaparecidos.

Lembrava Frei Rinaldo de Paullo com o qual fiz o santo Noviciado com os estudos de Filosofia e Teologia; reciprocamente nos confiamos o segredo de partir para as missões logo houvessemos terminado os estudos como realmente aconteceu no dia 7 de Novembro

de 1894. Durante a viagem confiou-me a grande magua experimentada deixando os seus pais e irmãos que adoravam; mas acrescentava: "para Deus e para a salvação das almas deve-se fazer com gosto qualquer sacrifício". Chegados, estudamos juntos a lingua portuguesa por três meses e em seguida nos separamos. Frei Reinaldo após ter pregado algumas missões no Piauí foi escalado para fundar a Colonia de Alto Alegre e civilizar os selvagens no interior do Maranhão, além de Barra do Corda, lugar onde expendeu três anos de sacrifícios. Nomeado Superior Regular de toda a Missão teve que abandonar com pena infinita os seus Índios queridos se dedicando à organização da missão. O seu trienio de superiorado foi fecundo de obras e de zelo. Fundou a nova residência de Canindé para onde mandou-me como Superior;

Passaram quase dois meses antes que Padre João de Milão e Frei Carlos pudessem pisar em Alto Alegre e transferir para Barra do Corda os ossos dos frades e das Freiras martirizados.

Assim findava aquela Colonia, obra de tantos suores e de tantas abnegações... Deus queria assim consolidar a sua obra. Leão XIII chamou-os primicias do século vinte". O Núncio Apostólico no Brasil me confortava dizendo em sua carta: "o sangue daqueles herois dará maior força à Missão e Deus despertará nos Religiosos da sua Província um renovado espírito de sacrifício; aumentará o número das vocações, de tal forma que o sangue daqueles mártires será motivo de um novo reflorescimento daquela Missão. Mártires então podem ser considerados os nossos herois e está muito bem; mas é necessária uma grande santidade para receber a corôa do martírio, e ninguém sabe quanta santidade estes mesmos tenham levado ao tribunal de Deus que tudo pesa e tudo julga; enquanto a Igreja não pronunciar-se a este respeito cumpriremos obra de amor cristão rezando por estes pobres trucidados. Deus faça resplandecer sobre eles a luz da eterna glória, Ele benigno e misericordioso: Luz eterna eis Domine quia pius es.

Lembrava-me do caríssimo Frei Salvador de Albino, meu íntimo amigo de infância ao qual eu mesmo, mais D. Camilo tinhamos aconselhado para que abraçasse a vida religiosa entre os Capuchinhos. Um verdadeiro anjo de costumes, trabalhador incansável, transformava as florestas de Alto Alegre em campos ubertosos.

Estas são as heróicas figuras dos companheiros de Apostolado que o massacre do dia 13 de março arrancou violentamente do seu campo de trabalho...

Após 25 anos (este artigo foi escrito por Frei David por ocasião do vintencinquesimo do massacre no ano de 1926) lembro-me ainda com santa admiração e peço a Deus para que glorifique os seus servos que sacrificaram a vida para levar a luz do Evangelho e o benefício da civilização aos pobres Índios dos sertões maranhenses. O exemplo heróico dos Missionários tombados seja de incentivo aos Missionários nossos co-irmãos que naquele campo trabalhavam.

Transcrição de "A Voz de São Francisco", edição de março de 1951, Fortaleza – Ceará.

ALTO ALEGRE – ALTO DO GÓLGOTA

Quem ignora a história dolorosa de Alto Alegre?

Uma cova de feras, quando aí aportaram os Missionários. E depois um ninho de ressuscitados, sob o beijo e sorriso da Cruz.

Um cemitério de mártires sob a arma traiçoeira dos indígenas.

Reconstruamos o triste episódio, como nos foi transmitido pela narração de uma pequena selvagem, Úrsula, única vítima que sobreviveu ao massacre e aos atos processuais.

Noite transbordante de luz doirada e de perfumes silvestres, é esta de 12 do mês de Março de 1901, em Alto Alegre. O céu, com as côres mais variadas, as flores, com as essências mais penetrantes, fazem cortejo ao sol que mergulha na luminosidade do ocidente.

No meio, um morro; e, sobre o mesmo, as casas dos Índios; casas baixinhas, porém bem enfileiradas; algumas de taipa, outras de palha.

Mais em baixo uma Igrejinha "São José da Providência"; a sua direita, um conjunto de casas onde moram as Irmãs e as pequeninas Indias; mais além outra moradia: a dos Padres Capuchinhos. Dela sai Frei Salvador... ruma para a Igreja e ele mesmo puxa a corda do sino que badala espraiando seus sons doces e ritmados.

Que haverá hoje de anormal na aldeia?

Ao tramonto sucedeu, rapidíssima, a noite, e, entre as casas dos Índios ardiam fogueiras como na noite de São João e as labaredas subiam como enormes línguas de fogo.

E pode-se esperar que a iniciativa agrícola alcance de revirar, além dos campos, as almas também? E os olhos de Frei Salvador voltaram-se para o céu justamente de encontro ao cruzeiro do sul, que as estrêlas do hemisfério austral compõem. Parece mesmo que haja algo de sombrio e anormal, na vila, esta noite.

Lá onde a estrada se alarga formando um enorme terreiro estão

acesos fogos extranhos, nunca vistos até então e os Índios dançando ao redor dos mesmos; a dança é selvagem e o compasso marcado pelo rufar dos tambores; no clarão das fogueiras perfilam-se os corpos dos Índios armados; não são loucos, é uma verdadeira aglomeração. Está Caboré, o monocolo, o cristão apostata, o corrompido chefe da tribu, que voltou para alforesta indignado contra o "non licet" de Padre Rinaldo. A hora da vingança chegou e Caboré soube unir ao álcool palavras que incentivam os espíritos. A dança torna-se vertiginosa e ensurdecedora. Os Índios cortam as chamas, e pulam sobre os tições... como condenados. Nos olhos de Caboré fuzilam raios de ferócia.

Transcrição de "A Voz de São Francisco", edição de março de 1951
Fortaleza – Ceará.

TRECHOS DE UMA CARTA DE FREI CELSO DE UBOLDO, PRECIOSO DOCUMENTO PARA A HISTÓRIA DE ALTO ALEGRE, DIRIGIDA AO IRMÃO MANOEL, NO MÊS DE ABRIL DO ANO DE 1899. PUBLICADA PELA "AVOZ DE SÃO FRANCISCO" – FORTALEZA – CEARÁ, EM 17 DE MARÇO DO ANO DE 1940

"Caríssimo Irmão

Queres saber algo das coisas deste novo mundo. Eis-me aqui para satisfazer-te. Não quero limitar-me a história, mas dizer-te a pura verdade. O clima quanto ao calor é quase analogo ao da Africa; 28 graus c graus cc. O solo é diferente do da Africa; em lugar dos grandes desertos encontram-se imensas florestas, bastante férteis para serem aproveitadas. Esta terra é povoada por cristãos e índios, sempre porém distanciadas uns dos outros; os cristãos nas margens dos rios e os índios no seio da floresta.

Estou preparando uma nova Colonia de indígenas, ou para dizer melhor, estou preparando a cama aos meus caros filhos. Bem sabes que não basta trazer os meninos das florestas, mas é necessário garantir o fruto da catequese; o lugar onde atualmente estou fazendo a nova Colonia é todo ele apropriado; no meio das florestas e cercado de varias tribos, as quais frequentam a nossa casa e aproxima-se cada vez mais ao ponto que 17 familias abandonaram a floresta para morar em nossas proximidades. Tem mais isso: com quem casarão estes meninos? Com moçcas selvagens?... Seria perder o fruto da educação proporcionada ao menino; eis a necessidade de um Instituto para meninas indígenas. E graças a Deus o convento para as freiras, a casa para as meninas estão prontos, e pelo fim de Abril aqui estarão conosco, no mesmo campo de batalha; batalha verdadeiramente renhida porque situação é dificil tanto do ponto de vista moral como físico. A nossa vida está sempre em perigo. Se não fosse a proteção de Deus, eu mais frei Salvador desde o mês de agosto, já estariamos no numero dos mortos. Lembra-te daquilo que aconteceu ao P. Serafim de Gorizia? Pois bem, uma agressão igual deu-se conosco.

Presentemente tudo corre em paz.

Outra finalidade da Colonia é garantir o pão aos frades e aos

meninos, e, ao mesmo tempo dar o exemplo ao trabalho aos indigenas.

Frei Salvador está sempre ocupado em trabalhos e logo que as minhas ocupações permitem, lá estou no campo para trabalhar debaixo do sol e das chuvas e armado de pá, foice, serrote, etc. O sr. Fernando me ajuda bastante. Não poderás nunca imaginar quanto foi preciso trabalhar para fazer o convento das freiras, o colégio das meninas e a fabrica de açúcar. A cana de açúcar é o melhor trabalho que aqui existe. Já dispomos de uma máquina para fabrica-lo, máquina que no ano passado ajudou-me na despesa para os índios e as nossas.

Cada dia peço a Deus para que abençoe a nossa amada "Providencia" e nos mande muitos bons e santos Missionarios. Teu irmão

Frei Celso de Uboldo
Miss. Cap."

13 de Março de 1901.

Na doirada e tépida claridade da manhãzinha, espraiam-se as notas trêmulas do sino de São José. É o "Angelus da aurora".

Na Igreja um ciciar de preces. Padre Zacaria, devotíssimo, sobe o Altar. As Freiras se levantam, ajoelham-se e aproximam-se da Mesa Eucarística. Padre Zacarias distribui o Sacramento. As Freiras prostram-se e voltam entre as meninas. Chegam vozes longínquas e depois uma precipitação de passos, gritos selvagens e blasfemos.

O tumulto é agora na porta da Igreja. Um tiro ecôa como se fosse a explosão de um raio. Padre Zacaria tomba pelas costas.

Manoel Justino precipita-se na Igreja com o fuzil fumegante. Com ele uma orda de Índios...

Sobre todos domina a voz de Caboré: "Sangue, sangue... Quero sangue!" E o massacre se realiza.

Padre Victor quer arengar os Índios: "Vos temos sempre amado e quereis matar-nos? Aqui estou pronto! Mas poupai os outros!" Cai crivado de balas.

Padre Reinaldo e o empregado terceiro Pedro da Paullo são massacrados em casa. Padre Salvador atira-se aos campos, mas é alcançado e trucidado. O massacre extende-se. O sangue exerce uma atrativa terrível sobre aquelas feras selvagens.

Os Índios chefiados por João Caboré, Manoel Justino e Manoel Paiva, continuaram no massacre por vários dias, sacrificando, além dos quatro religiosos, um terceiro, sete freiras, também duzentos cristãos da colônia e da vizinhaça. Em seguida fortificaram-se em Alto Alegre e aí ficaram, donos absolutos, por mais de mês, repelindo as tropas que as cidades de Barra do Corda e Grajaú mobilizaram contra eles. A reação por parte do Estado foi fraca tendo influido nisso a ação da maçonaria e as testas de ferro do protestantismo.

Somente no dia 20 de Abril foi possível, ás tropas regulares, entrar em Alto Alegre; o Padre Frei Estevão juntou as relíquias dos mártires que jaziam insepultos transferindo-os para Barra do Corda. Os autores do massacre, na maioria por constituição espontânea, cairam nas mãos da justiça, a qual, no dia 26 de Junho de 1905, os absolveu como irresponsáveis.

A vingança cristã já tinha providenciado os Capuchinhos, assistindo com dedicação estes mesmos selvagens durante a prisão. Ao chefe e responsável do massacre, João Caboré, Padre Frei Roberto de Castellanza administrou, dois dias antes que o mesmo expirasse, os santos Sacramentos... É a vingança de Jesus que morre sobre a Cruz suplicando o perdão do Padre sobre os cruéis algozes... É a história de Alto Alegre convertido em Alto do Gólgota.

Transcrição de "A Voz de São Francisco", edição de março de 1951
Fortaleza – Ceará.

Como o Padre Frei Timóteo da Brescia descreve o massacre de Alto Alegre

NOTA DA REDAÇÃO

Padre Timóteo de Brescia é o Visitador extraordinário incumbido pelo Geral da Ordem Capuchinha de visitar as missões do norte do Brasil. Tal visita coincidiu com o massacre de Alto Alegre. Eis como o mesmo Padre Timóteo narra a catastrofe numa relação oficial aos Superiores maiores da Ordem; nos foi possível encontrar apenas a segunda parte da dita relação.

HISTORIA ANALIZADA DO MASSACRE

"Quando declarei acêrca dos meus co-irmãos vale também para as Irmãs Capuchinhas, verdadeiros anjos na terra, chamadas como auxiliares, as quais exercitavam aquele apostolado próprio da mulher enlevada pela Religião, educando as meninas com todos aqueles carinhos e ternura que conferem a maternidade espiritual e celestial...

Ora tamanho espírito de abnegação, de paciencia, de sacrifício de que davam exemplo os heróicos Missionários, parecia não encontrassem mais resistência no coração daqueles selvagens, alguns dos quais já se aproximavam com simpatia começando a frequentar a nossa casa, assistir ao catecismo, às funções religiosas, pedindo o santo Batismo; o Instituto povoa-se cada vez mais de meninas. Disso os Padres e as Irmãs concluiram que um futuro risonho estava garantido e que aquelas aldeias de Índios tornar-se-iam uma fervorosa comunidade de cristãos transmitindo, dessa maneira, a outros núcleos que vivem nas margens dos rios Grajaú, Mearim e Gurupi a mesma fé por eles abraçada. Mas os nossos também sonhavam pois, os bons têm seus sonhos assim como os maus: era o sonho do camponez que contempla extasiado e esperançoso o campo promissor e pensa que seus suores serão, breve, compensados por farta colheita; em seguida porém vem a tempestade e tudo destroe. Ah, não vos iludam estes sonhos, ó ceifadores de Cristo! Sobre vós já desaba a tempestade.

Era o dia 21 de março, e, eu, incumbido pelo Revmo. Pe. Geral de visitar a Missão do Alto Brasil, me encontrava em São Luiz do Maranhão, após ter visitado as residências do Pará; achava-me acamado com feridas e febre, quando foi-me comunicado um telegrama dirigido ao Governo do Maranhão, e mais outros Picos por parte do P. Estevão de Sesto São João que me comunicavam o massacre levado a cabo pelos Índios. Desatei num choro; e lembro-me que chorando despachei a desoladora notícia para a Itália. Não me sendo possível viajar autorizei o meu companheiro e co-visitador P. Frei Giovanni de Milão que seguiu com P. João Pedro Superior do Carmo no Maranhão, acompanhados por uma força regular de soldados organizada pelo governo; eu soube dos pormenores da catastrofe: são cenas selvagens cenas de horror e de sangue. Eram as cinco horas do dia 13 de março, e no momento em que o Padre Vitor estava dizendo as preces costumeiras que seguiam a celebração do Santo sacrifício da Missa, aos pés do Altar, no vão da pequenina Igreja onde encontravam-se reunidas as Freiras com as meninas reboou com grande estampido um tiro de fuzil: ouviu-se o sibilar da bala que atingiu a cabeça do P. Vitor, o qual caiu sem vida. As Freiras bradando, fogem espavoridas para os próprios apartamentos arrastando consigo as meninas. Mas eis que uma orda de selvagens armados com punhais e facões arrombam o portão que, dentro da Igreja, separa as Freiras do povo, precipitam-se com fúria selvagem sobre o corpo, talvez ainda vivo, do P. Vitor crivando-o de facadas, em seguida atirarem-se sobre as moças que se abraçavam às Freiras gritando com uma voz que haveria de partir as pedras e sufocada por um choro imenso: "não matai, não matai as nossas freiras, as nossas mães...", Mas o que poderia sobre o coração dos homens cruéis e ferozes o pranto e os esgares daquelas pobres meninas? Elas foram arrancadas das Freiras e trancadas dentro de um quarto que reboava de prantos e gritos, enquanto aqueles tigres perseguiam e acoavam as Freiras que fugiam enlouquecidas pelo medo para cá e para acolá, massacrando-as, uma por uma, com facões; as que não davam mais sinal de vida vinham, por outros Índios, arrastadas para uma vala aberta no terreiro; uma delas morreu murmurando o santo Rosário iniciado, fazia pouco, na Capela.

O segundo ato deste drama macabro oferece o hediondo massacre dos PP. Missionários. Padre Zacaria que rumava para a Capela afim de celebrar o santo Sacrifício da Missa é prostrado morto por numerosos tiros de fuzil; Frei Pedrinho que se encontrava enfermo na rêde, é golpeado por punhaladas ao coração. Notaram, os

Índios perversos, a ausência de Padre Rinaldo e da Superiora das Freiras, irmã Inez de Rovagnate, os quais mantinham-se ocultos esperando que caisse a noite para subtrairem-se ao massacre. Inutilmente. Foram descobertos e truciados com estudada barbarie, e, em seguida lançados na vala comum. Deve-se notar que os Índios tinham entupido com barricadas de árvores cortadas os caminhos de Grajaú e de Barra obrigando os cristãos a transitarem por um caminho aberto propositalmente afim de surpreendê-los com armadilhas e liquidá-los com frechas e balas; alguns cristãos foram torturados, trespassados por paus afiados e uma senhora foi estraido o figado e uma vez assado, devorado pelos mesmos.

Transcrição de "A Voz de São Francisco", edição de março de 1951. Fortaleza — Ceará.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org

RELAÇÃO DE PESSOAS SOBREVIVENTES DA ÉPOCA DO MASSACRE, AS QUAIS FORAM OUVIDAS PELO AUTOR EM SUAS DERRADEIRAS PESQUISAS

LUZIA DE ARAUJO FRANCO
residente em Barra do Corda, com 81 anos.

OLÍMPICO RIBEIRO FIALHO
engenheiro e professor aposentado, filho do então chefe político na época do massacre, Fortunato Ribeiro Fialho. Residia em S. Luís, onde faleceu recentemente.

ALMIR SILVA
ex-deputado estadual e antigo tabelião público do Cartório do Registro Civil, em Barra do Corda, falecido recentemente. Foi casado com Teresa de Freitas, a menina de três anos de idade, filha do vaqueiro Pedro Freitas, que fugiu de Alto Alegre na madrugada do dia 13 de março de 1901.

ISMAEL SALOMÃO, ex-deputado estadual e ex-diretor do jornal "O Norte", em sua última fase de circulação. Residente em Barra do Corda.

FRANCISCO MENDES CAVALCANTE
comerciante aposentado. Residente em Barra do Corda.

MESSIAS CUTRIM DOS SANTOS
mecânico e marítimo aposentado. Recentemente falecido em Barra do Corda.

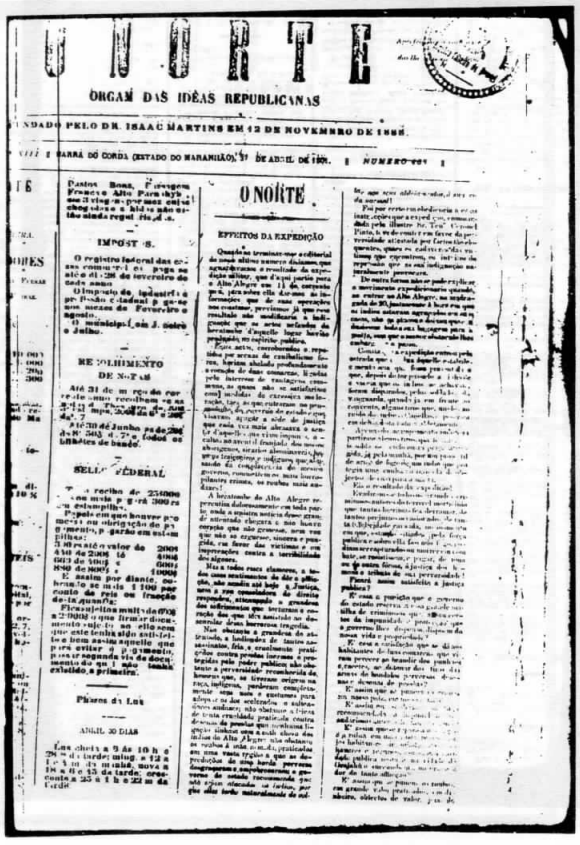
ARDALIÃO AMÉRICO PIRES
político e proprietário, residente em Barra do Corda.

JOÃO MARTINS
lavrador aposentado, filho do então fazendeiro Francisco Martins, antigo proprietário da Fazenda Descanso, onde se verificou o primeiro combate contra os índios.

EULINA MOREIRA
antiga professora em Barra do Corda, pirma de Perpetinha Moreira, a qual estudou com ela em Alto Alegre, no Colégio de São José de Providência. Ainda vive, atualmente residindo em Brasília, com a idade de 96 anos.

MARIA SANTANA MENESES DA SILVA, falecida, recentemente, com 92 anos de idade.

DOCUMENTAÇÃO



O NORTE

ORGAM DAS IDÉAS REPUBLICANAS

FUNDADO PELO DR. ISAAC MARTINS EM 12 DE NOVEMBRO DE 1888.

ANNO VIII | BARRA DO CORDA (ESTADO DO MARANHÃO), 27 DE ABRIL DE 1895. | NUMERO 401

O NORTE.

EFFEITOS DA EXPEDIÇÃO

Quando se tramava nas columnas d'este jornal a revolução de Alto Alegre em 11 de corrente, já nos sobravam informações que de nada operações nos cumpriu previnir. Si que essa resolução não modificaria o bello ideal que se acha no coração de todos os brios, e que se chama a honra, a dignidade, os sagrados direitos do cidadão, a liberdade emfim!

Nas ultimas eleições, e repetidas por occasião de cambiarem-se notas, havia abalado profundamente a corrupção de duas comarcas. E nada pelo horrores de vandalismo com mesmo, as quaes não se satisfazem com medidas de excessiva moderação, tem ao que parece, em preparação, de correrem de estado e que nada vos mais abrasará o seu (Cayenne) das vis impunes e a salvo, ao nivel do ignobil, dos novos abrigantes, senão abominavel, para que inteiramente e indignos que, abrigando-se com a sombra de novos governos, remontem-se aos mais horrorosos crimes, se verdes mais audazes!

A lembrança do Alto Alegre representa dolorosamente em toda parte, onde a opinião notou deste grande attentado chegava a não haver coração que não gemesse, nem rosto que não se erguesse, sincera e pungida, em favor das victimas e em imprecações contra a terrabilidade dos algozes.

Nas todos esses clamores, a todos esses sentimentos de dôr e afflicção, não sendo até hoje a Justiça a voz reparadora do direito ofendido, attendendo a grandeza dos soffrimentos que levitaram a reacção dos que têm annullado no desenrolar desses horrorosos tragedia.

Nas obscuras e grandeza de atrocidades, feia, e evidentemente praticadas contra pessoas inermes e privilegiadas pela lei, pode e publico não obstante a perversidade reconhecida da maneira que, se tivessem origem na raça, intelligencia, poderosos complexos, sendo uns mais e quebrantos para alguns e os das soffrenças e sobretudo ainda, não obstante a força de toda evidencia, praticada contra direitos de pessoas que não tinham fazer mais do que a mais chocas dos os vultos de Alto Alegre não obstante, em uma vasta região e que se desprendem de uma horda perversa, degregados e envilecidos, e perversos de estado recommenda que até agora olvidado se tenha, e que ainda uma horda miserabilissima de ex-

Pastos Bons, 7 de agosto. Francisco Alves Pereira Lopes, vulgo Chico Alves, prometteu a Alfredo Pereira Lopes, vulgo Chico Alves, que o mataria logo que o encontrasse.

IMPOSTOS.

O registro federal dos estabelecimentos commerciaes e de agencias acha-se aberto até 30 de novembro do corrente anno.

O imposto de industrias e profissões é cadastral e paga-se nos mezes de Fevereiro e agosto.

O municipio (vide 3 datas) e Julho.

RECOLHIMENTO DE NOTAS

Até 31 de março do corrente anno recolhem-se as notas de 1$ réis, 2$, 5$, 10$, 20$, 50$ e 100$ réis.

Até 30 de Junho recolhem-se as de 200$, 500$ e 1:000$ réis.

Todos os bilhetes de banco.

SELLO FEDERAL

Todo recibo de 25$000 réis ou mais paga 300 réis de estampilha.

Pagará em que houver promessa ou obrigação de pagamento, e garda em selos geraes:

3:000$ réis o valor de 2$000 até de 2:000$ 1$ 400$
de 2:001$ até 5:000$ 600$
de 5:001$ até 10:000$ 1:000$

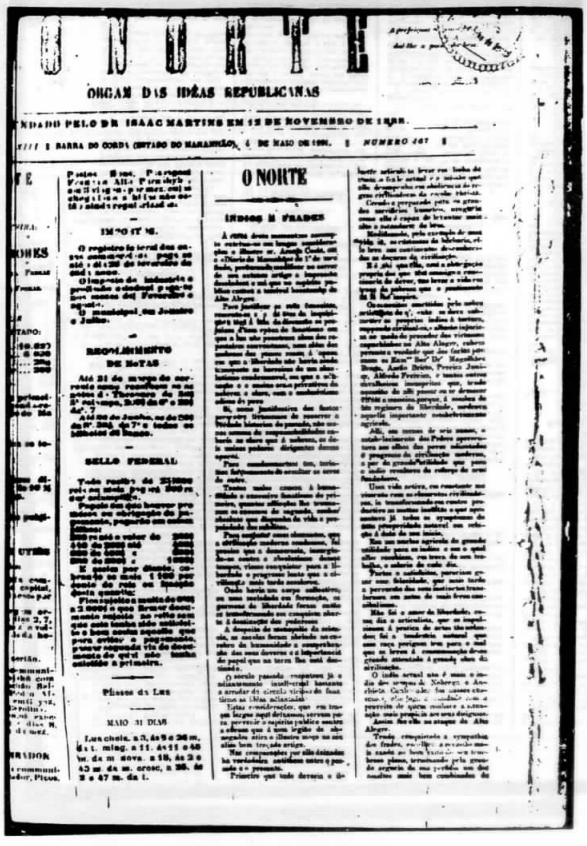
E assim por diante, augmentando 1$ até 1:100$ por cada 1$ réis ou fracção de 1$ quantia.

Ficam julgadas multadas em 3:000$ os que lavrar documento sujeito ao sello sem que este tenha sido sellado e o dito sello aquelle que para evitar o pagamento, para ser segunda vez do documento do que é não tenha sellado a primeira.

Pisos da Lua

ABRIL 30 DIAS

Las cheia a 9 de 10 h e 26 m da tarde; ming. a 12 de 5 h e 10 m da manhã, nova a 18 a 6 h e 13 da tarde; crescente a 25 a 1 h e 22 m da tarde.



O NORTE

ORGAM DAS IDÉAS REPUBLICANAS

FUNDADO PELO DR. ISAAC MARTINS EM 12 DE NOVEMBRO DE 1888.

ANNO VIII | BARRA DO CORDA (ESTADO DO MARANHÃO), 4 DE MAIO DE 1895. | NUMERO 407

O NORTE

INDIOS E FRADES

IMPOSTOS.

O registro federal dos estabelecimentos commerciaes e de agencias acha-se aberto até 30 de novembro do corrente anno.

O imposto de industrias e profissões é cadastral e paga-se nos mezes de Fevereiro e agosto.

O municipal nos mezes de Janeiro e Julho.

RECOLHIMENTO DE NOTAS

Até 31 de março do corrente anno recolhem-se as notas de 1$ réis, 2$, 5$, 10$, 20$, 50$ e 100$ réis.

Até 30 de Junho, as de 200$, 500$ e 1:000$ réis.

Todos os bilhetes de banco.

SELLO FEDERAL

Todo recibo de 25$000 réis ou mais paga 300 réis de estampilha.

Pagará em que houver promessa ou obrigação de pagamento, e garda em selos geraes:

3:000$ réis o valor de 2$000 até de 2:000$ 1$ 400$
de 2:001$ até 5:000$ 600$
de 5:001$ até 10:000$ 1:000$

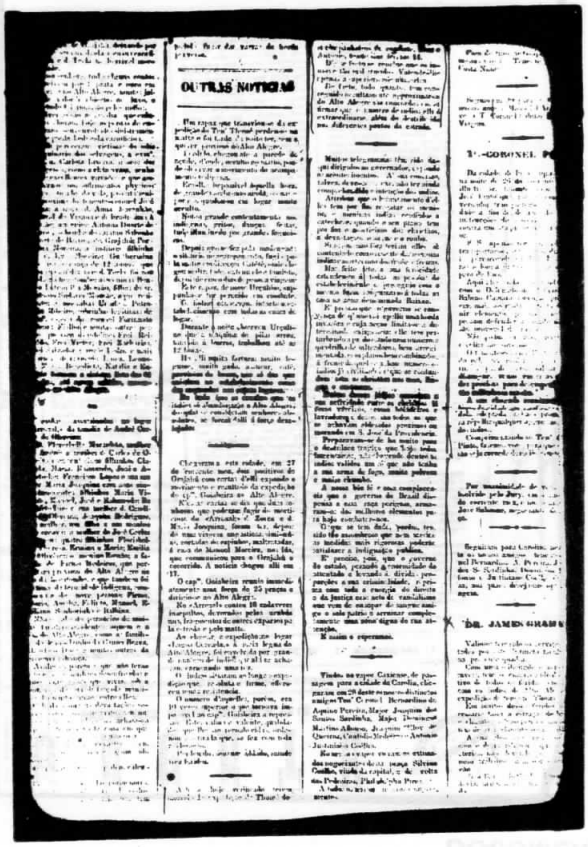
E assim por diante, augmentando 1$ até 1:100$ por cada 1$ réis ou fracção de 1$ quantia.

Ficam julgadas multadas em 3:000$ os que lavrar documento sujeito ao sello sem que este tenha sido sellado e o dito sello aquelle que para evitar o pagamento, para ser segunda vez do documento do que é não tenha sellado a primeira.

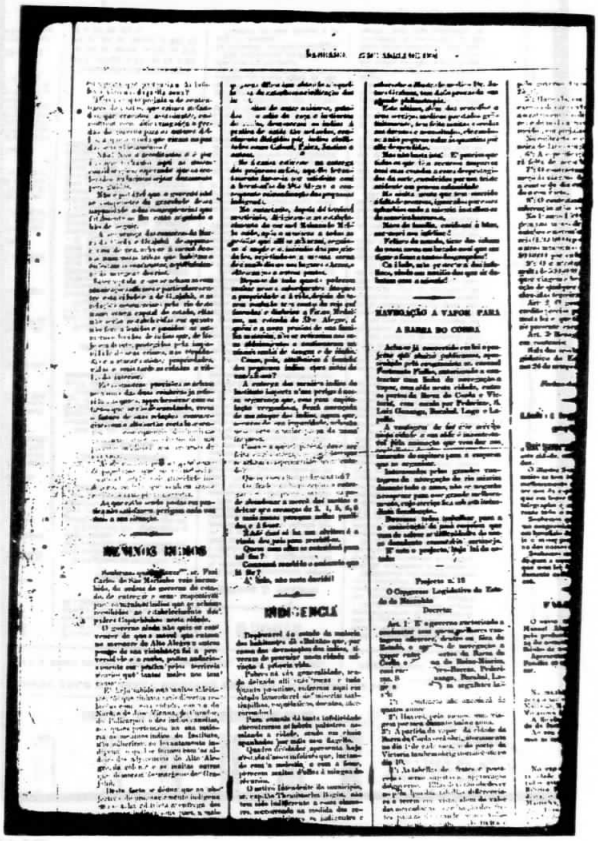
Pisos da Lua

MAIO 31 DIAS

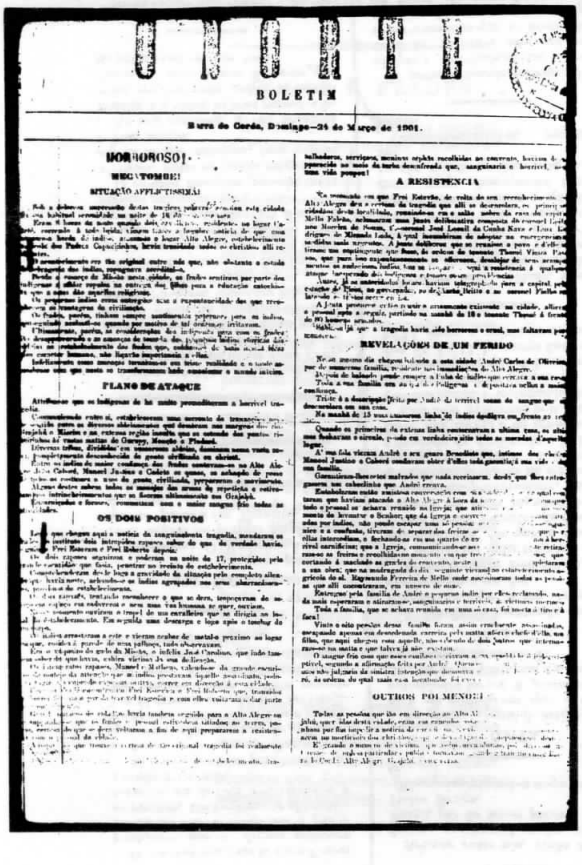
Las cheia. a 3, às 9 e 26 m. 4 c. ming. a 11, às 11 e 48 m. da m. nova. a 18, às 3 e 43 m. da m. cresc. a 26, às 2 e 47 m. da t.



OUTRAS NOTICIAS



O NORTE



O NORTE

BOLETIM

Barra do Corda, Domingo—26 de Março de 1901.

HORROROSO!

O NORTE

ORGAM DAS IDÉAS REPUBLICANAS

O governo catharinense e o «Reverendo» que os dignos militares incumbidos de restituir-nos a paz e a tranquillidade tão barbaramente alteradas, deixarão na devida consideração e grande apreciação.

Si temos motivos para confiar no criterio e tino politico do Sr. Dr. Lauro Severiano Muller, ministro da viação, que aqui é tão grandemente estimado, e cujo talento e capacidade administrativa todos lhe reconhecem, estamos certos de que s. exc. não deixará de dar ao governo do estado as providencias que forem reclamadas pelo caso.

Ao illustre ministro, que tão bem se tem havido na pasta que lhe foi confiada, e ao governo do estado, que tão bem tem sabido corresponder á confiança que em si depositou o governo federal, os nossos sinceros parabens.

IMPRENSA

Recebemos O Municipio, o importante orgam do partido republicano que se publica em Baturité, estado do Ceará.

Agradecendo a sua visita a retribuiremos.

FALLECIMENTOS

Cartas recebidas do Castanhal, estado do Pará, pelo major Luiz Leite, trouxeram a triste noticia do fallecimento de seu cunhado, nosso presado amigo Sebastião Joaquim Claro de Araujo Sampaio, que para alli havia transferido sua residencia.

Chefe de numerosa familia e da qual era o unico arrimo, a sua morte é mais uma verdeira fatalidade para aquelles que encontravam n'elle o amparo indispensavel á vida.

O capitão Sampaio possuia raras virtudes, entre as quaes sobre-sahiam as de paz extremo, bom esposo e bom amigo.

Ao seu cunhado, á sua desolada familia e a todos os seus parentes feridos por esse rude golpe, apresentamos os sentimentos de pesar que de peito tanto em nós toca.

Nesta cidade falleceu em 7 do corrente mez o capitão Raimundo Alexandre Arruda, irmão do cassitá [illegible]

Acha-se entre nós, vindo de Pedreiras, o estimavel sr. Ignacio José Braga, pae do nosso presado amigo Pedro Braga.

Cumprimentamol-o respeitosamente &c.

PRATA

Na primeira parte do artigo de fundo e no periodo em que se lê—as autoridades locaes *& pintaram á s. exc.*—lê-se pintaram á s. exc. o governador do estado &.

A horrorosa hecatombe do Alto Alegre faz hoje o seu trigessimo dia de luto e de dor.

Acontecimento assombroso, cheio das peripecias mais tragicas, drama sanguinolento em que se desenvolveram scenas tocantes de desespero e agonia em actos lugubres da mais desenfreada perversidade, ha-de eternamente perdurar na memoria da humanidade como o sacrificio mais estupendo da civilisação e da lux em favor das trevas e da ignorancia.

Está hoje verificado pela combinação dos factos e testemunho de pessôas que poderam escapar do terrivel morticinio, que a hecatombe só deu no dia 13 de março findo e não ha 14, como a principio suppoz-se.

Acha-se nesta cidade, vindo da capital o Rever^mo. Frei João, da ordem dos capuchinhos, visitador das missões estabelecidas ao norte do Brazil e Frei João Pedro pertencente á mesma ordem e que ha alguns annos desempenha funcções de sua missão no Convento do Carmo.

Comprimentamol-os respeitosamente.

O nosso estimado collega «O Municipio,» referindo-se em o seu n°. de 2 do corrente mez aos tristes acontecimentos que se desenrolaram no Alto Alegre, associa-se ao grande pesar do povo barra cordense por essa calamidade que tanto o tem

OS INDIOS

As ultimas noticias do acampamento militar no Alto Alegre nos tem sido transmittidas por particulares, que d'alli tem vindo a esta cidade, ou por praças que, de passagem, se dirijem a Picos, conduzindo telegrammas do commandante das forças alli estacionadas.

Officialmente, nada aqui consta ás autoridades locaes.

O Reverendo frei Carlos, que d'alli voltou na semana passada, trouxe dos horrores d'aquello lugar as impressões mais profundas.

Chegou abatido, pensativo, extremamente commovido.

Percorrendo o extenso scenario do grande crime, encontrou em cada passada novos traços a avivar-lhe na idéa as imagens da pavorosa tragedia que alli se desenrolara.

No grande barreiro, que servio de valla commum aos trucidados no convento e igreja, via-se, mal cobertos pela terra, craneos, braços, membros separados dos corpos que alli tombaram mutilados pela mão impiedosa dos selvagens.

Na igreja, junto ao altar, foram assassinados Frei Victor e seu acolyto.

Os vestigios da lucta estão alli bem patentes.

Nos assoalhos da igreja e convento notam-se largas manchas de sangue, ora circumscriptas a um só ponto, ora seguindo o movimento das victimas em fuga ás mãos dos algozes.

O NORTE

INDIOS E FRADES

A essa deste momentoso assumpto externa-se em longas considerações o illustre sr. Araujo Costa, em o «Diario do Maranhão» de 1° do mez findo, procurando modificar no correr de seu extenso artigo a impressão desoladora e má que no espirito publico causou a terrivel hecatombe de Alto Alegre.

Para justificar os seus conceitos, remonta-se s s ás éras da inquisição e traz á lúa da discussão os prejuizos d'essa epoca de fanatismo em que a lux não penetrara alem dos reposteiros conventuaes, nem além dos umbraes dos passos reaes; á epoca em que a liberdade não havia ainda transposto as barreiras de um absolutismo condemnavel, em que a educação e o ensino eram privativos da nobreza e clero, com o exclusivismo odioso do povo

Si, como justificativa dos factos presentes tivessemos de recorrer a verdade historica do passado, não menos somma de responsabelidades caberia ao clero que á nobreza, os dois unicos poderes dirigentes dessas epocas.

Para condemnarmos um, teriamos forçosamente de occultar os erros do outro.

Tantos males causou á humanidade o excessivo fanatismo do primeiro, quantas afflicções lhe trouxeram os excessos do segundo, senhor absoluto que dispunha da vida e propriedade dos subditos.

Collaboração

INDIOS E FRADES

(Conclusão.)

O systema de educação e instrucção, seguido pelos missionarios capuchinhos, não nos conquistou, porém, todos os nossos melhores e mais decisivos applausos, porque, tanto que o estudamos em todas as suas linhas, reconhecemol-o saturado de uma forte dose de fanatismo religioso, cuja intransigencia é bem significativa para nos persuadir que aos jovens indios seria furtada uma bôa somma de conhecimentos scientificos, tão indispensaveis aos que hoje adquirem a mais rudimentar instrucção e com os quaes se não compadecem vetustos principios inspirados, ha seculos, pela religião de seus educadores—os frades. Todavia, na impossibilidade quasi absoluta de offerecer aos seus afilhadinhos uma outra instrucção em que se seguisse um methodo mais consentaneo com o que nos aconselha a moderna sciencia pedagogica, fóra da influencia exclusiva de uma seita ou doutrina, e uma vez que nos foi possivel verificar que se iam realisando nos-

O NORTE

A HECATOMBE!

Repercurtem ainda com o mesmo som lugubre do primeiro momento, os episodios sanguinolentos e tetricos da scena de cannibalismo q' se desenrolara ás 5 horas da manhã de 13 do corrente mez, no logar Alto Alegre.

A' hora matinal, hora de profundo recolhimento para os martyres da fé, esses que sacrificam em honra do dever e em nome de um ideal as seducções todas da vida material, desceu o genio do crime, sob a inspiração terrorista do mal, a saciar, sedento e cruel, em victimas inermes os desejos de uma uma vingança ignominiosa, alimentada pelas fêses da ignorancia em lucta de encontro a luz, accento caracteristico de todos os tempos!

A HECATOMBE

Os dias passam-se tresendo nos minutos que de si decorrem momentos mais sombrios para os que vão colhendo os pormenores da horrorosa hecatombe de 13 de Março.

O tempo, que tudo apaga, poderá occultar nas dobras de um cyclo acontecimentos assombrosos, factos tragicos, scenas de luctas religiosas que diminuam de valor perante as causas que as dominem; não poderá, porém, apagar jamais o sentimento de indignação que accendeu na alma popular esse acto de ferocidade tragica que ensopou de sangue humano o solo amigo.

O capitão Goiabeira que em dever de sua missão correu ao logar do sinistro morticinio e que aqui veio [illegible] do Alto Alegre a perigosa horda que alli se acha installada, trouxe d'aquelle quadro horroroso as mais compungentes impressões!

O NORTE

ORGAM DAS IDÉAS REPUBLICANAS

FUNDADO PELO DR. ISAAC MARTINS EM 12 DE NOVEMBRO DE 1888

BARRA DO CORDA (ESTADO DO MARANHÃO) 27 DE ABRIL DE 1901 — NUMERO

IMPOSTOS

O NORTE

EFFEITOS DA EXPEDIÇÃO

Quando ao terminarmos o editorial do nosso ultimo numero diziamos que aguardavamos o resultado da expedição militar, que d'aqui partio para o Alto Alegre em 11 do corrente mez, para sobre ella darmos as informações que de suas operações nos constasse, previamos já que esse resultado não modificaria a indignação que os actos nefandos da [illegible]

BOLETIM

Barra do Corda, Domingo—24 de Março de 1901.

HORROROSO!

HECATOMBE

SITUAÇÃO AFFLICTISSIMA

A RESISTENCIA

REVELAÇÕES DE UM FERIDO

PLANO DE ATAQUE

Fragmentos de um relatório escrito por Marcelino César de Miranda, possivelmente, entre 1914 e 1920. O autor do relatório foi, em Barra do Corda, Encarregado da Vigilância aos Índios, repartição pública que na época cuidava da defesa dos interesses dos índios na região de Barra do Corda e Grajaú. O documento foi encontrado entre os papéis do arquivo pessoal de Raymundo Nonato Miranda, filho de Marcelino César de Miranda. Raymundo Nonato Miranda, já falecido, foi, durante mais de 30 anos, Inspetor de Índios do extinto Serviço de Proteção aos Índios.

Em 3 de Maio de 1895, chegou á Barra do Corda o frade Carlos de São Martinho, superior dos ~~ca~~ frades capuchinhos no Norte do Brasil, tendo aberto missão o que summamente agradou aos Barra-Cordenses, que diversos delles, ~~ao retirar-se o frade Carlos, para a Capital~~, pediram-lhe ~~voltasse á Barra do Corda~~ ~~um vigo~~ voltasse á ~~Barra do Corda~~ esta cidade, ou trouxesse-lhes um ~~vigario~~ frade para serem vigario ~~desta cidade~~ da Barra do Corda. ~~Em 5 de Maio de 1896~~, Depois de ter contractado com o Governo do Estado, ~~a catechese dos~~ que era então o senhor Belfaste Vieira, a catechese dos indios, chegou novamente á esta cidade, ~~a~~ a 5 de Maio de 1896, o referido frade Carlos de São Martinho, trazendo em sua companhia o frade Leigo Vicente, e o frade Celso para vigario de Barra do Corda. Aqui chegando frei Carlos tractou de comprar a casa do senhor Francisco de Mello Albuquerque, para Convento dos Capuchinhos, que ~~logo vier~~ mais tarde deviam vir como fossem frei Affonso, frei Zacharias, frei Reinaldo, frei Victor frei Salvador, frei Estevam e outros que depois vieram, ~~Cuja casa~~ Essa casa é hoje o Convento das freiras. As condições do contract - [illegible]

[illegible] era a de fundarem [illegible]
[illegible] agricola, com os
[illegible] elles frades o direito de uso fr[illegible]

dos indios, era a de fundarem uma
colonia agricola, com os selvicolas,
[illegible] o elles frades o direito de uso
~~[illegible]~~, com obrigação de e[illegible]
as crianças indigenas, para [illegible]
deveriam fundar um Collegio d[illegible]
ção, ~~[illegible]~~ Para isto precisavam
frades de um logar apropriado,
~~compraram~~ pelo que, comp[illegible]
[illegible] Carlos, o Alto Alegre de [illegible]
do Ceareuse, tendo o Governo ~~[illegible]~~
cedido-lhes mais alguns terrenos
do Estado, contiguos áquelles. [illegible]
dispostas as cousas, foi, em [illegible]
junho do referido anno de 1896,
[illegible] aquella ~~[illegible]~~ a Colonia, pelo
Carlos, indo Raymundo Ceareu[illegible]
dir no logar Pariz. Alli no alto
[illegible] os frades ~~[illegible]~~
~~[illegible]~~ uma igreja e outros [illegible]
predios, para convento dos mesmos,
collegio ~~[illegible]~~ para habitação de civilisados
indios. Fundaram uma lavou[illegible]
intensa, ~~de canna, arroz, milho~~ [illegible]
a e tudo o mais, ~~[illegible]~~ Eng[illegible]
[illegible] ~~[illegible]~~ para beneficiação de
[illegible] de assucar, bolandeira para [illegible]
[illegible] carelhos os mais moder[illegible]
[illegible] Cassia um [illegible]

deu-se o ataque, matando frades e freiras
e praticando toda a crueldade, cousa na-
tural na guerra. Ás 5 horas do dia 15,
atacaram Pariz de Ceareuse, matando as
pessoas, saqueando e incendiando a casa.
Em 16, atacaram a Lagôa do Arroz, matando
as mulheres e a maioria dos homens, esca-
pando pela fuga, José Carlos e Andre
Carlos, feridos. Raymundo Ceareuse, esta-
va nesta cidade, escapou. Morreram
outros moradores e alguns viajantes, que
ignoravam aquelle estado de guerra.
Duas moças de Ceareuse escaparam pela
fuga, indo ter a Grajahú. Caboré
mandou aviso a todas as aldeias, que
comparecessem, sob pena de morte.
tendo apenas recusado-se José Vianna
e José Narú, escondendo-se em logares
remotos. José Vianna trouxe em 16 de
Março de 1901, aviso a esta cidade.
Logo diversos Cavalheiros seguiram
para o Alto Alegre, entre estes, Sabino
Camara, Miguel Belles, Themistocles,
Bogéa, e muitos outros, tendo voltado
de distancia de 24 kilometros, por ~~[illegible]~~
~~[illegible]~~ reconhecerem ser infructiferas.

uma ida áquella Colonia, onde ~~...~~ já não existiam os indios, que ~~pois~~ esto os trucidariam.

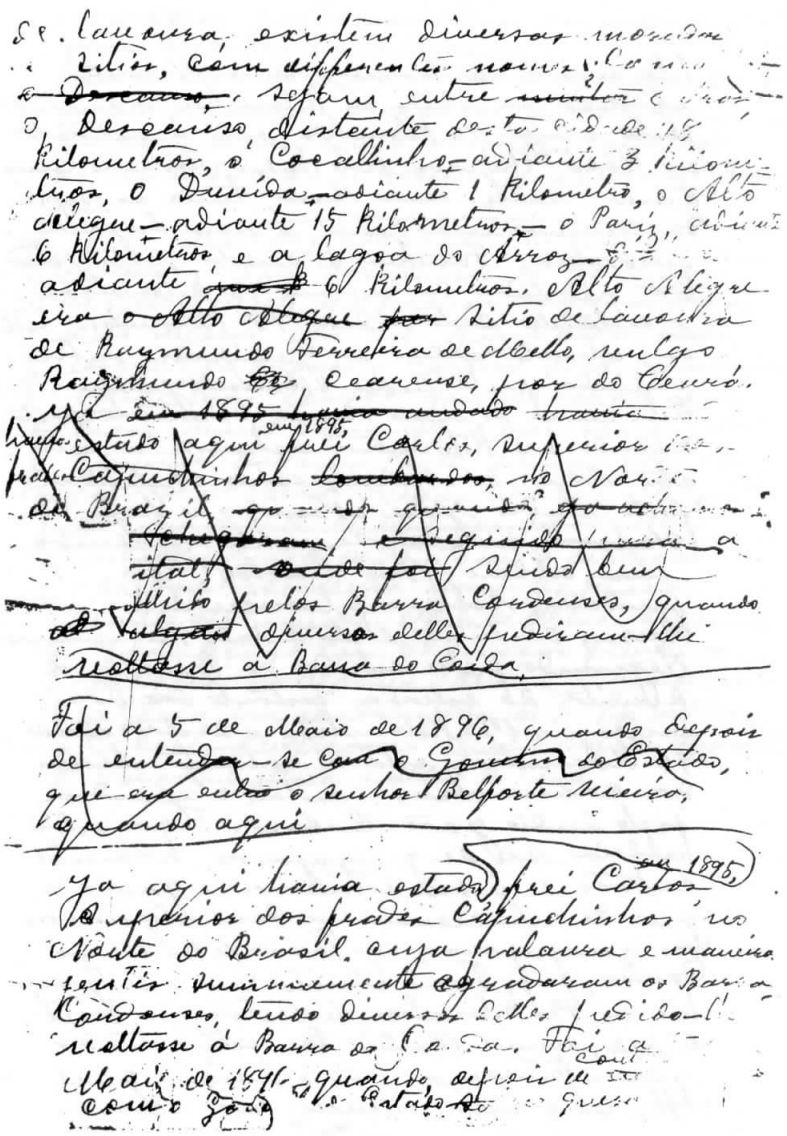
Expedição do Thoyé, ~~24 de Março~~ sahiu de a 20 de Março. Chegou ao Alto Alegre (Bacanes), onde pouco adiante encontrou os indios e bem assim Goiabeira ao ... ri.

Maiano: Raymundo Conceição.

Chegada aqui, das forças do Governo, 1º de Abril (1901), 40 praças, commandadas pelo Alferes Manoel Gonçalves. ~~...~~ Aqui já estava o Coronel Pinto, Commandante das forças que se achava em Picos, vindo para aqui por ordem do Governo. Seguiu Pinto, para o Alto Alegre em 20 de Abril. Chegou ao Alto Alegre ~~na noite de 27 para 28~~ na madrugada de 28. Em 3 de Maio chegou Goiabeira com 40 praças vindo de Guajahú. A 6 de Maio seguiu Goiabeira, com 60 praças para a aldeia da Canna-brava, entrando na aldeia na madrugada de 7. Já estava Cabaré, fugiram. Em 9 seguiu Manoel Gonçalves, para a aldeia do Côco.

Sahiu Gonçalves ... com 50 praças, no Côco.

Pela estrada do Baixão, rumo Noroeste, afastada da estrada 24 kilometros, e distante ~~desta cidade~~ 96 kilometros, está a extincta do Côco, então chefiada pelo indio Antonio Correa Lima, sobre uma serra, tendo ao sopé da mesma um cocal, e uma lagoa proxima. Tambem á direita desta estrada, afastada da mesma 12 kilometros, e distante desta cidade 78 kilometros, está a extincta aldeia do Genipapo, então chefiada pelo indio Manoel Justino. Em cima de uma serra, distante desta cidade 24 kilometros acha-se a extincta aldeia do Naré, então chefiada pelo indio José Naré, que hoje ~~...~~ se acha residindo na aldeia "São Carlos", por ... fundada, sobre a planicie de uma serra, distante desta cidade 12 ... Seguindo pela estrada do Baixão, á direita da estrada, distante ~~...~~ da mesma 12 kilometros, e desta cidade 96 kilometros, está a extincta aldeia da Canna-brava, então chefiada pelo indio João Cabaré. Todas estas aldeias são de guajajaras, havendo outras de indios timbiras e gaviões que se relacionavam com alguns dos guajajaras no Termo de Barra do Corda, cujo Termo limita com o de Guajahú, a 420 kilometros de distancia desta cidade, rumo Oeste. Por esta estrada que atravessa ... o baixão que lhe dá o nome, a mais rica, ...



FONTES CONSULTADAS

ABREU, S. FRÓES, Na Terra das Palmeiras.

BARTOLOMEU, de Monza, II Massacre di Alto Alegre.

FIGUEIRA, Frederico. Jornal O NORTE, de Barra do Corda, (1901, 1902, 1903, 1904 e 1905.)

CONDURU, Felipe de (Dom). História Eclesiástica do Maranhão.

LOPES, Raimundo. Uma Região Tropical.

METÓDIO DE NEMBRO. O.F.M. Cap. São José de Grajaú, a Primeira Prelazia de Maranhão. Notas sobre os índios da Prelazia de Grajaú.

CUNHA, Plautus. Massacre de Frades e Freiras em Alto Alegre, no Estado do Maranhão em 13 de março de 1901.

PIRES, Luís. A Hecatombe de Alto Alegre.

OLIVEIRA, Antonio de. "Maranhão Sobrinho".

ABREU, Justino Soares de. De um velho arquivo.

MIRANDA, Marcelino Cézar de. Fragmentos de um velho relatório.

SAN — ARTES GRÁFICAS LTDA.
CLS 414 — BLOCO C — LOJA 9/15
FONE: 243-0206 — 243-3996 —BRASÍLIA — DF

LITERATURA

os índios, a luta e a poesia de OLÍMPIO CRUZ

(Antonio Carlos Lima)

"Todos os anos, ainda hoje, lá muito distante, às margens do lendário Gurupi, sempre pelo mês de março, à beira dos lagos, às margens das lagoas e ao centro da mata, aparece uma grande garça diferente das outras da região voando sobre as árvores mais altas e floridas, como se estivesse procurando algo que jamais pôde alcançar, por fim desaparecendo para o lado dos ingremes barrancos do rio, sobre um lugar sombrio onde as flores das sapucaieiras derramaram constantemente o perfume da solidão que amortece alma das coisas esquecidas, sempre mergulhadas ... abandono

... o autor de "CAUIRE ... deste é menos ... inti-

Ataque das tropas aos índios refugiados

Olímpio Cruz, depois das caminhadas pelo sertão

SUPLEMENTO

Tephkahóre

Olímpio Cruz

Segundo Caderno

Sertanista e Poeta

Perpétua

os índios, a luta e a poesia de OLÍMPIO CRUZ

Ataque das tropas aos índios refugiados